AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todas as pessoas, alunos e amigos, cujos estímulos e esforços contribuíram direta ou indiretamente para o sucesso do programa Expedições pelo Mundo da Cultura e cuja presença indelével está nas entrelinhas de cada parágrafo deste livro.

Agradecemos ao SESI, à ABRH, à Klabin, à Volvo e aos seus colaboradores não apenas pelo apoio material, mas pelo entusiasmo, envolvimento e dedicação com que nos acompanharam durante todo este processo.

Agradecemos a todos os que cederam materiais, se mobilizaram e trabalharam pelas transcrições, das mais variadas maneiras. Agradecemos a Bruno Floriani e a Pâmella Stadler pelo seu envolvimento direto com as transcrições. Registramos em especial nossa gratidão para com Andréa de Oliveira Jaques e para com Carlos Nadalin, sem os quais este esforço não teria sequer começado.

Agradecemos ainda aos amigos Carlos Jaime Loch e Paulo Briguet pelo tempo e talento a nós devotado.

Família Nasser

OS FILHOS DE MONIR

José Monir Nasser foi o pai intelectual de muita gente. Todos se tornavam alunos diante dele. Era um educador no sentido verdadeiro da palavra: ex ducare, conduzir para fora. Suas aulas sobre os grandes clássicos literalmente conduziam os ouvintes para fora da caverna da ignorância, mostrando-lhes a luz pura e espiritual do conhecimento. Virgílio de tantos pequenos Dantes, que antes de conhecê-lo não conheciam a comédia de erros das próprias vidas, ele comprovou que o mundo da criação literária e o mundo da criação de riquezas não estão separados, mas fazem parte de um mesmo princípio, essencialmente espiritual.

PAULO BRIGUET

PATROCÍNIO

LEI DE INCENTIVO À CULTURA

VOLVO

Klabin

REALIZAÇÃO

SESI

MINISTÉRIO DA CULTURA

BRASIL

EXPEDIÇÕES PELO MUNDO DA CULTURA VOLUME 8

Memórias Póstumas de Brás Cubas

Os Noivos

ENCONTROS COM O PROFº JOSÉ MONIR NASSER

EXPEDIÇÕES PELO MUNDO DA CULTURA **VOLUME 8**

JOSÉ MONIR NASSER

(1957-2013)

Economista, escritor, editor e pintor, fundou a empresa de consultoria AVIA Internacional e a Tríade Editora. Foi consultor de estratégia em inúmeras organizações de porte nacional e consultor de desenvolvimento regional. Escreveu "A Economia do Mais" e "O Brasil que Deu Certo", ambos pela Tríade Editora.

Memórias Póstumas de Brás Cubas

Os Noivos

Escrever o Prefácio de Expedições pelo Mundo da Cultura não é somente escrever uma página para iniciar o livro e instigar sua leitura. É escrever sobre uma viagem por mundos a serem descobertos a cada volume, em cada história que se apresenta página após página, personagem a personagem, cenário após cenário. É escrever sobre uma viagem que permite nos transportarmos de espaços inusitados para o racional e o imaginário; que nos dá oportunidade de sair do lugar comum para lugares consagrados da literatura clássica.

Quando se busca o significado da palavra expedição, encontra-se como uma de suas definições: conjunto de pessoas que viajam para um determinado território, com o objetivo de analisá-lo. Foi isso que Monir Nasser nos proporcionou durante quatro anos de parceria entre ele, ilustre intelectual, e o Sesi Paraná. Momentos únicos nos quais conhecimentos foram compartilhados e viagens por destinos diversos foram realizadas, modificando o olhar que temos de nossa realidade, dando-nos condições de ampliar nossa visão de mundo.

Ao todo se somaram 92 possibilidades de expedições, mediadas por ele, que levaram os participantes dos encontros por um mundo indesvendável, por um universo cultural a ser desmistificado e descortinado aos poucos. Encontros nos quais já existia a expectativa para o próximo e que, por isso mesmo, não se conseguia parar. Os encontros possibilitaram atravessar a Ponte Rialto, em Veneza, por nosso imaginário e participar da negociação entre Antonio e Shylock. Encontrar Dom Quixote de La Mancha, cavaleiro medieval, em busca da sua amada Dulcinéia, sempre em companhia de seu cavalo Rocinante e seu fiel escudeiro Sancho Pança, pelos caminhos espanhóis. Navegar para a Índia, pela obra poética de Os Lusíadas, de Camões, compreendendo a história de Portugal. Entender a complexidade do Livro de Jó, com seus discursos e respostas para perguntas existenciais. Navegar em busca de Moby Dick, refletindo sobre os sentimentos humanos e tantas outras compreensões. Enfim, Monir nos traduziu obras de William Shakespeare, Tolstói, Miguel de Cervantes, Herman Melville, Camões, Aldous Huxley, Tolkien, Nicolai Gogol e livros bíblicos, aproximando-nos dos autores e de suas obras.

Certa vez, meu amigo Monir Nasser disse, durante o encontro que discutia a novela A Morte de Ivan Ilitch, que não adianta olhar para a morte a partir da vida, mas a única solução é olhar para a vida a partir da morte; não há outro jeito de orientarmos a vida.

Assim, devemos olhar para a vida com a possibilidade de continuarmos o legado de Monir, contribuindo com a sociedade e futuras gerações para a descoberta de novas possibilidades que se abrem quando se descortinam as histórias da humanidade. Esta coletânea representa a existência que transcende a morte e permanece presente em nossos corações e mentes.

José Antonio Fares,

Superintendente Sesi Paraná.

Ele continua fazendo a diferença

Perdi a companhia do José Monir em 16 de março de 2013, depois de trinta anos de convivência. Para todos que o conheceram ou privaram de sua frondosa companhia foi uma perda irreparável. Foi um cometa que passou rápido, embora tenha brilhado intensamente.

Como professor conheci o José Monir em 1981 na turma de 'trainees' da Fininvest, um grupo de jovens que estava sendo preparado para implementar nos anos seguintes o Mercado Comunitário de Ações em Joinville (SC), onde moramos juntos uns três anos. Depois deste período seguimos caminhos diferentes, mas ficando sempre em contato; sua busca profissional levou-o a várias experiências. A partir dos anos 90 nós dois passamos a residir de novo em Curitiba; ele já atuava como consultor empresarial, caminho que também adotei, inclusive por influência dele.

Ao longo dessa caminhada pude conhecê-lo cada vez mais, tanto suas origens como sua obra. Seu brilhantismo era lastreado por uma formação clássica herdada. O pai, médico, cursara especialização em Paris como bolsista da Aliança Francesa, dirigida em Curitiba pelo casal Garfunkel; a mãe, secretária da Aliança Francesa até casar-se. O berço familiar transpirava atmosfera cultural. Quando o pai ia para o consultório à tarde, levava junto o filho adolescente para ficar na Biblioteca Pública do Paraná, na quadra vizinha, até o final de sua jornada. 'Lia de tudo', dizia; Roberto Campos o influenciaria com seu estilo polêmico e afiado. Frequentou também a Escolinha de Arte, da própria Biblioteca Pública. O José Monir falava e escrevia fluentemente francês, inglês e alemão; na juventude participou de programas de intercâmbio escolar nesses três países; ainda jovem chegou a morar por mais de um ano na Alemanha, vindo a trabalhar como operário numa fábrica, experiência marcante à qual se referia com frequência. Até o final do 2º Grau teve apenas formação clássica, isto é, de humanidades, sem direcionamento profissional, voltada apenas para o desenvolvimento da capacidade de expressão do espírito humano. Sua primeira faculdade foi em Letras, mas já no final desta resolveu cursar Economia, provavelmente em decorrência do clima político do país no final dos anos setenta. Discorria com domínio sobre os mais variados assuntos, indo de arte a filosofia, religião, ciência, literatura, economia e outros tantos. Teve forte influência de Virgílio Balestro, hoje com mais de 80 anos, Irmão Marista professor do colégio em que estudou; com ele tinha aulas particulares de latim e grego. Amadureceu profissionalmente entre seus vinte e cinco e trinta anos, sob a influência marcante de Rubens Portugal, nosso diretor e grande mentor. Mesmo tendo contato com gestão empresarial só nesta idade, o José Monir superou pelo caminho muitos que tinham se iniciado mais cedo.

Nesse tempo destacava-se por sua vivacidade intelectual e arguta capacidade de abordar as situações mais complexas no campo gerencial e econômico, de maneira inovadora. Recendia qualidade em tudo que fazia, desde clareza de raciocínio até redação densa, leve e comunicativa, recheada de vocabulário erudito sem ser pedante. Demonstrava prodigiosa versatilidade; ia direto ao ponto central dos assuntos; conseguia revelar relações incomuns entre fatos e situações aparentemente desco-

nexas. Sabia localizar o ouro. Ele fazia a diferença! Detestava autoridade imposta; pugnava pela autoridade interna da abordagem orgânica dos fatos e análises sobre a situação enfrentada. Irritava-se com mediocridade, e com burocracia em geral. Era hábil em desmascarar espertezas travestidas e agendas ocultas.

Interagia com todos os segmentos sociais, frequentando as mais diversas 'tribos' civilizadas. Gostava de merecer o prêmio e a vantagem, em vez de dar-se bem às custas alheias. Sua nobreza de caráter dispensava as competições predatórias; perder para ele era reconhecido como ganho até pelos adversários; nunca o vi tripudiar sobre alguém. Era dono de uma verve humorística ímpar: à sua volta sempre predominavam as satíricas risadas de um 'fair play'. Sabia portar-se com franqueza lhana; para ele a verdade podia ser dita sem precisar ferir. Era um 'curitibano da gema'; ainda não consegui encontrar alguém que superasse sua capacidade de entender a 'alma curitibana'. Dizia que em Curitiba não é bem assim para namorar uma moça de família: 'antes de pegar na mão, você tem que se apresentar, dar provas, frequentar e ... esperar ser convidado; ser 'entrão' pega mal; somos uma sociedade da serra, não da praia'. Sempre aproveitava as oportunidades de aprender quando reconhecia nas pessoas capacidades e experiências extraordinárias; hauriu muito da convivência com Rubens Portugal, com Professor Tsukamoto (de São Paulo) e Arthur Pereira e Oliveira Filho (do Rio).

Sua trajetória profissional foi intensa, árdua e cheia de iniciativas inovadoras, sempre trabalhando por conta própria. Nos anos noventa tornou-se um famoso consultor empresarial junto a grandes clientes do circuito São Paulo-Rio-Brasília. Teve um escritório de consultoria em Curitiba, AVIA Internacional, que editava uma 'letter', liderava um Programa de Análise Setorial (Papel/Celulose, Seguros, Bancos), desenvolvia projetos sobre as experiências internacionais de Jacksonville e Mondragon, dentre outros projetos. Nesse período dedicou-se à pintura com atelier próprio; frequentava aulas particulares e convivia no meio artístico local.

Desencantado com a inércia brasileira por ideias inovadoras, no início do novo milênio passou a dedicar-se ao projeto do Instituto Paraná Desenvolvimento (IPD), um centro de pensamento sob a liderança de Karlos Rischbieter. Nesse período participou com Olavo de Carvalho do Programa de Educação (Filosofia), patrocinado pelo IPD. Em 2002 fundou a Tríade Editora e escreveu os livros 'A Economia do Mais' sobre 'clusters', e o 'O Brasil Que Deu Certo', com o empresário Gilberto J. Zancopé, sobre a história da soja brasileira. Chegou a ter um programa de televisão em que corajosamente discutia temas quentes de forma crítica.

No final da primeira década dos anos 2000 imprimiu novo rumo a seu projeto profissional, lançando 'Expedições ao Mundo da Cultura'. Consistia numa engenhosa adaptação ao Brasil do trabalho do norte-americano Mortimer Adler, a leitura de cem obras clássicas básicas como programa de formação de um cidadão culto. 'Nada do que eu fiz na vida me deu tanto prazer quanto este trabalho', dizia. Em menos de um ano tinha grupos em Curitiba, São Paulo e algumas cidades do Paraná. Sua grande inovação foi fazer um resumo de cada obra, com vinte páginas em média, para contornar a dificuldade dos brasileiros em ler um livro a cada quinze dias. Os encon-

tros eram concorridos, animados e muito proveitosos no despertar os participantes para a dimensão cultural. Até que um AVC o abateu.

A semente da herança cultural cresceu, floresceu e frutificou. Seu grande legado é o exemplo de como a Cultura é próspera e construtiva, ao contrário do que se pensa neste país como apenas entretenimento. É exemplo de projeto educacional humanista clássico, ao contrário do que se faz hoje em se privilegiar precocemente a orientação profissional em detrimento da formação humana. É exemplo profissional de trabalhar por conta própria correndo riscos e dedicando-se de corpo e alma ao projeto em que acredita. É exemplo de modernidade inteligente, tanto na sua herança como na sua obra e no seu legado, fundados sobre a matriz cultural clássica no âmbito da família. O que a família não fizer dificilmente será recuperado pela escola e pela empresa. A volta desse cometa acontecerá sempre que se replicar essa proposta de formação.

A trajetória de vida corajosa e realizadora de José Monir (1957-2013) é orgulho para sua família e referência para os amigos e os que o conheceram. Ele continua vivendo em nós; ele continua fazendo a diferença!

Carlos Jaime Loch, Consultor de Gestão Empresarial.

Ao mestre, com carinho

José Monir Nasser costumava dizer que nós não explicamos os clássicos; eles é que nos explicam. Da mesma forma, podemos afirmar que qualquer tentativa de explicar o trabalho do professor Monir resultará em fracasso, pois toda explicação possível advém do próprio trabalho. É preciso dizer de uma vez por todas: ele é o professor e nós somos os alunos.

Aristóteles discordou de seu mestre Platão em muitas coisas, mas certa vez declarou: "Platão é tão grande que o homem mau não tem sequer o direito de elogiá-lo". Quem somos nós para elogiar ou explicar o mestre Monir? Ninguém. No entanto, tentaremos fazê-lo, do modo mais sucinto possível, para não tomar o tempo precioso do leitor.

Os textos reunidos nesta série são transcrições de aulas de José Monir Nasser sobre clássicos da literatura universal, dentro do programa Expedições pelo Mundo da Cultura, que funcionou entre 2006 e 2010. O objetivo era trazer para o conhecimento do público os temas que ocupavam o espírito dos grandes autores. São nomes e histórias que muitas vezes estão presentes na vida e na linguagem cotidiana – vide os adjetivos homérico, dantesco, quixotesco, kafkiano –, mas que em geral ficam adormecidos na poeira das estantes. A missão de Monir era trazer esses enredos e personagens clássicos para a luz do dia.

O foco das palestras de Monir não era a crítica literária ou a análise estilística, mas sim a discussão do conteúdo. Ele possuía uma verdadeira e sagrada obsessão por esclarecer mesmo as passagens mais difíceis das obras discutidas. Seu lema, repetido diversas vezes, era: "É proibido não entender!" Todos ficavam à vontade para interromper sua fala com perguntas, reflexões, ponderações, comentários. O objetivo não era transformar os alunos em eruditos, mas dar acesso a um conhecimento valioso, universal e atemporal, que pode fazer toda diferença na vida das pessoas. E fez. Monir pretendia fazer a leitura de 100 livros clássicos da literatura universal. Não foi possível: ele discutiu "apenas" 92. A lista inicial dos clássicos partiu da obra Como ler um livro, de Mortimer Adler e Charles Van Doren, sendo aperfeiçoada ao longo do tempo. Na presente seleção há dez obras: Gênesis e Jó (textos bíblicos), Fédon (de Platão), Os Lusíadas (de Camões), O Mercador de Veneza (de Shakespeare), O Inspetor Geral (de Gógol), A Morte de Ivan Ilitch (de Tolstói), Moby Dick (de Melville), O Senhor dos Anéis (de Tolkien) e Admirável Mundo Novo (de A. Huxley).

A ideia de trabalhar com os clássicos já havia sido colocada em prática por Monir e o filósofo Olavo de Carvalho, em um curso que ambos ministraram na Associação Comercial de Curitiba, patrocinado pelo IPD (Instituto Paraná de Desenvolvimento). O programa Expedições pelo Mundo da Cultura nasceu em 2006 e já no primeiro ano passou a contar com a parceria do SESI. De Curitiba, onde foram realizadas as primeiras aulas, o programa foi estendido a outras cidades paranaenses: Paranavaí, Londrina, Maringá, Toledo e Ponta Grossa. O programa também foi realizado em São Paulo a partir de 2007, desvinculado do SESI.

Em todas essas cidades, Monir fez alunos e amigos. Porque era quase impossível ouvi-lo sem considerar a sua maestria e o seu amor ao próximo. Os encontros duravam cerca de quatro horas, com um intervalo para café. Monir começava as palestras com uma apresentação genérica sobre o autor e a obra. Em seguida, havia a leitura de um resumo do livro, entremeado por observações de Monir. Esses comentários formavam um rio de ouro que conduzia o aluno pelas maravilhas da literatura universal. As quatro horas passavam com uma rapidez quase milagrosa – e você tem em mãos a oportunidade de comprovar essa afirmação.

Não bastassem a fluidez e a sutileza de suas observações, José Monir Nasser tinha a capacidade de enriquecê-las com um fino senso de humor, livre de qualquer pedantismo ou arrogância. Ao final das aulas, nota-se um inusitado clima de emoção entre os presentes. Algumas vezes, ao concluir seus pensamentos sobre a mensagem dos clássicos, Monir chegava às lágrimas, como testemunharam alguns de seus alunos e amigos.

Em cada cidade por onde Monir levou os clássicos, espalhou também as sementes do conhecimento, da cultura e dos valores eternos. Ele era um autêntico líder de primeira casta, um homem cujo sentido da vida era fazer o bem e elevar o espírito de seus semelhantes. Muito mais do que explicá-lo, cumpre agora ouvir a sua voz – nas páginas que se seguem. Jamais encontrei o professor Monir pessoalmente; mas, após ouvir as gravações e ler as transcrições de suas aulas, posso considerar-me, talvez, um aluno, um amigo, um leitor. Conheça você também o mestre Monir.

Paulo Briguet, jornalista e escritor.

Prefácio à segunda Edição

Reencontro com José Monir Nasser

Todo paranaense — todo brasileiro — interessado em alta cultura deveria agradecer a Deus pela vida e obra de José Monir Nasser. Durante uma trajetória de vida relativamente curta — apenas 56 anos — ele realizou trabalhos fundamentais nos campos da economia, do empreendedorismo, da editoração e da literatura. Mas, se precisássemos resumir numa palavra o perfil desse homem multifacetário, poderíamos dizer simplesmente: — Professor.

A biografia intelectual do professor Monir foi a realização integral de uma de suas mais famosas frases: "Uma sociedade não pode ser rica antes de ser inteligente". Grande divulgador do empreendedorismo cívico — tema de seu excepcional livro A Economia do Mais —, Monir dedicou grande parte dos seus últimos anos de vida ao projeto Expedições pelo Mundo da Cultura, com palestras luminares sobre obras literárias clássicas. Ele próprio tinha perfeita consciência do que esse trabalho representava: "O Expedições pelo Mundo da Cultura é um programa que tem por objetivo restaurar a verdadeira cultura brasileira, que nós de alguma maneira perdemos e que precisamos buscar a todo custo, porque é a única maneira pela qual nós conseguiremos sair da terrível e profunda crise civilizatória em que nós nos metemos". (Curitiba, 22/05/2010)

Este segundo box com palestras do professor Monir é apenas mais uma parte do imenso legado que ele deixou ao Brasil: uma enciclopédia educacional em que os clássicos da literatura são as bússolas que nos orientam no mar tenebroso da vida contemporânea. Nas palestras de Monir, a cultura não é sinônimo de belles-lettres ou pedantismo literário, mas uma força viva que nos orienta como indivíduos e permite a cada um ordenar a sua própria alma. Os dez livros aqui comentados não são vistos como meros registros históricos ou modelos estilísticos; constituem, muito mais do que isso, um "conjunto de intuições, formas e símbolos portadores de verdade e valores universais", para usar as palavras de um grande amigo e incentivador de Monir, o filósofo Olavo de Carvalho.

Os cinco volumes que você tem em mãos, caro leitor, são portais de sabedoria capazes de ampliar o horizonte intelectual de qualquer pessoa sinceramente interessada em fazê-lo. Ao promover um diálogo supratemporal com os gigantes da literatura, José Monir Nasser estende as possibilidades do futuro e enche os nossos corações de esperança pela felicidade definida por Aristóteles: a contemplação da verdade. Que este novo volume de sua admirável obra seja mais um passo rumo à consolação última imaginada por Boécio na prisão: a eternidade — "posse inteira e perfeita de uma vida ilimitada, tal como podemos concebê-la conforme ao que é temporal". Reencontrar Monir é reencontrar a nós mesmos.

Paulo Briguet é escritor em Londrina.

Memórias Póstumas de Brás Cubas

de Machado de Assis (1839 - 1908)

Transcrição da palestra do professor José Monir Nasser em Curitiba, em 21/11/2009[1]

1 Transcrição de Letícia Scheifer. Revisão da transcrição: Patrícia Nasser.

Memórias Póstumas de Brás Cubas

Hoje é um dia importante porque vamos ver o primeiro e único romancista brasileiro colocado no grupo das cem obras que foram escolhidas, que é Machado de Assis, o nosso maior escritor. Isso sem sombra de dúvida. É muito difícil conseguir tirar Machado de Assis do alto do pedestal da literatura brasileira. De fato, o homem é assombrosamente competente. Machado de Assis é um artista, um escritor, que teria tido sucesso em qualquer língua. Se tivesse escrito em línguas mais prestigiadas, estaria no panteão dos heróis. Harold Bloom, de quem não gosto muito (é um sujeito difícil de se lidar, que tem pretensões a ser indicador de literatura), escreveu um livro chamado Cânone Ocidental em que põe o Machado de Assis entre os cem maiores escritores do Ocidente. É o único analista internacional que o reconhece com essa clareza. Harold Bloom tem um temperamento niilista, portanto é difícil obter grande conteúdo das coisas que ele diz. Não me parece que seja lá um grande auxiliador, um grande aconselhador para assuntos literários. Mas pelo menos tem esse mérito muito grande de colocar o Machado entre os maiores. De fato, Machado está entre os maiores.

Machado de Assis é um brasileiro típico, nascido no século XIX, e morto no século XX. Como é a primeira vez que falamos dele aqui, vamos dar uma olhadinha na cronologia.

CRONOLOGIA DE VIDA E DOS ROMANCES

PROF. MONIR: Machado de Assis nasce em 1839. O Brasil já estava sob o Império, já era um país independente.

1839 Joaquim Maria Machado de Assis nasce no dia 21 de junho, no Morro do Livramento no Rio de Janeiro, de pai mulato (Francisco José de Assis) e de mãe portuguesa do Açores (Maria Leopoldina Machado de Assis).

PROF. MONIR: A mãe branca, portuguesa dos Açores.

O pai é pintor de paredes e a mãe, lavadeira.

PROF. MONIR: O pai de Machado de Assis era filho ou neto de escravos alforriados, portanto estava muito próximo da escravidão. Machado nasce numa situação não muito ruim, porque a família é agregada a uma casa rica que tinha também propriedades em Itaguaí. Aquela situação toda daquele famoso conto chamado *O Alienista*, de Machado de Assis – que é uma obra maravilhosa – ocorre em Itaguaí, uma praia no Rio de Janeiro. Quando você vai do Rio para Paraty, a primeira cidade marítima que você encontra é Itaguaí. E Machado de Assis viveu com essa família de posses. A dona da casa, viúva de um senador, era madrinha do menino, e o menino teve algum auxílio desde cedo na vida. Não era um favelado, portanto, o Machado de

Assis, embora fosse uma pessoa de origem muito humilde, muito simples, com baixíssima chance de sucesso.

Sua família é agregada à propriedade de Maria José Barroso Pereira, viúva de um senador e madrinha do menino. Perde a mãe muito cedo e é criado pela madrasta. É frágil, epilético e gago. Teve apenas uma irmã, que morreria cedo.

PROF. MONIR: É um sujeito com um ego meio escangalhado, não é? Esses dias eu estava revendo aquela escritora americana que eu acho divertidíssima, a Camille Paglia. Ela é feminista e lésbica, mas diz que só transa com homem, porque acha que os homens são mais divertidos do que as mulheres. Uma mulher capaz de fazer uma coisa dessas é digna de muita consideração! Mas Camille Paglia estava dizendo o seguinte: que Gloria Steinem (uma feminista famosa na década de 60) costumava dizer que as mulheres não tinham uma importância tão grande no mundo das artes e da literatura, quanto os homens porque como é que se podia esperar de pessoas com o ego dilacerado produzissem boa arte? Daí diz a Camille Paglia assim: "Só as pessoas com ego dilacerado é que produzem boa arte, é exatamente o contrário". Se as mulheres não produzem boa arte, é porque elas não têm o ego suficientemente dilacerado, quer dizer, elas estão saudáveis demais e essa deve ser a razão. É isso que estou querendo mostrar para vocês, que é muito comum, no mundo da criação artística, ter pessoas meio difíceis, pessoas com situações meio patológicas. É o caso do Machado de Assis. Ele era gago e epiléptico, além de ser mulato, e proveniente de um meio social muito desfavorável. Afinal, vivíamos a escravidão nesse momento, não é? Portanto o Machado de Assis tem um mérito extraordinário, muito maior do que a gente consegue imaginar.

1851 Morre Francisco José de Assis. O menino vai ser vendedor de doces. É conhecido como "Machadinho" e também teria ajudado à missa na Igreja da Lampadusa, no Rio de Janeiro.

PROF. MONIR: Ele era muito pequeno. Quando você for ao Rio de Janeiro, não deixe de ir à igreja da Lampadusa rezar uma Ave Maria pelo velho Machado.

1855 Inicia a carreira literária, publicando em 12 de janeiro o poema *Ela* na revista *Marmota Fluminense*, de Francisco de Paula Brito, incentivador de novos talentos.

PROF. MONIR: Esse é outro homem que o ajudou muitíssimo, que deu a ele espaço na revista e depois o contratou para trabalhar na revista. Ele foi ajudado por pessoas muito significativas no início da sua vida.

1856 Consegue emprego como aprendiz de tipógrafo na *Imprensa Nacional* e é protegido pelo diretor do órgão, Manuel Antônio de Almeida, autor de *Memórias de um Sargento de Milícias.*

PROF. MONIR :Esse livro é um livro monumental, extraordinário, e é um daqueles famosos casos de autor de um livro só. Aquele sujeito que escreve um livro, um grande livro apenas. Ele escreveu outros, mas não são importantes. É o caso de Choderlos de Laclos, que escreveu *Ligações Perigosas* – escreveu só esse livro na vida. É o caso de Euclides da Cunha, que escreveu o grande livro *Os Sertões*, e é o caso aí do Manuel, que escreveu um único grande livro na vida, que é *Memórias de Um Sargento de Milícias.*

1858 Passa a ser revisor e colaborador da *Marmota Fluminense*, integrando a *Sociedade Lítero-Humorística Petalógica*, fundada por Paula Brito. Conhece e frequenta Joaquim Manoel de Macedo, José de Alencar e Gonçalves Dias.

1859 É revisor e colaborador do *Correio Mercantil*.

1860 A convite de Quintino Bocaiúva (**um político republicano da época, fundador do jornal O Globo, que depois os Marinhos assumiram**), entra na redação do jornal *Diário do Rio de Janeiro*. Escreve para as revistas *O Espelho* e *A Semana Ilustrada*.

1862 Torna-se censor teatral, o que lhe dá acesso gratuito a todos os espetáculos.

PROF. MONIR: Não que ele fosse ser censor na prática, nunca censurou nada. Ele só queria a carteirinha pra ir assistir às peças de graça, então não foi censor de verdade. Era um cargo, aliás, que não tinha remuneração, que se dava pra quem quisesse, e tinha como compensação a entrada livre.

1864 Publica seu primeiro livro de poesias, *Crisálidas*.

1867 É nomeado ajudante do diretor de publicações do Diário Oficial.

1869 Casa-se com a portuguesa Carolina Augusta Xavier de Novaes, quatro anos mais velha que ele, mulher culta que o apresenta aos clássicos portugueses e a vários autores da língua inglesa. Apesar de o casamento ter sido feito contra a vontade da família de Carolina, viveriam juntos trinta e cinco anos, mas não teriam filhos.

1872 Publica o romance *Ressurreição*.

1873 Ingressa no *Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas,* como primeiro oficial.

PROF. MONIR: Entra no serviço público para ter de onde tirar o dinheiro, não é? Não dava para viver de literatura.

1874 Publica, em capítulos, o romance *A Mão e a Luva* no jornal *O Globo* de Quintino Bocaiúva.

1876 Publica o romance *Helena*.

PROF. MONIR: Até aqui nós temos mais ou menos uma primeira fase da vida de Machado de Assis.

1878 Publica o romance *Iaiá Garcia*.

PROF. MONIR: O seu último romance romântico, me perdoem a expressão. Em 1880 começa o Machado de Assis maduro. Há uma espécie de divisão de águas aqui, em que Machado de Assis amadurece e começa a escrever livros muito mais profundos, com teor filosófico muito grande, embora isso não queira dizer que os livros anteriores não tenham muitos méritos; têm. *A Mão e a Luva*, por exemplo, é um delicioso pequeno romance, quase uma novela, um conto de fadas lindo, maravilhoso.

1880 Começa a publicação em capítulos, na *Revista Brasileira,* do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas.*

PROF. MONIR: Naquela época era muito comum, aqui e na França – na França há muito mais tempo – os romancistas publicarem os romances em capítulos nos jornais, uma vez por semana. Isso garantia a vendagem do jornal e criava um mercado, para que quando saísse o livro todo o mundo comprasse. Há inúmeros e inúmeros livros que foram publicados assim. Dostoiévski

fez isso. Victor Hugo, Balzac... todo o mundo fazia isso. Era uma prática comum, publicar o livro em capítulos.

O romance teria sido ditado a Carolina Augusta, devido às dificuldades visuais de Machado de Assis. Começa a fase madura de Machado.

Sua primeira peça *Tu, só tu, puro amor* foi encenada por ocasião das comemorações do tricentenário de Camões.

1881 O *Memórias Póstumas de Brás Cubas* é impresso em livro.

1882 Começa a escrever crônicas na *Gazeta de Notícias*.
Publica *Papéis Avulsos*, sua primeira coletânea de contos.

PROF. MONIR: Essa obra Papéis Avulsos é de importância enorme, é a primeira coletânea de contos. Se você fosse escolher o gênero literário em que Machado de Assis se excedeu, acho que eram os contos. Ele é mais contista do que qualquer outra coisa, é um extraordinário contista. Um excelente romancista, um bom cronista literário, um razoável poeta e um razoável dramaturgo. Não tem a mesma qualidade em todos os gêneros. Em romance e contos, ele é absolutamente estupendo. E os romances, por favor, basicamente os que vêm a seguir. Quem quer ler só os fundamentais, leia *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Dom Casmurro*, *Quincas Borba* e *O Memorial de Aires.* Estas são as quatro obras da maturidade de Machado de Assis.

ALUNO: [*Faz pergunta sobre quais contos ler*.]

PROF. MONIR: Os contos são maravilhosos, tem *A Missa do Galo*, por exemplo, um conto que ficou famoso, quase a maior obra de Machado de Assis. É

um conto eletrizante. Ele é melhor contista do que romancista. Quando digo isso, não subestimem, por favor, o Machado de Assis romancista, porque ele é um gênio como romancista. Mas é que ele fazia contos tão incríveis que é o maior contista da história do Brasil. Não há ninguém que se compare a Machado de Assis, não há ninguém que chegue perto. Esse homem é o maior literato que o Brasil já teve. Tem concorrentes fortes como Lima Barreto e Gonçalves Dias, na poesia, mas dentro do gênero do romance, ele é de longe o maior.

1891 Publica o romance *Quincas Borba*.

1892 Torna-se diretor do comércio no *Ministério da Viação*.

PROF. MONIR: É um cargo público que ele ocupava... Ele até tinha talento, competência para isso, mas era escritor.

1896 Concebe com José Veríssimo e Lúcio de Mendonça a *Academia Brasileira de Letras*, da qual seria o primeiro presidente e fundador da cadeira no 23.

PROF. MONIR: Eles inventam a Academia Brasileira de Letras. Ele seria um dos fundadores, o primeiro presidente e criador da cadeira número no 23, dedicada a José de Alencar. Cada fundador deu um nome a uma cadeira. A cadeira no 23, que é a José de Alencar, foi ocupada pela primeira vez por Machado de Assis. Quando isso aconteceu, José de Alencar já havia morrido. Então Machado de Assis fez uma homenagem ao seu amigo; ele era conhecido de José de Alencar.

1899 Publica o romance *Dom Casmurro*.

PROF. MONIR: O seu romance mais conhecido, porém não o mais importante.

1904 Morre Carolina Augusta. Machado sente o golpe e definha rapidamente.

Publica o romance *Esaú e Jacó*.

PROF. MONIR: Passa muito mal depois da morte da Carolina, e publica o romance *Esaú e Jacó*, que é o seu romance mais complexo, mais sofisticado de todos.

1908 Publica o maravilhoso e delicioso romance *Memorial de Aires*.

Morre em 29 de setembro, na sua casa no Cosme Velho. Segundo o atestado de óbito, de arteriosclerose; de câncer na língua, segundo as "más línguas". Rui Barbosa profere a oração fúnebre.

PROF. MONIR: Então temos aí o maior escritor da história da literatura brasileira, um sujeito monstruosamente grande, e que só não tem mais importância porque escreveu numa língua considerada como língua secundária, uma língua que não tem a mesma penetração que o espanhol, por exemplo... Existem muitos e muitos livros sobre o Machado de Assis. Há uma biografia muito recente, escrita pelo crítico literário Daniel Piza[2] . É uma biografia muito bem feita. Machado de Assis é muito estudado, é um sujeito muito mapeado, tem a vida muito conhecida.

---

2 Nota da revisora de transcrição: Trata-se do livro *Machado de Assis, um Gênio Brasileiro*, de 2005.

ALUNO: *Dom Casmurro* não é a obra melhor, mas a mais conhecida. O que caracteriza *Dom Casmurro* para ela se tornar a obra mais popular?

PROF. MONIR: *Dom Casmurro* tem aquela conotação erótica: se a Capitolina andou ou não traindo o Bentinho com o Escobar, personagem curitibana que tem um caso não muito explícito com a Capitolina (o nome verdadeiro da Capitu). Obviamente teve o caso, não tenho a menor dúvida. Chega uma hora lá no final do livro em que o Bentinho olha para a cara do filho e vê a cara do Escobar, que já tinha morrido afogado na praia em Botafogo, no Rio de Janeiro. Ele vê o Escobar. Os defensores da outra hipótese dirão que ele imaginou que viu, mas acho que não há nenhuma dúvida.

É muito importante vocês entenderem que Machado de Assis é um sujeito que teve uma trajetória extremamente culta. Ele leu tudo. Tenho um livro chamado *A Biblioteca de Machado de Assis*; é um livro que traz a listagem e as anotações dos livros que estavam na biblioteca de Machado de Assis, que foi preservada para a posterioridade, porque ele morreu famoso. É claro que numa época em que um literato não ganhava muito dinheiro mesmo sendo famoso, não é? No futebol também era assim. Em 1970, quando o Brasil ganhou a Copa do Mundo, o Paulo Maluf deu para cada jogador, um fuque[3] , e eles ficaram loucos de contentes. Imagine se você dá um fuque ou um Fiat Uno para o Romário!

ALUNOS: [*risos*]

---

3 Nota da revisora de transcrição: Fuque ou fusca era o apelido pelo qual era conhecido o carro Volkswagen Sedan, um carro popular e provavelmente o modelo mais barato de carro que existia na época.

PROF. MONIR: Ele não vai nem buscar, ele vai dizer que estão querendo se promover às custas dele.

No Brasil não dava para viver de literatura. Machado de Assis não viveu de literatura, viveu de ser funcionário público, e graduado. Mas foi um sujeito cultíssimo, nunca o subestimem: é um autodidata que leu todas as fontes certas. Tinha uma dona de uma padaria francesa que lhe ensinou francês. Então essa que é a regra mais importante da vida, não é? Quem quer aprender, aprende. Nada mais capaz de ensinar alguém do que a vontade de aprender. Por isso que eu digo sempre que não há nenhuma atividade humana de resultados mais incertos do que a de professor. Um médico cancerologista tem mais probabilidade de sucesso do que um professor, porque nem todos os casos são desesperadores, tem uns casos muito precoces que dá para resolver. A atividade humana de maior incerteza de resultados chama-se educação. A atividade de um consertador de máquina de lavar roupa é tremendamente mais eficaz do que a atividade de um professor, porque para que funcione o processo de educação é necessário que a pessoa do outro lado esteja interessada em aprender. É por isso que o padre Ivan Illich dizia que a primeira condição para haver aprendizado é que o sujeito vá aprender só se quiser, porque qualquer hipótese de obrigação escolar só gera essa farsa coletiva chamada educação brasileira.

Machado de Assis teve todas as referências certas. Ele pegou todos os grandes modelos românticos do século XIX – que é o século em que ele viveu, mais do que em qualquer outra época (ele morre em 1908, mal vê o século XX) – e os utilizou muito bem. Então todas essas obras do Machado de Assis têm várias influências que você vai perceber na medida em que conhece os originais. *Dom Casmurro* era um tema muito importante, muito candente

na época, mas não é a melhor obra, não; eu diria pra vocês que de todos os romances do Machado de Assis, a melhor obra é esta aqui.

ALUNA: Quem orientou a leitura do Machado, já que ele não teve uma instrução formal?

PROF. MONIR: Ele teve a mulher dele, a Carolina, que era cultíssima e o ajudou a ler – ela era mais velha do que ele. O Paula Brito o orientou. Ele conviveu com todos aqueles grandes escritores... O século XIX foi o século do romance em todos os países do mundo. No Rio de Janeiro, que era a capital do Brasil, o que havia de melhor ficava em torno daquelas livrarias no centro e o Machado de Assis, que era um menino muito inteligente, muito interessado, convivia com aquilo – e soube ir para as fontes certas. Não julguem que ele seja um favelado, porque não é isso. Ele era um menino pobre, mas não um menino que vivia à margem social, não era um sujeito largado na vida. Cuidado com isso. Ele teve uma grande ajuda das pessoas que pressentiram que ali havia um talento monumental.

ALUNO: Da madrinha, né?

PROF. MONIR: É, na casa de quem eles moravam, na periferia do Rio, no Morro do Livramento. Ela também tinha livros em casa; ele cresceu em um ambiente intelectual.

ALUNO: Ele passou a vida no Rio de Janeiro?

PROF. MONIR: Passou a vida todinha lá, exceto num pedaço da juventude em que ele andou, por razões ligadas a essa família, morando lá nesse sítio

em Itaguaí. Exceto por esse episódio, ele passou o resto da sua vida no Rio de Janeiro. Eu acho que o Machado de Assis nunca botou os pés fora da capital. Nunca, mesmo. Como Goethe, que nunca esteve em Paris, nunca esteve em Londres. Às vezes acontece isso. Kant é outro sujeito que passou a vida toda em casa. René Guénon nunca foi à América.

Memórias Póstumas de Brás Cubas é o nosso livro de hoje, um livro maravilhoso. Prestem atenção na beleza poética da obra, é absolutamente magnífico.

Resumo da Narrativa

Segundo a maioria dos estudiosos, José Maria Machado de Assis começa a existir como escritor respeitável a partir das *Memórias Póstumas de Brás Cubas,* primeira obra da fase "realista" de sua carreira, sucedendo naturalmente às obras "românticas" da mocidade.

PROF. MONIR: Eu não botei juventude porque se tem um sujeito que não teve juventude, esse é o caso. Algumas pessoas jamais foram jovens. Machado de Assis não é exatamente um realista, no mesmo sentido que os outros realistas eram realistas – como o Emile Zola, por exemplo. Por isso é que está entre aspas aí. Não é bem um realista, ele é um sujeito que tem uma visão de concretude, mas não tem os traços peculiares da escola chamada Realismo.

Apesar das naturais dificuldades na vida de um homem de origens desfavoráveis, Machado de Assis teve desde cedo inúmeros auxílios: de sua madrinha,

Maria José Barroso Pereira, do escritor Manuel Antônio de Almeida (*Memórias de um Sargento de Milícias*) e do editor Francisco de Paula Brito. Sua mulher, Carolina Augusta Xavier de Novaes, quatro anos mais velha do que ele, era a culta irmã de Faustino Xavier de Novaes, editor do *Futuro*.

PROF. MONIR: Um intelectual importante na época, era português. Passou a vida cercado de gente que lia, que estudava.

Fazendo uma formação clássica muito cedo e convivendo com uma intelectualidade de alto nível, Machado tornou se homem muito culto, dono de finíssima ironia "britânica" que, conjugada com sua escolha de temáticas universais, produziu o melhor da literatura brasileira e uma das melhores obras do mundo.

PROF. MONIR: Machado de Assis tem uma ironia no padrão de Jonathan Swift, por exemplo. O traço mais importante no escrito de Machado de Assis é a ironia profunda, o sarcasmo, que corta como uma faca, como uma folha de papel que corta a pele. Há uma razão para ser assim, depois a gente vai ver isso no final. Mas Machado teve um grande mérito na vida. Ele fez uma coisa genial, assim como Lima Barreto, que é não ter prestado atenção à sua origem humilde. Porque se Machado de Assis tivesse escrito livros para reclamar da sua condição social, de que ele era negro, mulato, neto de escravos, de que ele era sem posses – se ele tivesse feito isso, nós não teríamos o menor interesse em Machado de Assis hoje em dia. Lima Barreto também evitou isso. Lima Barreto tinha todos os problemas que o Machado tinha, ainda com o adicional de que era alcoólatra. A grandeza do Lima Barreto e do Machado de Assis é que eles não ficaram se lamentando e trataram de lidar com temas da literatura universal que pudessem interessar a todos os homens, não apenas aos homens de seu grupo social, na sua época. Isso

tornou Machado um escritor universal. Quando você apõe o senso de ironia de Machado e a sua temática universal, você tem como resultado uma obra gigantesca. Se você ficar falando dos seus queixumes, dos seus pequenos problemas, do fato de que você perdeu o ônibus hoje de manhã... de que jeito que você vai construir uma obra universal? Você tem que deixar de ser protagonista da própria obra para que a obra tenha sentido. Senão você não faz nada.

Do livro de *Brás Cubas*, Otto Maria Carpeaux diz tratar se de *"obra prima".*

Publicado em capítulos em 1880, a obra é um romance de memórias, escrita com surpreendente liberdade artística, a partir da "forma livre" de Laurence Sterne (*A Vida e as Opiniões do Cavalheiro Tristam Shandy*) e de Xavier de Maistre (*Voyage autour de ma chambre*) e inspirada filosoficamente por Arthur Schopenhauer (1788-1860).

PROF. MONIR: O próprio Machado diz isso no livro, que usou esses dois livros como inspiração.

Contribuindo para a originalidade estilística de *Brás Cubas* está o fato de a personagem central contar sua história depois de morto, temperada com a finíssima ironia do Bruxo do Cosme Velho.

PROF. MONIR: O Bruxo do Cosme Velho era o apelido de Machado. Cosme Velho é o bairro onde ele morava no Rio de Janeiro.

Segundo José Guilherme Merquior, "*A natureza inquietadora do humor machadiano deriva justamente de sua propensão inquisitiva e filosófica, de sua qualidade de visão problematizadora*".

Brás Cubas, o herói da história, nasce em 1805, no Rio de Janeiro, de família rica. **Nasceu antes, portanto, da vinda da família imperial para o Brasil, que só ocorrerá em 1808.** O Brasil em 1822 deixaria de ser colônia e constituiria um império. (A cidade do Rio de Janeiro, desde 1763, já era a sede da colônia, já não era mais Salvador.) Criança mimada, Brás Cubas vive juventude transviada. Depois de várias peripécias na vida adulta, falece em 1869 com sessenta e quatro anos. Uma vez morto, decide contar sua história, cuja dedicatória segue no frontispício:

> *Ao verme que primeiro roeu as frias*
> *carnes do meu cadáver dedico*
> *com saudosa lembrança estas*
> *MEMÓRIAS PÓSTUMAS.*

Vocês não sabem o quanto esse homem escreve bem, viu? Eu queria muito sugerir que vocês fizessem esse investimento de ler esses romances, todos os romances. Ele escreve maravilhosamente, como um gênio. O problema é que é um português do final do século XIX, início do século XX; algumas expressões caíram da moda. Mas não confiem nas edições que andaram modernizando a linguagem, porque isso não se faz, não é? Peguem os livros com a linguagem original. Aos pouquinhos você aprende a ler o Machado, e vai se deliciando com a ironia, com o sarcasmo, com a finíssima inteligência com que ele analisa as situações com que lida.

Levem em consideração que se trata de um defunto que escreve. Há pouquíssimos casos assim na literatura. Esse livro do Maistre também é assim, é um defunto que escreve. Há também o famoso filme chamado *Sunset Boulevard* (em português, *O Crepúsculo dos Deuses*), de 1950, em que um morto conta como acabou afogado na piscina. É um filme que lida com o caso do pessoal do cinema mudo que não conseguiu engrenar no cinema falado porque era um outro tipo de ator. Por isso que é *Crepúsculo dos Deuses*. Mas o nome em inglês é genial: *Sunset Boulevard (A Avenida do Sol Poente)*. Não é? Genial.

O defunto Brás Cubas começa a narrativa com uma advertência ao leitor:

> *Que Stendhal confessasse haver escrito um de seus livros para cem leitores, cousa é que admira e consterna. O que não admira, nem provavelmente consternará é se este outro livro não tiver os cem leitores de Stendhal, nem cinquenta, nem vinte, e quando muito, dez. Dez? Talvez cinco.*

PROF. MONIR: Estão vendo a ironia? Ele está fazendo ironia com ele mesmo, não é?: "Stendhal achou que era para cem. Eu acho este aqui nem por cinco será lido".

> *Trata se, na verdade, de uma obra difusa, na qual eu, Brás Cubas, se adotei a forma livre de um Sterne, ou de um Xavier de Maistre, não sei se lhe meti algumas rabugens de pessimismo. Pode ser. Obra de finado. Escrevi a com a pena da galhofa e a tinta da melancolia,*

PROF. MONIR: Olha que maravilha, pessoal, este homem é um gênio! *"Escrevi essa obra com a pena da galhofa e a tinta da melancolia."* Um pouco de ironia e um pouco de tristeza. Agridoce, uma coisa meio agridoce.

> *e não é difícil antever o que poderá sair desse conúbio.*

PROF. MONIR: O conúbio é o casamento entre a galhofa e a tristeza.

> *Acresce que a gente grave achará no livro umas aparências de puro romance, ao passo que a gente frívola não achará nele o seu romance usual; ei lo aí fica privado da estima dos graves e do amor dos frívolos, que são as duas colunas máximas da opinião.*

PROF. MONIR: Não vai agradar a esses dois tipos de leitor, que são os dois leitores mais comuns. Os frívolos e os graves, esses dois não gostarão do livro. Isso é uma advertência do autor antes de começar a história.

> *Mas eu ainda espero angariar as simpatias da opinião, e o primeiro remédio é fugir a um prólogo explícito e longo. O melhor prólogo é o que contém menos cousas, ou o que as diz de um jeito obscuro e truncado. Conseguintemente, evito contar o processo extraordinário que empreguei na composição destas Memórias, trabalhadas cá no outro mundo. Seria curioso, mas nimiamente extenso,*

PROF. MONIR: "*Nimiamente extenso*" é excessivamente extenso.

e aliás desnecessário ao entendimento da obra. A obra em si mesma é tudo: se te agradar, fino leitor, pago me da tarefa; se te não agradar, pago te com um piparote, e adeus. (págs. 29-30)

PROF. MONIR: Ele já começa com uma ironia finíssima, maravilhosa, dizendo que escreveu esse livro no além e que se baseou tanto no Sterne quanto no Maistre. Ele mesmo está dizendo onde ele buscou as fontes.

O narrador explica que havia decidido começar a história pelo fim, porque não é um autor-defunto, mas um defunto-autor:

PROF. MONIR: Há uma diferença nessas duas coisas. Se ele fosse um autor defunto ele podia começar pelo início, porque o defunto viria no final, mas como ele é um defunto autor, tem de começar pela morte. Para ficar coerente, não é?

Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço;

PROF. MONIR: A campa é o túmulo.

a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo. Moisés, que também contou a sua morte, não a pôs no intróito, mas no cabo: diferença radical entre este livro e o Pentateuco.

PROF. MONIR: “No cabo” quer dizer “no fim”.

Dito isto, expirei às duas horas da tarde de uma sexta feira do mês de agosto de 1869, na minha bela chácara de Catumbi. Tinha uns sessenta e quatro anos, rijos e prósperos, era solteiro, possuía cerca de trezentos contos

PROF. MONIR: Que era um dinheirão.

e fui acompanhado ao cemitério por onze amigos. Onze amigos! (pág. 31)

A causa “aparente” de sua morte teria sido uma pneumonia mal tratada:

No outro dia estava pior; tratei me enfim, mas incompletamente, sem método, nem cuidado, nem persistência; tal foi a origem do mal que me trouxe à eternidade. Sabem já que morri numa sexta feira, dia aziago,

PROF. MONIR: Dia de má sorte.

e creio haver provado que foi a minha invenção que me matou. Há demonstrações menos lúcidas e não menos triunfantes. (pág. 39)

Segundo o narrador, sua morte de fato deve-se a uma invenção “*grandiosa e útil*”, uma ideia que se transformou em obsessão.

Um dia de manhã, caminhando pela chácara do Catumbi, pensou em inventar “*um medicamento sublime, um emplasto anti-hipocondríaco, destinado a aliviar a melancólica humanidade*”.

PROF. MONIR: Sabem o que é isso, um emplasto anti-hipocondríaco? Emplasto é um tipo de remédio – para acabar com a hipocondria, que é a mania de doença. Há pessoas que acham o tempo todo que estão doentes. O pessoal que tem três planos de saúde para poder usar as vinte consultas-limite de cada plano por mês, para ir todo o dia no médico, tem uns tipos assim.

ALUNO: Que passam na farmácia para perguntar se tem novidade.

ALUNOS: [*risos*]

PROF. MONIR: Ele não fez esse negócio, mas pensou em fazer, e essa ideia obsessiva de fazer o tal do emplasto foi o que o acabou matando, acha ele.

Brás chamou a atenção das autoridades de que a cura que o emplasto traria seria algo verdadeiramente cristão, além de não negar as vantagens financeiras de tal produto. Já, do outro lado da vida, confessa que o real motivo era ver seu nome escrito nas caixinhas do medicamento:

> *Agora, porém, que estou cá do outro lado da vida, posso confessar tudo: o que me influiu principalmente foi o gosto de ver impressas nos jornais, mostradores, folhetos, esquinas e enfim nas caixinhas do remédio, estas três palavras: Emplasto Brás Cubas. Para que negá lo? Eu tinha a paixão do arruído, do cartaz, do foguete de lágrimas.*

PROF. MONIR: "*Arruído*" é movimentação, confusão, propaganda, publicidade...

Talvez os modestos me arguam esse defeito; fio, porém, que esse talento me hão de reconhecer os hábeis. Assim a minha ideia trazia duas faces, como as medalhas, uma virada para o público, outra para mim. De um lado, filantropia e lucro; de outro lado, sede de nomeada. Digamos: – amor da glória. (pág. 34)

E aí vocês perceberam uma coisa importantíssima no livro (espero que tenham feito isso), que é o fato de que a personagem está disposta a ser totalmente sincera. Ele está admitindo aqui claramente que a única coisa que ele queria de verdade com o tal emplasto Brás Cubas era aparecer nas caixinhas do remédio, porque ficaria conhecido com notoriedade. O que ele deseja de verdade na vida é a exposição pública, ser apresentado ao mundo – essa é a ideia central do emplasto do Brás Cubas. E ele só é capaz de admitir isso porque está morto, então não tem mais constrangimentos de contar a verdade, que é o que ele está fazendo agora.

Brás Cubas nasceu no dia 20 de outubro de 1805, na família de um tanoeiro, que havia adotado o nome Brás por "causa de uns fumos de pacholice".

PROF. MONIR: "*Pacholice*" é pretensão, gabolice, exibicionismo.

Descreve seu pai:

Era um bom caráter, meu pai, varão digno e leal como poucos. Tinha, é verdade, uns fumos de pacholice; mas quem não é um pouco pachola nesse mundo? Releva notar que ele não recorreu à inventiva senão depois de experimentar a falsificação; primeiramente, entroncou se na família daquele

meu famoso homônimo, o capitão mor, Brás Cubas, que fundou a vila de São Vicente, onde morreu em 1592, e por esse motivo é que me deu o nome de Brás. (págs. 35-36)

PROF. MONIR: Primeiro ele arrumou uma maneira de fazer de conta que pertencia à família deste outro Brás Cubas, para depois passar o nome para os filhos.

Quando Brás Cubas nasceu, houve grande festa. O pai estava orgulhoso de seu filho homem. Atração da casa, o menino era tratado com mimos e foi crescendo brejeiro:

– Nhonhô, diga a estes senhores como é que se chama seu padrinho.
– Meu padrinho? é o Excelentíssimo Senhor coronel Paulo Vaz Lobo César de Andrade e Souza Rodrigues de Matos; minha madrinha é a Excelentíssima Senhora Dona Maria Luísa de Macedo Resende e Sousa Rodrigues de Matos.
– É muito esperto o seu menino, exclamavam os ouvintes.
– Muito esperto, concordava meu pai; e os olhos babavam se lhe de orgulho, e ele espalmava a mão sobre a minha cabeça, fitava me longo tempo, namorado, cheio de si. (pág. 53)

A brejeirice logo transformou-se em travessura e, aos cinco anos, Brás Cubas recebeu o apelido de "*menino diabo*", alcunha cujo mérito é reconhecido por ele próprio.

PROF. MONIR: E ele reconhece que de fato merecia ser chamado de Menino Diabo.

Uma de suas diabruras foi ter quebrado, aos seis anos, a cabeça de uma escrava, porque ela lhe negara uma colher de doce de côco. Sadicamente, fazia de Prudêncio, moleque escravo da família, sua montaria.

> *Prudêncio, um moleque de casa, era o meu cavalo de todos os dias; punha as mãos no chão, recebia um cordel nos queixos, à guisa de freio, eu trepava lhe ao dorso, com uma varinha na mão, fustigava o, dava mil voltas a um e outro lado, e ele obedecia, – algumas vezes gemendo, – mas obedecia sem dizer palavra, ou, quando muito, um – 'ai, nhonhô!' – ao que eu retorquia: 'Cala a boca, besta!' (pág. 54)*

PROF. MONIR: Reparem que o menino não era um exemplo de comportamento. Vocês tão levando em consideração que todas as confissões que a personagem faz só podem ser feitas porque ela está morta? Tudo isso que aconteceu em vida, Brás Cubas está contando depois de morto.

Apesar das diabruras que fazia, seu pai, que o repreendia na presença dos outros, em particular lhe dava beijos e elogios. Desse modo, as traquinagens continuavam. Com nove anos, durante um jantar organizado pelo pai em comemoração à derrota de Napoleão em 1814, porque não lhe davam a exigida atenção, o menino fez um escândalo e foi retirado da sala.

Na escola, o menino Brás Cubas fez amizade com Quincas Borba, que ele só reveria na vida adulta. Ele e Quincas aterrorizavam especialmente o professor Ludgero Barata, que os chamava de *"sevandijas, capadócios, malcriados e moleques":*

PROF. MONIR: "Sevandijas" é "parasita"; "capadócio" é "vigarista".

Um de nós, o Quincas Borba, este então era cruel com o pobre homem. Duas, três vezes por semana, havia de lhe deixar na algibeira das calças-, umas largas calças de enfiar –, ou na gaveta da mesa, ou ao pé do tinteiro, uma barata morta. (pág. 64)

Como Brás Cubas, Quincas Borba era mimado e travesso: filho único, adorado pela mãe, era acompanhado por um "pajem indulgente". Apesar de tudo, Brás Cubas cresceu e tornou se um "bom partido".

Sim, eu era esse garção bonito, airoso, abastado;

PROF. MONIR: "*Garção*" é um modo antigo de falar, mas significa "moço".

e facilmente se imagina que mais de uma dama inclinou diante de mim a fronte pensativa, ou levantou para mim olhos cobiçosos. De todas porém a que me cativou logo foi uma.. uma... não sei se diga; este livro é casto, ao menos na intenção; na intenção é castíssimo. Mas vá lá; ou se há de dizer tudo ou nada. A que me cativou foi uma dama espanhola, Marcela, a 'linda Marcela', como lhe chamavam os rapazes do tempo. E tinham razão os rapazes. (pág. 65)

PROF. MONIR: Era uma prostituta, não é? É isso que ele quer dizer e está com pruridos de contar.

A escolha amorosa de Brás Cubas, portanto, foi heterodoxa. Totalmente fascinado pelos encantos da bela prostituta Marcela, cobria-a de caros presentes, que financiava com o dinheiro pedido à mãe, depois sacando, por conta própria, letras no comércio.

PROF. MONIR: Ele chegava nas joalherias e comprava a crédito mostrando uma letra de câmbio. Como o pai dele era conhecido – imaginem o que era o Rio de Janeiro nessa época, uma cidadezinha em que todo o mundo conhecia todo o mundo – todos davam crédito para o filho do Seu Cubas. Então começou a detonar milhões no comércio comprando joias pra Marcela, por quem estava apaixonado, que era uma prostituta espanhola.

> *Gastei trinta dias para ir do Rossio Grande ao coração de Marcela, não já cavalgando o corcel do cego desejo, mas o asno da paciência, a um tempo manhoso e teimoso. (pág. 67)*

PROF. MONIR: Tá vendo? Olhem que beleza.

> *Que, em verdade, há dous meios de granjear a vontade das mulheres: o violento, como o touro de Europa, e o insinuativo, como o cisne de Leda e a chuva de ouro de Dânae, três inventos do padre Zeus, que, por estarem fora de moda, aí ficam trocados no cavalo e no asno. (pág. 67)*

PROF. MONIR: Zeus transformou-se em touro para conquistar Europa, que era uma moça. Ele se fez de manso, ela chegou perto dele e subiu em cima do touro, que então saiu correndo em desabalada carreira, raptando a moça e a levando para uma ilha, onde então consumou o romance. O segundo caso foi com Leda, a mãe de Helena de Troia, de Clitemnestra e dos Dióscuros (Pólux e Cástor). Dois desses filhos (um menino e uma menina) – Helena e Pólux – são filhos de Zeus, embora sejam gêmeos dos outros dois que não o são. Para conquistar Leda, Zeus se transformou num cisne. Na hora em que ela se aproximou daquele cisne maravilhoso, Zeus a possuiu. E finalmente tem o caso de Dânae. Tinha uma profecia que dizia que ela ia casar e teria

um filho que mataria o avô, o pai da Dânae. O velho, para garantir que ela não casasse, prendeu-a numa espécie de bunker subterrâneo, numa espécie de porão lacrado, para que ela ficasse lá e não casasse com ninguém. Zeus descobriu isso e se transformou numa chuva de ouro. Aquela chuva caiu e infiltrou-se pela terra e então, como conta a mitologia, ela se depositou lentamente sobre o corpo de Dânae. Foi esse o método de sedução que Zeus utilizou. Machado de Assis está fazendo ironia, não é? Há dois métodos, sendo um o violento e o outro, o insinuativo.

> *Não direi as traças que urdi, nem as peitas, nem as alternativas de confiança e temor, nem as esperas baldadas, nem nenhuma outra dessas cousas preliminares. (pág. 67)*

PROF. MONIR: "*As traças que urdi*" são os estratagemas que eu bolei; as "*peitas*", são os subornos que eu fiz. Tudo para tentar conquistar Marcela.

> *Afirmo lhes que o asno foi digno do corcel,*

PROF. MONIR: "*O asno foi digno do corcel*": o jumento pareceu com um cavalo.

> *um asno de Sancho, deveras filósofo, que me levou à casa dela, no fim do citado período; apeei me, bati lhe na anca e mandei o pastar. (pág. 67)*

Quando a aventura foi finalmente descoberta pela família, o pai resolveu enviá-lo para estudar na Europa, receoso do escândalo. Era o fim do caso com a bela Marcela:

Marcela amou me durante quinze meses e onze contos de réis; nada menos.

PROF. MONIR: Foi o quanto ele gastou, onze contos de réis. Era um dinheirão para um menino de dezesseis, dezessete anos gastar com uma prostituta.

Meu pai, logo que teve aragem dos onze contos, sobressaltou se deveras; achou que o caso excedia as raias de um capricho juvenil.

PROF. MONIR: O pai dele descobriu porque alguém foi cobrar dele uma letra de câmbio emitida pelo filho: "Ah, o seu filho passou na joalharia e comprou um anel de brilhantes".

– Desta vez, disse ele, vais para a Europa; vais cursar uma Universidade, provavelmente Coimbra; quero te para homem sério e não para arruador e gatuno. E como eu fizesse um gesto de espanto: – Gatuno, sim, senhor; não é outra cousa um filho que me faz isto...

Sacou da algibeira os meus títulos de dívida, já resgatados por ele, e sacudiu mos na cara. – Vês, peralta? é assim que um moço deve zelar o nome dos seus? Pensas que eu e meus avós ganhamos o dinheiro em casas de jogo ou a vadiar pelas ruas? Pelintra! Desta vez ou tomas juízo, ou ficas sem cousa nenhuma. (pág. 71)

PROF. MONIR: "*Pelintra*" é uma maneira antiga de chamar alguém de pilantra.

Antes de partir para Portugal, Brás Cubas deu um último presente a Marcela: três diamantes grandes encastoados num pente de marfim. Embora tenha combi-

nado com a cortesã de ela partir com ele, seu pai, que andava tocaiando o filho, acabou com aqueles planos dourados. Quando o rapaz deixava a casa da amante, foi surpreendido:

> *Com efeito, olhando para a porta, vi na calçada, três dos correeiros, um de batina, outro de libré, outro à paisana, os quais todos três entraram no corredor, tomaram me pelos braços, meteram me numa sege, meu pai à direita, meu tio cônego à esquerda, o da libré na boléia, e lá me levaram à casa do intendente de polícia, donde fui transportado a uma galera que devia seguir para Lisboa. Imaginem se resisti; mas toda a resistência era inútil. (págs. 75-76)*

PROF. MONIR: O pai resolveu sequestrar o guri antes que ele fizesse mais alguma antes de ir embora. O pai, o tio e mais um outro agarraram-no na saída da casa da amante, o levaram e o puseram num navio, à força, para que ele fosse fazer misérias em Portugal, porque fica parecendo que é menos miséria.

O defunto-narrador confessa ter sido estudante medíocre em Coimbra, mas nem por isso teria deixado de conseguir o diploma. Brás Cubas descreve a verdadeira vida que levara na Europa:

> *E assim foi que desembarquei em Lisboa e segui para Coimbra. A Universidade esperava me com as suas matérias árduas; estudei as muito mediocremente, e nem por isso perdi o grau de bacharel;*

PROF. MONIR: Embora não esteja escrito no livro, aqui está implícito que é Direito que ele estudou.

deram no com a solenidade do estilo, após os anos da lei; uma bela festa que me encheu de orgulho e de saudades, – principalmente de saudades. Tinha eu conquistado em Coimbra uma grande nomeada de folião; era um acadêmico estróina, superficial, tumultuário e petulante, dado às aventuras, fazendo romantismo prático e liberalismo teórico, vivendo na pura fé dos olhos pretos e das constituições escritas. (pág. 81)

PROF. MONIR: "*Estroina*" é gastador; "*tumultuário*" é rebelde. Ou seja, era um estudante inviável.

O diploma recebido atestou *"uma ciência que estava longe de trazer arraigada no cérebro".*

PROF. MONIR: Vocês estão sentindo sinceridade por parte da personagem? Tudo o que aconteceu com o Brás Cubas, ele está contando sem nenhuma espécie de rodeio, com toda a sinceridade.

De volta ao Rio, Brás chegou a tempo de rever sua mãe, à beira da morte, acamada por um câncer de estômago.

– Meu filho!
A dor suspendeu por um pouco as tenazes; um sorriso alumiou o rosto da enferma, sobre o qual a morte batia a asa eterna. Era menos um rosto do que uma caveira: a beleza passara, como um dia brilhante; restavam os ossos, que não emagrecem nunca. Mal poderia conhecê-la; havia oito ou nove anos que nos não víamos. Ajoelhado, ao pé da cama, com as mãos dela entre as minhas, fiquei mudo e quieto, sem

ousar falar, porque cada palavra seria um soluço, e nós temíamos avisá la do fim. Vão temor! Ela sabia que estava prestes a acabar, disse mo; verificamo lo na seguinte manhã. (págs. 85-86)

PROF. MONIR: Na manhã seguinte a mãe morreu.

Pela primeira vez, Brás Cubas deparava-se com uma perda real e reconhece que, até então, havia sido um medíocre preocupado com futilidades.

> *Talvez espante ao leitor a franqueza com que lhe exponho e realço a minha mediocridade;*

PROF. MONIR: Estão vendo? Ele está sendo completamente sincero.

> *advirta que a fraqueza é a primeira virtude de um defunto. Na vida, o olhar da opinião, o contraste dos interesses, a luta das cobiças obrigam a gente a calar os trapos velhos, a disfarçar os rasgões e os remendos, a não estender ao mundo as revelações que faz à consciência; e o melhor da obrigação é quando, à força de embaçar os outros, embaça se um homem a si mesmo, porque em tal caso poupa se o vexame, que é uma sensação penosa, e a hipocrisia, que é um vício hediondo. Mas, na morte, que diferença! que desabafo! que liberdade! (págs. 87-88)*

PROF. MONIR: "*Na morte que diferença, que desabafo, que liberdade!*" Ele está completamente livre para ser sincero porque morreu. Ele não tem preocupação nenhuma em "embaçar" os outros, quer dizer, em constranger os outros. Tem agora apenas a preocupação de contar as coisas tais como se passaram, sem nenhum rodeio.

O rapaz, inconformado com a morte da mãe, que lhe parecia enorme injustiça, após a missa de sétimo dia retirou se para a velha propriedade da família na Tijuca.

PROF. MONIR: A Tijuca, bairro da Zona Norte que hoje é próximo do centro do Rio, naquela época era um lugar ermo. Nós estamos falando aqui de 1800 e pouco. Havia então uma realidade urbana muito diferente no Rio de Janeiro. Havia praias bravias como Flamengo, Botafogo. O pessoal tinha casa de praia em Botafogo. O bairro da Tijuca devia ser um lugar longínquo, quase inacessível, um lugar onde tinha chácaras.

Levou consigo alguns livros, uma espingarda, roupas, charutos e o escravo Prudêncio.

> *Renunciei tudo; tinha o espírito atônito. Creio que por então é que começou a desabotoar em mim a hipocondria, essa flor amarela, solitária e mórbida, de um cheiro inebriante e subtil.*

PROF. MONIR: A hipocondria é aquilo que depois ele quer consertar com o emplasto.

> *'Que bom que é estar triste e não dizer cousa nenhuma!'[4] – Quando esta palavra de Shakespeare me chamou a atenção, confesso que senti em mim um eco, um eco delicioso. (pág. 89)*

---

4 Nota da revisora de transcrição: "tis good to be sad and say nothing". Fala retirada da comédia de Shakespeare As you like it (Como lhe Aprouver)

Brás Cubas ali ficou durante uma semana. Cansado da solidão, havia decidido voltar à cidade, quando Prudêncio lhe contou que na noite anterior havia se mudado para a propriedade ao lado uma antiga amiga da família, dona Eusébia, com sua filha Eugênia. Brás relutava em visitá-las, por causa de uma travessura de infância, quando havia denunciado dona Eusébia e o doutor Vilaça que se beijavam às escondidas atrás de uma moita.

Prudêncio, entretanto, recordou-lhe que fora dona Eusébia quem vestira sua mãe morta. Brás decidiu, assim, visitá-la, antes de retornar para a cidade. Nesse mesmo dia, o pai de Brás subiu à chácara, pois o queria de volta à vida social. Trouxe consigo dois projetos para o filho: uma candidatura a deputado e um excelente casamento com Virgília, filha do conselheiro Dutra, importante político. Brás relutava, mas o pai não se deixava vencer. Aconselhou o filho, dizendo-lhe que era preciso temer a "*obscuridade*" e "*fugir do que é ínfimo*". Concluiu afirmando que o fundamental era o que a sociedade pensava. Brás, finalmente, concordou com os projetos do pai e prometeu descer no dia seguinte, depois de visitar dona Eusébia.

> A visita à velha amiga da família retardou mais ainda a descida de Brás; por causa de Eugênia, menina de dezesseis anos, a quem ele mentalmente chamava de "a flor da moita", pois a jovem era fruto das relações ilícitas entre dona Eusébia e doutor Vilaça.

Brás Cubas a lisonjeou, dizendo que ela já era uma "moça":

> *Não pôde Eugênia encobrir a satisfação que sentia com esta minha palavra, mas emendou se logo, e ficou como dantes, erecta, fria e muda. Em verdade, parecia ainda mais mulher do que era; seria criança nos seus folgares de*

moça; mas assim quieta, impassível, tinha a compostura da mulher casada. Talvez essa circunstância lhe diminuía um pouco da graça virginal. Depressa nos familiarizamos; a mãe fazia lhe grandes elogios, eu escutava os de boa sombra, e ela sorria, com os olhos fúlgidos, como se lá dentro do cérebro lhe estivesse a voar uma borboletinha de asas de ouro e olhos de diamante... (págs. 97-98)

Brás Cubas conseguiu, é verdade, beijá-la, mas Eugênia revelou tal dignidade, que confundiu o rapaz. Eugênia tinha um defeito de nascença: era coxa (manca).

Amanheceu chovendo, transferi a descida; mas no outro dia, a manhã era límpida e azul, e apesar disso deixei me ficar, não menos que no terceiro dia, e no quarto, até o fim da semana. Manhã bonitas, frescas, convidativas; lá em baixo a família a chamar me, e a noiva, e o parlamento, e eu sem acudir a cousa nenhuma, enlevado ao pé da minha Vênus Manca. (pág. 102)

PROF. MONIR: Não vão pensar que quando ele fala em descer e subir trata-se de uma altura como a de Petrópolis; a Tijuca é um bairro do Rio de Janeiro. Mas deve ter uma certa diferença de altitude em relação ao nível do mar. Como naquela época não havia prédios, apenas o campo, a sensação de subida era muito mais nítida.

O rapaz resolveu não se envolver seriamente com Eugênia, sobretudo porque ela tinha condição social inferior à dele. Brás voltou à cidade, disposto a levar em frente os projetos do pai.

– Adeus, suspirou ela estendendo me a mão com simplicidade; faz bem. – E como eu nada dissesse, continuou: – Faz bem em fugir ao ridículo de casar comigo. Ia dizer lhe que não; ela retirou se lentamente, engolindo as lágrimas. Alcancei a a poucos passos, e jurei lhe por todos os santos do céu que eu era obrigado a descer, mas que não deixava de lhe querer e muito; tudo hipérboles frias, que ela escutou sem dizer nada. (pág. 105)

PROF. MONIR: E ele mesmo diz que são hipérboles frias. Ele agora admite, com toda a sinceridade, que ele falou isso para ela apenas por falar.

O narrador finalmente conheceu Virgília e o casal começou a namorar. Descreve sua futura noiva:

Naquele tempo contava apenas uns quinze anos; era talvez a mais atrevida criatura da nossa raça e, com certeza, a mais voluntariosa. Não digo que já lhe coubesse a primazia da beleza, entre as mocinhas do tempo, porque isto não é romance, em que o autor sobredoura a realidade e fecha os olhos as sardas e espinhas; mas também não digo que lhe maculasse o rosto nenhuma sarda ou espinha, não. Era bonita, fresca, saía das mãos da natureza, cheia daquele feitiço, precário e eterno, que o indivíduo passa a outro indivíduo, para os fins secretos da criação. Era isto Virgília, e era clara, muito clara, faceira, ignorante, pueril, cheia de uns ímpetos misteriosos; muita preguiça e alguma devoção, – devoção ou talvez medo; creio que medo. (págs. 93-94)

Enquanto preparava sua candidatura, foi a um ourives consertar o vidro do relógio e deparou-se com nada menos do que Marcela, proprietária do local. A moça, completamente envelhecida, tinha o rosto marcado por bexigas.

PROF. MONIR: Derivadas de varíola.

Ao fundo, por trás do balcão, estava sentada uma mulher, cujo rosto amarelo e bexiguento não se destacava logo, à primeira vista; mas logo que se destacava era um espetáculo curioso. Não podia ter sido feia; ao contrário, via se que fora bonita, e não pouco bonita; mas a doença e uma velhice precoce destruíram lhe a flor das graças. As bexigas tinham sido terríveis; os sinais, grandes e muitos, faziam saliências e escarnas, declives e aclives, e davam uma sensação de lixa grossa. Eram os olhos a melhor parte do vulto, e aliás tinham uma expressão peculiar e repugnante, que mudou, entretanto, logo que eu comecei a falar. Quanto ao cabelo, estava ruço e quase tão poento como os portais da loja. Num dos dedos da mão esquerda fulgia lhe um diamante. Crê lo eis, pósteros? essa mulher era Marcela. (pág. 108)

A beleza de sua juventude desaparecera. Embora aquela visão incomodasse Brás Cubas, ele facilmente fantasiou compensação para a situação dela:

Entrei a desconfiar que não padecera nenhum desastre (salvo a moléstia), que tinha o dinheiro a bom recado, e que negociava com o único fim de acudir à paixão do lucro, que era o verme roedor daquela existência; foi isso mesmo que me disseram depois. (pág. 110)

PROF. MONIR: Então ele reencontra a Marcela, agora transformada em uma mulher desinteressante. E acha que ela teria feito uma carreira bem-sucedida como prostituta, tanto é que acabou herdando a joalheria de um sujeito que meio que casou com ela.

Surpreendentemente, algum tempo depois do início da relação com Virgília, surgiu, de repente, Lobo Neves, homem inteligente e astuto, que lhe arrebatou Virgília e a candidatura. O pai não resistiu ao fracasso do filho e morreu em quatro meses, período durante o qual o velho repetia decepcionado*: "um Cubas, um Cubas, um Cubas..."*

> *Morreu daí a quatro meses, – acabrunhado, triste, com uma preocupação intensa e contínua, à semelhança de remorso, um desencanto mortal, que lhe substituiu os reumatismos e tosses. (pág. 116)*

Os irmãos Brás e Sabina (e seu marido Cotrim) fizeram a partilha dos bens, durante a qual armou-se grande e mesquinha discussão em torno de itens da herança, sobretudo da prataria da casa, usada em ocasiões importantes como o jantar em comemoração à derrota de Napoleão.

> *Estava tão agastado, e eu não menos, que entendi oferecer um meio de conciliação; dividir a prata. Riu se e perguntou me a quem caberia o bule e a quem o açucareiro; e depois desta pergunta, declarou que teríamos tempo de liquidar a pretensão, quando menos em juízo. Entretanto, Sabina fora até à janela que dava para a chácara, – e depois de um instante, voltou, e propôs ceder o Paulo e o outro preto, com a condição de ficar com a prata; eu ia dizer que não me convinha, mas Cotrim adiantou se e disse a mesma cousa. (pág. 119)*

No fim da discussão, os dois irmãos saíram brigados. Por esta mesma época, Brás recebeu de Luís Dutra, um primo de Virgília, a notícia de que ela estava voltando de São Paulo com o marido, então deputado. Reencontraram-se e ele a achou

lindíssima. Por questões políticas, o marido de Virgília convidou Brás para uma reunião íntima em sua casa. Brás, por essa época, escrevia textos literários e políticos num jornal. Naquela noite, os antigos namorados reaproximaram-se:

> *Cerca de três semanas depois recebi um convite dele para uma reunião íntima. Fui; Virgília recebeu me com esta graciosa palavra: – O senhor hoje há de valsar comigo. – Em verdade, eu tinha fama e era valsista emérito; não admira que ela me preferisse. Valsamos uma vez, e mais outra vez. Um livro perdeu Francesca; cá foi a valsa que nos perdeu. (págs. 124-125)*

PROF. MONIR: Essa é Francesca de Rimini, cuja história é contada em *A Divina Comédia*. Francesca era casada e tinha um caso com o cunhado. Foram pegos lendo um livro erótico, e o marido matou os dois. Eles vão parar no inferno, na região dos adúlteros, onde Dante os encontra.

> *Creio que nessa noite apertei lhe a mão com muita força, e ela deixou a ficar, como esquecida, e eu a abraçá la, e todos com os olhos em nós, e nos outros que também se abraçavam e giravam... Um delírio. (págs. 124-125)*

PROF. MONIR: Do mesmo modo que Francesca se perdeu com um cunhado por causa de um livro erótico, ele e a Virgília se perderam também nessa noite por causa de uma valsa. Essa é a comparação que ele faz. O Machado de Assis é um sujeito muito, muito culto, viu? Nunca subestimem o Machado de Assis, ele sabe tudo. Ele tem todas as referências mitológicas, leu tudo de importante que se publicou no século XIX, lia em francês, alemão, inglês... Era um sujeito de primeiro padrão. Nunca subestimem o velho Machado.

Brás Cubas, ao sair da festa, encontrou uma moeda de ouro no chão e viu no acontecimento uma lei cósmica:

> *Assim, eu, Brás Cubas, descobri uma lei sublime, a lei da equivalência das janelas, e estabeleci que o modo de compensar uma janela fechada é abrir outra, a fim de que a moral possa arejar continuamente a consciência. Talvez não entendas o que aí fica; talvez queiras uma cousa mais concreta, um embrulho, por exemplo, um embrulho misterioso. Pois toma lá o embrulho misterioso. (págs. 126-127)*

Alguns dias depois, nova surpresa: Brás Cubas achou na rua um "*embrulho misterioso*", contendo cinco contos de réis.

PROF. MONIR: Que é um dinheirão! É quase metade do que ele tinha gastado lá no joalheiro com a Marcela.

Coincidentemente, a partir daí, Brás e Virgília começaram a viver um romance adúltero:

PROF. MONIR: Agora Virgília, que é casada com Lobo Neves, tem com ele um romance escondido do marido, obviamente... Se ele tivesse casado com Virgília, não seria o caso, não é? Mas ele continuou solteiro e agora tem um romance com a moça com quem pretendia ter se casado.

> *Há umas plantas que nascem e crescem depressa; outras são tardias e pecas. O nosso amor era daquelas; brotou com tal ímpeto e tanta seiva, que, dentro em pouco, era a mais vasta, folhuda e exuberante criatura dos bosques. Não lhes poderei dizer, ao certo, os dias que durou esse crescimento. Lembra-me,*

sim, que, em certa noite, abotoou se a flor, ou o beijo, se assim lhe quiserem chamar, um beijo que ela me deu, trêmula, – coitadinha, – trêmula de medo, porque era ao portão da chácara. (pág. 129)

Nesta época, também reapareceu Quincas Borba,

PROF. MONIR: Lembram-se do Quincas Borba? Aquele que aterrorizava o professor italiano? Que era amigo dele e que também era um monstrinho?

o antigo colega de escola de Brás Cubas. Para sua surpresa, Quincas Borba parecia um mendigo.

Imaginem um homem de trinta e oito a quarenta anos, alto, magro e pálido. As roupas, salvo o feitio, pareciam ter escapado ao cativeiro de Babilônia; o chapéu era contemporâneo do de Gessler

PROF. MONIR: Gessler é aquele governador malvado da história do Guilherme Tell. O governador acha que não o estão respeitando, então coloca o seu chapéu no alto, em uma estaca no meio da praça, e todo o mundo que passa pelo chapéu tem que fazer uma referência ao chapéu como se fosse a ele, o governador. Todo o mundo faz, exceto Guilherme Tell, que diz que não fará uma coisa dessas, e aí começa então a ser perseguido. É o chapéu de Gessler que ele está comparando com o chapéu que Quincas Borba usava. Quer dizer, esse Quincas Borba tem pelo menos uma aparência ridícula, para dizer o mínimo. Mais tarde Machado irá escrever um livro só pra ele. É o romance que vem depois desse, chama-se *Quincas Borba.*

Imaginem agora uma sobrecasaca, mais larga do que pediam as carnes, – ou, literalmente, os ossos da pessoa; a cor preta ia cedendo o passo a um amarelo sem brilho; o pelo desaparecia aos poucos; dos oito primitivos botões restavam três. As calças, de brim pardo, tinham duas fortes joelheiras, enquanto as bainhas eram roídas pelo tacão de um botim sem misericórdia nem graxa. Ao pescoço flutuavam as pontas de uma gravata de duas cores, ambas desmaiadas, apertando um colarinho de oito dias. Creio que trazia também colete, um colete de seda escura, roto a espaços, e desabotoado.

PROF. MONIR: O que ele está descrevendo aqui é um mendigo, um pedinte.

– Aposto que não me conhece, Senhor Doutor Cubas? disse ele.

– Não me lembra...

– Sou o Borba, o Quincas Borba.

Recuei espantado... Quem me dera agora o verbo solene de um Bossuet ou de Vieira, para contar tamanha desolação!

PROF. MONIR: Bossuet é o maior orador francês da história, e Vieira é o maior orador da história, francês ou não. Vieira era português e morou no Brasil muitos anos, quando a capital era em Salvador. Escreveu seus famosos sermões, hoje todos preservados, que são a maior fonte de competência virgulativa da história da língua portuguesa. Ninguém escreve como o Padre Vieira. Você quer aprender a virgular, leia o Padre Vieira, que tem virgulações perfeitas. É claro que o estilo do Padre Vieira é inadequado para o mundo moderno, um estilo excessivamente rococó, muito barroco, excessivamente minucioso. Não tem mais viabilidade, não dá pra escrever daquele jeito. Mas são sermões com uma competência de argumentação absolutamente

ímpar. Bossuet, perto dele, fica muito pequeno. Bossuet escrevia em francês e o Vieira escrevia em português, essa é a razão pela qual você não tem o mesmo prestígio no Vieira, mas ele é muito maior. É um dos pouquíssimos artistas em língua portuguesa que tem verdadeira inserção universal. Camões, Fernando Pessoa, Padre Vieira, Machado de Assis – a quadra que você pode seguramente garantir... Acho que Eça de Queirós também pode ser colocado nesse grupo. Você tem aí a quina dos escritores de língua portuguesa que têm presença internacional garantida, que estariam entre os maiores escritores do mundo – quatro portugueses e um brasileiro. É o melhor que a língua portuguesa já produziu até hoje em literatura.

> *Era o Quincas Borba, o gracioso menino de outro tempo, o meu companheiro de colégio, tão inteligente e tão abastado. Quincas Borba! Não; impossível; não pode ser. Não podia acabar de crer que essa figura esquálida, essa barba pintada de branco, esse maltrapilho avelhentado, que toda essa ruína fosse o Quincas Borba. (pág. 136)*

Distanciando-se do antigo colega, na rua, após ele haver dado algum dinheiro, Brás Cubas percebeu que Quincas Borba lhe havia furtado o relógio.

Por sua vez, Virgília andava triste, receosa de que seu marido desconfiasse de alguma coisa.

> *– Creio que Damião desconfia alguma coisa. Noto agora umas esquisitices nele... Não sei. Trata me bem, não há dúvida; mas o olhar parece que não é o mesmo. Durmo mal; ainda esta noite acordei, aterrada; estava sonhando que ele me ia matar. Talvez seja ilusão, mas eu penso que ele desconfia... (pág. 141)*

Para Brás, o jeito era fugirem juntos, mas Virgília não concordou. No dia seguinte, ela o procurou com a ideia de eles arrumarem um lugar secreto, um cantinho só deles. Uma casinha na Gamboa foi, de fato, a saída encontrada pelos amantes para continuar seu romance, que já era alvo de "*suspeita pública*". Como fachada, foi instalada na residência dona Plácida, velha amiga da família de Virgília. O plano deu certo: "*Ao cabo de seis meses quem nos visse a todos três juntos diria que Dona Plácida era minha sogra*". Brás Cubas filosofa sobre o destino de dona Plácida naquele romance.

> *Se não fossem os meus amores, provavelmente Dona Plácida acabaria como tantas outras criaturas humanas; donde se poderia deduzir que o vício é muitas vezes o estrume da virtude. O que não impede que a virtude seja uma flor cheirosa e sã. (pág. 165)*

PROF. MONIR: A flor bem cheirosa nasce do estrume malcheiroso. Machado de Assis está fazendo aqui um jogo com relativismo moral... Isso é o Machado de Assis. Ele está o tempo todo fazendo sarcasmos, cinismos, pequenas ironias, é o modo como ele escreve. Ninguém faz isso tão bem quanto ele. Ele faz melhor do que Jonathan Swift. Ele é melhor do que Chesterton, sob certos aspectos, porque Chesterton tem a vantagem de lidar com os paradoxos. Ele não lida com os paradoxos, mas é um escritor de uma competência, de uma habilidade linguística extraordinária. Uma das razões pelas quais ele não tem esse prestígio todo é porque existe essa tortura que se faz com o estudante de obrigar o sujeito a ler esse livros todos para o vestibular. E aí o pessoal lê obrigado, só porque tem que saber, e fica com raiva do escritos pelo resto da vida. Esse é um dos males derivados de você transformar a educação num processo obrigatório. Assim você destrói a possibilidade de aprendizado. É preciso que os alunos desejem voluntariamente aprender.

Algum tempo depois, entretanto, Lobo Neves foi convidado a ocupar uma presidência da província no norte do Brasil.

PROF. MONIR: Nessa época da história do Brasil, o imperador indicava pessoas da corte para serem presidentes de província, e isso tudo acabou em 1889, com a Proclamação da República. O Paraná, que virou província em 1853, foi uma província do Império durante trinta e seis anos. O presidente de província não era eleito, era indicado pelo imperador, e vinha de outras partes. Tanto é que Zacarias de Góes Vasconcelos, nosso primeiro presidente, era baiano. Em trinta e seis anos de vida provincial imperial, tivemos quarenta e poucos presidentes de província. Alguns fizeram um trabalho magnífico. Esse cinturão de colônias ao redor de Curitiba – polonesas, ucranianas, alemãs – tudo isso foi invenção do Lamenha Lins. Teve o Visconde de Taunay, o Henrique de Beaurepaire Rohan; tivemos mais presidentes do que anos de presidência. O imperador usava as províncias para treinar determinados políticos. Eles estão todos aí nos nomes das ruas, hoje em dia, mas eram pessoas que se mudavam para cá com a mulher e os filhos, ocupavam o palácio e ficavam seis, sete, oito meses e iam embora porque o imperador tinha mudado de indicação. Havia uma rotatividade enorme de presidente de província. Com a Proclamação da República, em 1889, muda-se o nome de "província" para "estado", mas o estado continua tendo presidente, o nome do sujeito que governava o estado continuou sendo "presidente". Até que em 1930, quando há a revolução getulista, os estados passam a ter governadores. Primeiro interventores, depois é que se passa a ter governadores. Mas isso era muito comum no Brasil todo, e o fato de que o Lobo Neves está sendo indicado aqui para ocupar uma presidência de província do Norte do Brasil era a coisa mais comum do mundo. Esses presidentes passavam por três, quatro, cinco províncias na sua vida.

Os amantes ficaram desesperados, mas a saída foi dada pelo próprio marido, que convidou Brás para acompanhá-lo como seu secretário.

PROF. MONIR: Brás é um sujeito desocupado, não precisava de dinheiro, não precisava do salariozinho magro do governo. Então o outro ingenuamente convida o Brás para ser seu secretário e viajar com o casal. Poderia ter solução melhor para um casal que tem uma relação adúltera escondida?

Brás Cubas medita: *"Na verdade, um presidente, uma presidenta, um secretário, era resolver as coisas de um modo administrativo".*

PROF. MONIR: Pronto. Olha a ironia machadiana finíssima: "apareceu uma solução administrativa para os problemas". "Presidenta" é uma maneira errada de falar. A palavra é comum de dois, tanto faz se é para homem ou mulher. Aqui se trata da mulher do presidente (não é para distinguir uma mulher que fosse presidente de fato), então se chamava de presidenta. Mas é apenas uma maneira adaptada de falar, porque presidenta, de fato, não existe.

O rapaz estava ainda relutante, pois toda gente comentava seus amores com Virgília. Surpreendentemente, Lobo Neves recusou a nomeação, porque o decreto trazia o número 13, que ele considerava ligado a acontecimentos tristes de sua vida. Dessa forma, o casal continuou se encontrando na casinha da Gamboa. Ainda nesse período, ocorreu a reconciliação de Brás Cubas com a família.

PROF. MONIR: Lembra que tinham brigado por causa da herança?

O narrador voltou a visitar regularmente Sabina e Cotrim. Sua irmã, como sempre, insistia na tese de que Brás precisava se casar, já que alguém precisava herdar o nome da família. Ironicamente, o romance de Brás e Virgília, neste momento, atingia seu ponto máximo. Para complicar, Virgília comunicou ao amante que estava grávida. Brás veria naquele embrião, de *"obscura paternidade",*

PROF. MONIR: Não se sabia quem era o pai. Como ela tinha dois "maridos", ninguém sabia verdadeiramente quem era o pai daquela criança. Portanto ele só podia fantasiar ser o pai. É a mesma situação do Dom Casmurro. Dom Casmurro vai pra São Paulo, e quando volta não sabe se quem engravidou a mulher foi ele ou o Escobar. Este é um romance anterior a Dom Casmurro.

seu próprio filho, dono de um belo futuro, imaginando-o indo à escola, tornando-se bacharel e discursando na Câmara dos Deputados.

PROF. MONIR: Viu como são os brasileiros? Logo começa a imaginar o seu filho em um cargo público, usufruindo de uma mordomia qualquer. O desastre da incivilidade brasileira, a derrocada do Rio de Janeiro, que era uma das cidades mais bonitas que se podia imaginar, é fruto deste conjunto de mentalidades que já está no embrião dessa obra de Machado de Assis. Havia um político comunista, na década de 1950 ou 1960[5] , que dizia que Machado de Assis era uma porcaria porque ninguém trabalha nas suas obras, o que é rigorosamente verdade, aliás. Dizia então que era uma obra da burguesia, que só tinha personagens de natureza indolente. É claro que não dá pra culpar o Machado por isso, mas é preciso compreender o que isso significa.

---

5 Nota da revisora de transcrição: Provavelmente Astrojildo Pereira (1890-1965)

Significa que no Rio de Janeiro havia uma cultura da sinecura. Meira Penna, que escreveu um belo livro sobre isso, explica o seguinte: quando a família real veio para o Brasil, em 1808, vieram com eles dez mil nobres – quem é que ia ficar lá esperando Napoleão aparecer? Então tinha que alimentar, vestir e dar casa para dez mil nobres, que não eram pessoas quaisquer. Foi aí que se inventou no Brasil o costume de se contratar um sujeito para carimbar um lado da folha e outro para carimbar o verso, porque com isso você fazia de conta que essa gente trabalhava. E criou-se então uma burocracia. Essa tese muito interessante está no livro do Meira Penna intitulado *Em Berço Esplêndido*[6] , esse é o livro que conta que se estabeleceu aqui uma prática de remunerar as pessoas para não fazerem nada. É esta gente que produziu a elite carioca que o Machado de Assis descreve. É a elite que levanta o ódio desses comentaristas como Astrojildo Pereira. Essa gente que não trabalha não é a burguesia, que trabalha feito louca. A burguesia quer ficar rica, então o burguês é o sujeito que fica até as dez da noite no trabalho. Quem não trabalha é o aristocrata, o sujeito que acha que já que é marquês, que é conde etc., tem direito a uma sinecura pública. E é o aristocrata que vive disso. Até hoje em Curitiba tem alguns bairros que pagam laudêmio, uma remuneração que há na transação de uma propriedade (imposto sobre a venda/compra de um imóvel) que vai para a família real brasileira. O município de Petrópolis, por exemplo, todo ele paga laudêmio. É como se ele pertencesse à família real. Portanto são críticas injustas a Machado de Assis – ele não é da alta burguesia; pode ser arauto da aristocracia, mas da burguesia ele não é. E mesmo assim não dá para compará-lo desse jeito, com esta precariedade, ele é muito mais sofisticado do que isso.

---

6 Nota da revisora de transcrição: Em Berço Esplêndido - Ensaios de psicologia coletiva brasileira, 1999

Lá me escapou a decifração do mistério, esse doce mistério de algumas semanas antes, quando Virgília me pareceu um pouco diferente do que era. Um filho! Um ser tirado do meu ser! Esta era a minha preocupação exclusiva daquele tempo. Olhos do mundo, zelos do marido, ..., nada me interessava por então, nem conflitos políticos, nem revoluções, nem terremotos, nem nada. Eu só pensava naquele embrião anônimo, de obscura paternidade, e uma voz secreta me dizia: é teu filho. Meu filho! E repetia estas duas palavras, com certa voluptuosidade indefinível, e não sei que assomos de orgulho. Sentia me homem. (pág. 187)

****

INTERVALO

****

PROF. MONIR: A melhor definição para Brás Cubas é francesa: *fait nien* - aquele sujeito que não faz nada. É a palavra em francês para personalidades como a de Brás Cubas, muito comum em Machado de Assis – a daquele sujeito que tem a vida mais ou menos garantida, que pertence à aristocracia carioca. Machado de Assis só sabe lidar com personagens cariocas – acho que nunca saiu do estado do Rio de Janeiro na sua vida. Talvez tenha ido pra São Paulo uma vez ou outra, mas ele não é um ser do mundo, nunca viajou para o exterior. Sabia línguas e coisas do estrangeiro pelos livros. Esse Brás Cubas é um *fait nien*, um sujeito por quem temos muita simpatia. Agora que o sujeito está morto, é de uma sinceridade acachapante, conta tudo sobre a sua própria vida sem nenhum constrangimento, não joga mais para

a torcida, não usa nenhuma máscara social. Está nos contando uma série de acontecimentos que foram decorrendo ao longo da sua pequena vida, que afinal não durou muito. Sabemos que ele é um adolescente problema; o pai o exporta para Portugal por uns tempos. Em Portugal ele faz um curso universitário igual a esses que nós fazemos aqui.

ALUNOS: [*Risos*]

Prof Monir: Exatamente igual, portanto não tem muita novidade nisso, não é? Quer dizer, ele não aprendeu absolutamente nada, passou todo o curso universitário tomando cerveja. Voltou aqui, encontrou a mãe moribunda, sofreu a perda da mãe, foi se refugiar em um sítio da família na Tijuca (num tempo em que a Tijuca era um lugar ermo), e então conhece uma moça, filha de uma vizinha, chamada Eugênia. Entre os dois nasce uma simpatia mútua, o início de um romance. O romance não se desdobra porque a moça estava em condição social muito diferente da dele. Ele resolve então aceitar um plano do pai de casar com uma moça que ele nunca tinha visto na vida, chamada Virgília. O pai dela, sendo um político importante, iria então lhe conseguir uma vaga de deputado. Tipicamente um projeto da aristocracia carioca do século XIX. O sujeito nasce de uma família de bem, nunca trabalha na vida, faz um curso universitário apenas para ter um diploma, e irá viver de alguma sinecura pública – ou como deputado, ou como ministro ou como um associado qualquer em instituição do governo imperial, que se caracteriza pela proteção da nobreza.

(Quando você começa a ler o Machado de Assis, você começa a se interar desse mundo e vai achando tudo normal. Você vai se sentindo como viven-

te da época. Com Lima Barreto é a mesma coisa. Você acaba entendendo como funcionava a mentalidade dessa época e não estranha mais que as personagens machadianas não trabalhem. De fato, a maioria não trabalha mesmo.)

E o nosso candidato a deputado fracassa porque aparece Lobo Neves, que lhe rouba a noiva e a candidatura. E ele volta à sua vida sem grandes emoções. No entanto, se transforma mais tarde em amante da antiga noiva, um amante até muito audacioso para uma cidade pequena como devia ser o Rio de Janeiro daquela época, tendo um caso mais ou menos público. Eles tinham um "ninho de amor", para usar uma expressão de antigamente. Aparece também na vida de Brás Cubas o seu velho amigo Quincas Borba, completamente diferente do que era quando criança – empobrecido, molambento, escangalhado, completamente roto e que ainda por cima lhe rouba o relógio.

E a família... ele só tem uma irmã, a Sabina, que faz de tudo para arrumar uma mulher para o irmão. A Sabina não sabe que aquele romance adúltero e secreto que há entre a Virgília e o Brás Cubas está no seu ponto máximo, tendo a Virgília até mesmo engravidado, levando Brás Cubas a fantasiar que esse seria seu filho, que ele teria então finalmente conseguido alguma coisa na vida. Quando fomos tomar café, tínhamos deixado o Brás Cubas radiante com a perspectiva da paternidade, não foi? Continuamos.

Com maior surpresa ainda, Brás Cubas recebeu carta de Quincas Borba, devolvendo um relógio igual ao roubado e propondo lhe encontro para apresentar lhe seu sistema filosófico *Humanitismo ou Humanitas*. Quincas Borba havia recebido herança de Minas e estava novamente bem de vida.

PROF. MONIR: Outra coisa importante nessa época são as ligações enormes que havia entre Rio de Janeiro e Minas Gerais. Minas é um estado sem mar, um estado velho. O ciclo de ouro mineiro começou com garimpeiros curitibanos. Quando aqui se esgotou o ciclo do ouro, que era de aluvião, os garimpeiros foram daqui para Minas e lá fizeram o ciclo de ouro de Minas, que começa em 1793. Minas ficou muito rica, muito cedo, e o Paraná não. Quando o Paraná se transformou em província, em 1853, existia meia dúzia de cidades, o resto era floresta. Tinha os campos de Guarapuava e os campos de Curitiba, lugares onde não havia floresta, e o resto era uma floresta só, o Oeste e o Norte. Nessa época aqui, portanto, o Paraná era um estado insignificante. Tirando Curitiba, Paranaguá e a Lapa, não tinha nada no Paraná. Nada que interessasse, além de Castro – uma cidadezinha, e Guarapuava, que ficava no caminho das tropas e tinha alguma povoação. O resto não existia. Em 1853 Minas já era um estado muito poderoso por causa do ciclo da mineração. Havia muita ligação entre a aristocracia mineira e a aristocracia carioca. A aristocracia mineira era mais ou menos parasitária da corte. Os mineiros são incrivelmente habilidosos em se tornar usufruidores do Estado. Em São Paulo havia muita pouca coisa, porque São Paulo crescerá muito mais tarde. As famílias quatrocentonas já existiam, mas São Paulo não tinha burguesia porque os imigrantes italianos ainda não tinham vindo. São Paulo transforma-se num colosso com os imigrantes italianos – é preciso que se diga isso com toda a verdade. Foi o estado que mais recebeu imigrantes. Mais do que o Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, que é só o quarto da lista. A imigração só começou em meados do século XIX, mais ou menos na época que essa história está acontecendo. A primeira imigração ainda foi no tempo do Império, com a fundação de Nova Friburgo, composta por suíços católicos, infelizes com o protestantismo, que haviam sido destinados para vir morar em Curitiba. Chegaram no Rio de Janeiro, subiram a ser-

ra porque não aguentavam o calor e acabaram ficando em Friburgo, onde moram até hoje. Mas era para terem vindo para cá, esse era o plano de Dom João VI – a fundação de Friburgo é anterior à Independência. Depois da Independência, as primeiras colonizações foram em Rio Negro, com alemães bucovinos, e em São Leopoldo e Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul, foram feitas as primeiras colonizações pós-guerra, por alemães.

Virgília perdeu o filho que estava esperando. Lobo Neves recebeu carta anônima delatando os amantes. Virgília negou veementemente a traição, mas como Lobo Neves ficara desconfiado, Brás afastou-se da residência do casal, mesmo porque o espaço da Gamboa continuava resguardado.

> *Bastava nos a Gamboa. A frequência da outra casa aguçaria as invejas. Rigorosamente podíamos dispensar nos de falar todos os dias; era até melhor, metia a saudade de permeio nos amores.*

PROF. MONIR: Olhem que maravilha de português: "*Metia saudade em permeio aos amores*", olhem que beleza.

> *Ao demais, eu galgara os quarenta anos, e não era nada, nem simples eleitor de paróquia. (pág. 190)*

PROF. MONIR: Com quarenta anos, ele descobre que não é nada. Fez um curso em que não aprendeu nada, é apenas bacharel de carteirinha... Ele é rico – a única coisa que salva a sua vida é que ele não precisa lutar pela sua sobrevivência, tem tudo garantido. Ele não tem mulher, não tem família. O filho que ele sonhou e fantasiou ser seu, morreu. Nem a fantasia sobreviveu. Ele não é nada. Não conseguiu casar de verdade com a Virgília, não foi depu-

tado, não teve nenhuma espécie de sucesso na vida até agora, com quarenta anos. Parece que quarenta anos é, para um homem daquela época, uma idade maior do que é hoje. Todas as idades foram postergadas. A mulher de trinta anos do Balzac, a balzaquiana, equivale modernamente à mulher de cinquenta. Há mais ou menos vinte anos de diferença entre a situação daquela época e a situação de hoje. É como se alguém estivesse na mesma situação de insucesso com sessenta anos hoje. Ele é, na verdade, um *fait nien*, um *farniente* em italiano, apenas um sujeito que passa pela vida como um observador desinteressado.

Algum tempo depois, Lobo Neves reatou suas relações com o Ministério, desgastadas pela recusa em aceitar o cargo anterior, e conseguiu posição de presidente de província. O narrador brinca com o número do novo decreto, 31, ressaltando que a simples inversão dos algarismos bastou para que a vida tomasse novo rumo.

PROF. MONIR: Isso é o Machado de Assis. Há um conto do Machado de Assis[7] em que ele conta a história de um sujeito que comprou um sapato novo e no final da história ele chega à seguinte conclusão: a felicidade é um sapato novo. Todo o mundo que fica triste e vai ao *shopping* faz a mesma coisa. Portanto, não fiquem achando que era só nessa época, porque é assim que todo o mundo faz para resolver um problema de infelicidade: compra um sapato novo, compra sei lá o quê. Toma uma banana split daquelas, enorme.

---

7 Nota da revisora da transcrição: trata-se do último capítulo do livro *Histórias sem Data*.

Uma semana depois, Lobo Neves foi nomeado presidente de província. Agarrei me à esperança da recusa, se o decreto viesse outra vez datado de 13; trouxe, porém, a data de 31, e esta simples transposição de algarismos eliminou deles a substância diabólica. Que profundas são as molas da vida! (pág. 202)

PROF. MONIR: Vejam que ironia maravilhosa, que maravilhoso o texto desse homem.

Brás e Virgília conversaram brevemente antes da partida: não houve desespero, nem mesmo dor, o fato trouxe-lhe apenas alguns poucos dias de reclusão em sua casa e uma amostra do que era a viuvez.

Não a vi partir; mas à hora marcada senti alguma coisa que não era dor nem prazer, uma coisa mista, alívio e saudade, tudo misturado, em iguais doses. Não se irrite o leitor com esta confissão. Eu bem sei que, para titilar lhe os nervos da fantasia, devia padecer um grande desespero, derramar algumas lágrimas, e não almoçar. Seria romanesco; mas não seria biográfico.

PROF. MONIR: Olhem que maravilha! Se ele contasse para o leitor que chorou noites atrás de noites, que ficou três dias sem comer, que tentou suicídio, isso tudo seria romanesco, mas não seria biográfico. Porque no fundo ele não sentiu lá grandes problemas em ter perdido a Virgília. Ele simplesmente sentiu uma espécie de perda, mas nada que fosse muito desesperador.

A realidade pura é que eu almocei, como nos demais dias, acudindo ao coração com as lembranças da minha aventura, e ao estômago com os acepipes de M. Prudhon[8] ... (pág. 206)

PROF. MONIR: Que era um restaurante que os ricos frequentavam no Rio de Janeiro, o melhor restaurante daquela época. Então ele resolveu o problema com os acepipes, com os quitutes do senhor Prudhon.

Morreram seu tio cônego, Ildefonso, e dois primos, pelos quais ele não sofreu: *"Levei-os ao cemitério, como quem leva dinheiro ao banco".*

Também nasceu sua segunda sobrinha, Venância. Brás Cubas se recolheu. Tal reclusão, entretanto, assim como seus pensamentos mais profundos, passou rapidamente, graças ao reaparecimento de Quincas Borba e seu envolvimento com dona Eulália[9], chamada familiarmente de Nhã Loló, com dezenove anos e filha de Damasceno, um amigo da família. Faltava à moça certa elegância, segundo Brás, mas tinha belos olhos e uma expressão angelical. O narrador a havia conhecido ainda quando Virgília estava no Rio de Janeiro e grávida. Sabina insistia em que Nhã-Loló seria uma excelente esposa para o irmão, que se esquivara na época. Neste momento, tendo baixado a guarda, quando se deu conta, estava praticamente nos braços da jovem e acabaram noivos três meses após a partida de Virgília, mas Eulália, desgraçadamente, morreu repentinamente.

---

8 Nota do resumidor – Monsieur Prudhon era o dono do famoso restaurante *Pharoux*.

9 Nota do resumidor – Eulália Damascena de Brito, um partido que a irmã de Brás Cubas se esforçara por aproximar do irmão.

PROF. MONIR: Pronto. E agora? Também não deu certo com a Eulália. Que pé frio, né? O Brás Cubas continua sem nada, com um enredo de vida muito pobre.

Restou a Brás Cubas conhecer a filosofia de Quincas Borba, o Humanitismo.

PROF. MONIR: Há quem veja nessa história de humanitismo uma espécie de coração do positivismo, mas essa é uma hipótese muito polêmica. Não há unanimidade sobre isso. O Humanitismo é uma filosofia que o mendigo filósofo chamado Quincas Borba havia inventado. Agora Quincas Borba não é mais mendigo. Ele ganhou uma herança de Minas e está novamente bem, tanto é que devolveu o relógio que ele havia batido para o outro. Vamos ver então o que é Humanitismo.

> *– Humanitas, dizia ele, o princípio das coisas, não é outro senão o mesmo homem repartido por todos os homens. Conta três fases Humanitas: a estática, anterior a toda criação; a expansiva, começo das coisas; a dispersiva, aparecimento do homem; e contará mais uma, a contrativa, absorção do homem e das coisas. A expansão, iniciando o universo, sugeriu a Humanitas o desejo de o gozar, e daí a dispersão, que não é mais do que a multiplicação personificada da substância original* [10].

PROF. MONIR: Teilhard de Chardin (criador do evolucionismo, teoria da vida real semelhante ao humanitismo) é muito posterior ao livro – o livro foi editado em 1880, no ano seguinte nasce Teilhard de Chardin – mas quando

10 Nota do resumidor – O humanitismo é uma filosofia materialista, panteísta, de sabor oriental, que se parece espantosamente com o evolucionismo do padre Teilhard de Chardin (1881-1955).

você pega a filosofia do Chardin, você fica impressionado com as semelhanças. É incrivelmente parecido. Não é que o Teilhard de Chardin tenha copiado Quincas Borba, porque na verdade Machado de Assis colocou essa filosofia aí mais a título de gozação e deboche (para dizer o mínimo, Quincas Borba é uma figura folclórica), mas o que é parecido com o Chardin é o seguinte: Chardin está querendo fazer a conciliação da cosmovisão cristã com o evolucionismo. Ele quer ficar com os dois ao mesmo tempo. Ele imagina que no começo havia coisas sem vida, e em um dado momento há o início da vida. E essa vida então irá evoluir, do jeito que Darwin diz que aconteceu, até que em dado momento aparece o homem. Quando aparece o homem, abre-se o terceiro estágio da evolução. Primeiro eram as coisas mortas, depois vieram as coisas vivas e depois, entre as coisas vivas, o homem, que é o início do terceiro estágio. E esse homem agora assume o papel de evolução, levando a realidade, o mundo e o cosmos para o ômega, que é a última letra do alfabeto grego. Então, para o ponto final, onde haverá uma espécie de cristianização de toda a esfera da realidade. Isso é o Teilhard de Chardin. Acho que nem preciso dizer para vocês o quanto esta ideia é estúpida, e o quanto isso é sem cabimento nenhum, e o quanto isso na verdade não tem nenhum sentido, tanto é que a Igreja até proibiu o homem de ficar falando isso em nome da Igreja. No fundo, no fundo, é uma filosofia panteísta, como é a filosofia de Espinoza – a ideia de que tudo será cristianizado, do copo que está aqui em cima da mesa, passando pelos Pokémons, indo na direção do Bob Esponja, cristianizando também o Topo Gigio... Entendeu? Passando pelos Irmãos Marx. A ideia de que tudo será cristianizado é uma bobagem extraordinária, não tem cabimento nenhum. Deus não faz parte do mundo. Mas é isso que é esse Humanitismo aí, tem essa característica panteísta, tudo mais ou menos misturado, porque Deus seria isso tudo. É uma filosofia ateísta o que está na cabeça deste sujeito.

Agora por que é que Machado de Assis inventa essa personagem com essa filosofia? Bom, mais tarde a gente vai ficar sabendo.

> *Queres uma prova da superioridade do meu sistema? Contempla a inveja. Não há moralista grego ou turco, cristão ou muçulmano, que não troveje contra o sentimento da inveja. O acordo é universal, desde os campos da Idumeia até o alto da Tijuca. Ora bem; abre mão dos velhos preconceitos, esquece as retóricas rafadas, e estuda a inveja, esse sentimento tão sutil e tão nobre. Sendo cada homem uma redução de Humanitas, é claro que nenhum homem é fundamentalmente oposto a outro homem, quaisquer que sejam as aparências contrárias. Assim, por exemplo, o algoz que executa o condenado pode excitar o vão clamor dos poetas; mas substancialmente é Humanitas que corrige em Humanitas uma infração da lei de Humanitas. O mesmo direi do indivíduo que estripa o outro; é a manifestação da força de Humanitas. Nada obsta (e há exemplos) que ele seja igualmente estripado. Se entendeste bem, facilmente compreenderás que a inveja não é senão uma admiração que luta, e sendo a luta a grande função do gênero humano, todos os sentimentos belicosos são os mais adequados à sua felicidade. Daí vem que a inveja é uma virtude. (págs. 208-209)*

PROF. MONIR: [*Risos*] Vocês já sabem analisar isso a essa altura. A gente está a tanto tempo conversando aqui... Quando você cria uma tese panteísta sobre o mundo, que tudo nesse mundo é Deus, a decorrência é de que tudo que tem nesse mundo é bom. Deus não pode ser ruim, então todas as coisas teriam que ser boas necessariamente. Mas como as coisas não são boas, e sabe-se bem disso, é preciso então arrumar os remendos nessa teoria para provar que o mal é bom, que o péssimo é ótimo, que o escuro é luminoso, que o errado é certo, e assim por diante. É preciso destruir a possibilidade de

contraste; é nesse beco sem saída que você cai quando vira panteísta. Quincas Borba é isso, a teoria Humanitas é panteísta e por isso completamente inviável, porque é obrigada a dar o mesmo status essencial para todas as coisas. Não funciona. Não funciona com o Espinoza, vai funcionar com o Quincas Borba?

Depois de algum tempo, Brás tornou-se deputado e Lobo Neves voltou ao Rio.

PROF. MONIR: Vindo daquela presidência de província, porque esses cargos eram ocupados por seis meses, sete meses...

Na Câmara de Deputados, Brás ouviu discurso proferido pelo marido de Virgília e não sentiu nenhum remorso. Reencontrou a antiga amante num baile, em 1855.

PROF. MONIR: Fazia dois anos que o Paraná tinha se desvinculado de São Paulo e se tornado a província do Paraná.

> *A primeira vez que pude falar a Virgília, depois da presidência, foi num baile em 1855. Trazia um soberbo vestido de gorgorão azul, e ostentava às luzes o mesmo par de ombros de outro tempo. Não era a frescura da primeira idade; ao contrário; mas ainda estava formosa, de uma formosura outoniça, realçada pela noite.*

PROF. MONIR: Olha que maravilha. Formosura outoniça, a formosura de alguém que começou a envelhecer. Já está vivendo o outono.

> *Lembra me que falamos muito, sem aludir a coisa nenhuma do passado. Subentendia se tudo. Um dito remoto, vago, ou então um olhar, e mais*

nada. Pouco depois retirou se; eu fui vê la descer as escadas, e não sei por que fenômeno de ventriloquismo cerebral (perdoem me os filólogos essa frase bárbara) murmurei comigo esta palavra profundamente retrospectiva: 'Magnífica!' (pág. 223)

Brás Cubas observou que Virgília continuava muito bonita, ainda que fosse, é claro, de uma beleza diferente. Os dois conversaram muito, mas sem falar do passado. O narrador já tinha cinquenta anos, mas Quincas Borba garantiu-lhe que aquela era a idade da ciência e do amadurecimento.

PROF. MONIR: Cinquenta anos. Nessa época estava todo mundo aposentado. Esse então que era um *fait nien*, aposentou-se de não fazer nada. O sujeito que se aposenta de não fazer nada, finalmente começa a fazer alguma coisa. É o Gianni Agnelli, que passou a dirigir a Fiat com quarenta anos de idade.

Os meus cinquenta anos. Lá estavam eles, os teimosos, não tolhidos de frio, nem reumáticos – mas cochilando a sua fadiga, um pouco cobiçosos de cama e de repouso.

PROF. MONIR: Olhem que maravilha! Os cinquenta anos dele, "*não tolhidos de frio, nem reumáticos, – mas cochilando a sua fadiga, um pouco cobiçosos de cama e de repouso*".

Então – e vejam até que ponto pode ir a imaginação de um homem, com sono –, então pareceu me ouvir de um morcego encarapitado no tejadilho: Sr. Brás Cubas, a rejuvenescência estava na sala, nos cristais, nas luzes, nas sedas – enfim, nos outros. (pág. 227)

PROF. MONIR: Então Brás Cubas agora descobre que tem cinquenta anos, que ele é um fait nien, que não fez nada da sua vida inteira, que ele é um nada, e irá buscar rejuvenescimento aonde? Nos outros. Ele finalmente resolve fazer alguma coisa para se voltar para os outros.

Preocupado com o vazio em sua vida, Brás decidiu participar de maneira mais ativa nas discussões, já que tinha sido sempre um político indiferente aos problemas do País, como na vida pessoal. Um dos assuntos com que se envolveu especialmente foi a política do uso da barretina pela guarda nacional.

> *Acrescia que a barretina, por seu peso, abatia a cabeça dos cidadãos, e a pátria precisava de cidadãos cuja fronte pudesse levantar se altiva e serena diante do poder; e concluí com esta ideia: o chorão, que inclina os seus galhos para a terra, é árvore de cemitério; a palmeira, ereta e firme, é árvore do deserto, das praças e dos jardins. (pág. 230)*

PROF. MONIR: Então, me contem, é muito relevante essa questão da barretina com a qual ele se envolveu fortemente?

ALUNOS: [*Risos*]

PROF. MONIR: A questão se a guarda nacional usará ou não usará a barretina, esse é o assunto que ele achou que convinha a uma pessoa realmente interessada nos outros discutir. Parece um assunto com potência boa?

ALUNA: [*Comentário*]

PROF. MONIR: Parece os assuntos lá de *As Viagens de Gulliver*. A briga entre os liliputianos e aquele povo da ilha ao lado era porque havia uma dúvida sobre se você quebra o ovo pelo lado rombudo ou pelo lado pontudo. Essa era a briga que motivou a guerra entre aqueles dois povos, de Lilliput e de Blefuscu.

Brás Cubas almejava o cargo de ministro, que também não conseguiu. Nem mesmo Quincas foi capaz de animá-lo desta feita:

> *– Vai para o diabo com o teu Humanitismo – interrompi o –; estou farto de filosofias que me não levam a coisa nenhuma. A dureza da interrupção, tratando se de tamanho filósofo, equivalia a um desacato; mas ele próprio desculpou a irritação com que lhe falei.*
>
> *(...)*
>
> *– Mas, enfim, que pretendes fazer agora? – perguntou me Quincas Borba, indo por a xícara vazia no parapeito de uma das janelas.*
> *– Não sei; vou meter me na Tijuca; fugir aos homens. Estou envergonhado, aborrecido. Tantos sonhos, meu caro Borba, tantos sonhos, e não sou nada. (págs. 232 -233)*

PROF. MONIR: É uma conclusão de um homem de cinquenta anos que acha que não fez nada. Viveu confortavelmente, por causa da sua situação social, mas não casou, não teve filhos, não escreveu nenhum livro, não fez nada relevante, não plantou árvore, não foi deputado... Deputado ele foi, conseguiu ser.

Brás recebeu carta de Virgília, pedindo-lhe que fosse ver dona Plácida, que estaria morrendo na miséria. Ele considerou recusar, porque havia dado à velha os

cinco contos de réis que havia achado na rua, mas acabou convencido a ajudar a mulher que lhe havia servido de alcoviteira durante tanto tempo.

Mas adverti logo que, se não fosse Dona Plácida, talvez os meus amores com Virgília tivessem sido interrompidos, ou imediatamente quebrados, em plena efervescência; tal foi, portanto, a utilidade da vida de Dona Plácida. Utilidade relativa, convenho; mas que diacho há absoluto nesse mundo? (pág. 237)

Morreu dona Plácida. Brás decidiu fundar um jornal com base na filosofia do Humanitismo.

Urgia fundar o jornal. Redigi o programa, que era uma aplicação política do Humanitismo; somente, como o Quincas Borba não houvesse ainda publicado o livro (que aperfeiçoava de ano em ano), assentamos de não lhe fazer nenhuma referência. Quincas Borba exigiu apenas uma declaração, autógrafa e reservada, de que alguns princípios novos aplicados à política eram tirados do livro dele, ainda inédito. (pág. 238)

Como o jornal tinha índole oposicionista, Cotrim rompeu relações com o cunhado. Algum tempo depois, morreu Lobo Neves.

Fui ao enterro. Na sala mortuária achei Virgília, ao pé do féretro, a soluçar. Quando levantou a cabeça, vi que chorava deveras. Ao sair o enterro, abraçou se ao caixão, aflita; vieram tirá la e levá la para dentro. Digo vos que as lágrimas eram verdadeiras. Eu fui ao cemitério; e, para dizer tudo, não tinha muita vontade de falar, levava uma pedra na garganta ou na consciência. No cemitério, principalmente quando deixei cair a pá de cal sobre o caixão, no

fundo da cova, o baque surdo da cal deu me um estremecimento passageiro, é certo, mas desagradável; e depois a tarde tinha o peso e a cor do chumbo; o cemitério, as roupas pretas...

(...)

Saí, afastando me dos grupos, e fingindo ler os epitáfios. E, aliás, gosto dos epitáfios; eles são entre a gente civilizada, uma expressão daquele pio e secreto egoísmo que induz o homem a arrancar à morte um farrapo ao menos da sombra que passou. Daí vem, talvez, a tristeza inconsolável dos que sabem os seus mortos na vala comum; parece lhes que a podridão anônima os alcança a eles mesmos. (págs. 243-244)

Brás Cubas reconciliou-se com o cunhado e filiou-se a uma Ordem Terceira, voltada para pessoas carentes.

PROF. MONIR: Ordem terceira era o nome que se dava para ordens religiosas que incluíam leigos e que cuidavam de questões de caridade. As ordens terceiras cuidavam das Santas Casas de Misericórdia, por exemplo. Têm conotação religiosa, mas não são enclausurantes; há pessoas leigas que frequentam aquilo.

Nela, foi novamente surpreendido pelo destino:

Não acabarei, porém, o capítulo sem dizer que vi morrer, no hospital da Ordem, adivinhem quem?... a linda Marcela; e vi a morrer no mesmo dia em que, visitando um cortiço, para distribuir esmolas, achei... Agora é que não são capazes de adivinhar... achei a flor da moita, Eugênia, a filha de Dona Eusébia, a filha de Dona Eusébia e do Vilaça, tão coxa como a deixara, e ainda mais triste. (pág. 249)

Quincas Borba havia partido para Minas Gerais e, ao voltar, estava louco e morreria em seguida.

A voz mal podia sair me do peito; e aliás não tinha descoberto toda a cruel verdade. Quincas Borba não só estava louco, mas sabia que estava louco, e esse resto de consciência, como uma frouxa lamparina no meio das trevas, complicava muito o horror da situação. Sabia o, e não se irritava contra o mal; ao contrário, dizia me que era ainda uma prova de Humanitas, que assim brincava consigo mesmo. Recitava me longos capítulos do livro, e antífonas, e litanias espirituais; chegou até a reproduzir uma dança sacra que inventara para as cerimônias do Humanitismo. A graça lúgubre com que ele levantava e sacudia as pernas era singularmente fantástica. Outras vezes amuava se a um canto, com os olhos fitos no ar, uns olhos em que, de longe em longe, fulgurava um raio persistente da razão, triste como uma lágrima...

Morreu pouco tempo depois, em minha casa, jurando e repetindo sempre que a dor era uma ilusão, e que Pangloss, o caluniado Pangloss, não era tolo como o supôs Voltaire. (págs. 250-251)

O narrador explica que entre a morte do Quincas Borba e a sua aconteceram os episódios narrados no começo do livro, em especial a ideia nunca executada da criação do emplasto Brás Cubas. Conclui a narrativa, resumindo sua vida pela contabilidade das perdas: não alcançou a celebridade, não foi califa, não se casou, não foi ministro.

*E vede agora a minha modéstia; filiei me na Ordem Terceira de ***, exerci ali alguns cargos, foi essa a fase mais brilhante da minha vida. Não obstante, calo me, não digo nada, não conto os meus serviços, o que fiz aos pobres e aos*

enfermos, nem as recompensas que recebi, nada, não digo absolutamente nada. (pág. 249)

(...)

Este último capítulo é todo de negativas. Não alcancei a celebridade do emplasto, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento. Verdade é que, ao lado dessas faltas, coube me a boa fortuna de não comprar o pão com o suor do meu rosto. Mais; não padeci a morte de Dona Plácida, nem a semidemência do Quincas Borba. Somadas umas coisas e outras, qualquer pessoa imaginará que não houve míngua nem sobra, e conseguintemente que saí quite com a vida. E imaginará mal; porque, ao chegar a este outro lado do mistério, achei me com um pequeno saldo, que é a derradeira negativa deste capítulo de negativas: – Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria. (pág. 251)

PROF. MONIR: E com isso acaba o livro. Temos mais uma parte pela frente, mas o livro acaba aí. Antes de continuar, vale a pena a gente tentar levantar aqui alguns pontos. Qual é a sensação que vocês ficaram da vida de Brás Cubas? Uma vida bem-sucedida, ou uma vida sem sucesso?

ALUNOS: Uma vida vazia.

PROF. MONIR: Quais são as características da vida de Brás Cubas?

[*O professor e os alunos fazem um levantamento:]* Vazia. Sem rumo. Sem sentido. Sem objetivo. Sem sentimentos verdadeiros.

PROF. MONIR: Quem é a personagem literária que nós já vimos aqui que se parece mais com ele?

[*O professor e os alunos fazem um levantamento:*] O Fabrício é um pouco assim, o Charles Bovary...

PROF. MONIR: Vocês não acham a Moll Flanders parecida com isso? – uma pessoa que tem um horizonte de consciência muito baixo. Mas vejam, uma pessoa que é capaz de escrever todos esses comentários sobre si mesma, de fazer uma análise muito boa de si própria, não pode ser uma pessoa com um horizonte de consciência muito baixo. Na verdade, ele é as duas coisas. Qual é a condição para que ele tenha obtido o horizonte de consciência que tem enquanto narrador da história? A morte. Foi só com a morte que ele passou a ter consciência disso tudo, porque a vida que ele viveu era de uma inconsciência muito grande, uma vida de um horizonte de consciência baixíssimo. Uma vida de baixíssimo interesse pelas coisas.

Vocês sentem um ar lamentativo nesse final de existência? Qual é a sensação que vocês têm sobre o Brás Cubas?

ALUNA: Um sujeito frustrado.

PROF. MONIR: Que agora, morto, lida com essa frustração ironicamente. Ele faz piadas com isso, faz ironias com isso, sarcasmos, autogozações, não é isso que ele faz?

ALUNO: Ele não é arrependido, não é?

PROF. MONIR: Não, acho que arrependido ele não é em nenhuma hipótese... e esse é um bom comentário, justamente a questão é saber o que Machado

pensa de tudo isso, em última análise. Por que é que ele nos disse tudo isso? Por que é que nos apresentou a vida de Brás Cubas?

Há dois pontos essenciais nessa história, que nós temos que entender agora. O primeiro é o ponto associado à própria estrutura da história: o que é que toda essa história quer nos contar? E o segundo ponto é um aspecto importantíssimo desse romance, cuja natureza vamos investigar. Mas vamos ao primeiro ponto antes.

Para entender o que o Machado pensa dessa história toda, eu transcrevi aqui o maior capítulo do livro, que é o capítulo VII, chamado O Delírio. Brás Cubas sofre um último delírio antes de morrer que está escrito aqui, no último parágrafo de uma parte do livro.

Antes de morrer, durante o seu delírio final, Brás Cubas resume a essência da sua crise existencial:

> *Que me conste, ainda ninguém relatou o seu próprio delírio; faça o eu, a ciência mo agradecerá. Se o leitor não é dado à contemplação destes fenômenos mentais, pode saltar o capítulo; vá direto à narração.*

PROF. MONIR: Isso acontece lá no início do livro; foi deslocado aqui para trás por razões didáticas.

> *Mas, por menos curioso que seja, sempre lhe digo que é interessante saber o que se passou na minha cabeça durante uns vinte a trinta minutos.*

Primeiramente, tomei a figura de um barbeiro chinês, bojudo, destro, escanhoando um mandarim, que me pagava o trabalho com beliscões e confeitos: caprichos de mandarim.

PROF. MONIR: Destro aqui é no sentido de hábil, não no sentido de não ser canhoto.

Logo depois, senti me transformado na Suma Teológica de Santo Tomás, impressa num volume, e encadernada em marroquim, com fechos de prata e estampas; idéia esta que me deu ao corpo a mais completa imobilidade; e ainda agora me lembra que, sendo as minhas mãos os fechos do livro, e cruzando as eu sobre o ventre, alguém as descruzava (Virgília decerto), porque a atitude lhe dava a imagem de um defunto.

Ultimamente, restituído à forma humana, vi chegar um hipopótamo, que me arrebatou. Deixei me ir, calado, não sei se por medo ou confiança; mas, dentro em pouco, a carreira de tal modo se tornou vertiginosa, que me atrevi a interrogá lo, e com alguma arte lhe disse que a viagem me parecia sem destino.

– Engana se – replicou o animal – nós vamos à origem dos séculos.

Insinuei que deveria ser muitíssimo longe; mas o hipopótamo não me entendeu ou não me ouviu, se é que não fingiu uma dessas coisas; e, perguntando lhe, visto que ele falava, se era descendente do cavalo de Aquiles ou da asna de Balaão, retorquiu me com um gesto peculiar a estes dois quadrúpedes: abanou as orelhas. Pela minha parte fechei os olhos e deixei me ir à ventura. Já agora não se me dá de confessar que sentia umas tais ou

quais cócegas de curiosidade, por saber onde ficava a margem dos séculos, se era tão misteriosa como a origem do Nilo, e sobretudo se valia alguma coisa mais ou menos do que a consumação dos mesmos séculos: reflexões de cérebro enfermo. Como ia de olhos fechados, não via o caminho; lembra me só que a sensação de frio aumentava com a jornada, e que chegou uma ocasião em que me pareceu entrar na região dos gelos eternos. Com efeito, abri os olhos e vi que o meu animal galopava numa planície branca de neve, com uma ou outra montanha de neve, vegetação de neve, e vários animais grandes e de neve. Tudo neve; chegava a gelar nos um sol de neve. Tentei falar, mas apenas pude grunhir esta pergunta ansiosa:

PROF. MONIR: Pensem numa coisa interessantíssima: como é que um carioca, em 1880, tinha a ideia do que era neve? Ele provavelmente não viu nem uma fotografia, embora já existisse fotografia – mas eram raras e difíceis. Ele teria dificuldades grandes de ver neve, a não ser na Europa. Não havia viagem para os Estados Unidos, só para a Europa, e pouquíssimas pessoas iam. Para um carioca popular, no Rio de Janeiro em 1880, a ideia de neve parecia uma abstração completa e total, não é?

ALUNA: Eu pensei no Lobo Neves. Faz parte desta paisagem.

– Onde estamos?

– Já passamos o Éden.

– Bem; paremos na tenda de Abraão.

– Mas se nós caminhamos para trás! – redarguiu motejando a minha cavalgadura.

Fiquei vexado e aturdido. A jornada entrou a parecer me enfadonha e extravagante, o frio incômodo, a condução violenta, e o resultado impalpável. E depois – cogitações de enfermo –, dado que chegássemos ao fim indicado, não era impossível que os séculos, irritados com lhes devassarem a origem, me esmagassem entre as unhas, que deviam ser tão seculares como eles. Enquanto assim pensava, íamos devorando caminho, e a planície voava debaixo dos nossos pés, até que o animal estacou, e pude olhar mais tranquilamente em torno de mim. Olhar somente; nada vi, além da imensa brancura da neve, que desta vez invadira o próprio céu, até ali azul. Talvez, a espaços, me aparecia uma ou outra planta, enorme, brutesca, meneando ao vento as suas largas folhas. O silêncio daquela região era igual ao do sepulcro: dissera se que a vida das coisas ficara estúpida diante do homem.

Caiu do ar? destacou se da terra? Não sei; sei que um vulto imenso, uma figura de mulher me apareceu então, fitando me uns olhos rutilantes como o sol. Tudo nessa figura tinha a vastidão das formas selváticas, e tudo escapava à compreensão do olhar humano, porque os contornos perdiam se no ambiente, e o que parecia espesso era muita vez diáfano. Estupefato, não disse nada, não cheguei sequer a soltar um grito; mas, ao cabo de algum tempo, que foi breve, perguntei quem era e como se chamava: curiosidade de delírio.

– Chama me Natureza ou Pandora; sou tua mãe e tua inimiga.

PROF. MONIR: "*Sou tua mãe e tua inimiga*". Aqui há algo importantíssimo, que é a mesma noção que há no *Livro de Jó*, entre o Leviatã e o Behemoth: a natureza é ao mesmo tempo a nossa salvação e a nossa perdição. Portanto, a primeira coisa a fazer é parar de endeusar a natureza como fazem os am-

bientalistas porque se a natureza tem aspectos obviamente importantíssimos e que devem ser preservados, por outro a natureza tem toda a potência da morte... ela está na natureza, assim como a potência da vida. Machado já sabia isso nessa época. Nós desde então nos encarregamos de desaprender isso completamente. A natureza tem essas duas coisas, tem essa ambiguidade.

ALUNO: Esse hipopótamo não é o Behemoth?

PROF. MONIR: Pode ser que seja. O Machado de Assis tem ligações enormes com o *Livro de Jó*. Na Biblía não está dito que o Behemoth é um hipopótamo, mas essa é a representação tradicional que se faz do Behemoth, como sendo um hipopótamo.

> *Ao ouvir esta última palavra recuei um pouco, tomado de susto. A figura soltou uma gargalhada, que produziu em torno de nós o efeito de um tufão; as plantas torceram se e um longo gemido quebrou a mudez das coisas externas.*
>
> *– Não te assustes – disse ela –, minha inimizade não mata; é sobretudo pela vida que se afirma. Vives: não quero outro flagelo.*
>
> *– Vivo? Perguntei eu, enterrando as unhas nas mãos, como para certificar me da existência.*
>
> *– Sim, verme, tu vives. Não receies perder esse andrajo que é teu orgulho; provarás ainda, por algumas horas, o pão da dor e o vinho da miséria. Vives:*

agora mesmo que ensandeceste, vives; e se a tua consciência reouver um instante de sagacidade, tu dirás que queres viver.

Dizendo isso, a visão estendeu o braço, segurou me pelos cabelos e levantou me ao ar, como se fora uma pluma. Só então pude ver lhe de perto o rosto, que era enorme. Nada mais quieto; nenhuma contorção violenta, nenhuma expressão de ódio ou ferocidade; a feição única, geral, completa, era a da impassibilidade egoísta, a da eterna surdez, a da vontade imóvel. Raivas, se as tinha, ficavam encerradas no coração. Ao mesmo tempo, nesse rosto de expressão glacial, havia um ar de juventude, mescla de força e viço, diante do qual me sentia eu o mais débil e decrépito dos seres.

– Entendeste me? – disse ela, no fim de algum tempo de mútua contemplação.

– Não – respondi –; nem quero entender te; tu és absurda, tu és uma fábula. Estou sonhando, decerto, ou, se é verdade que enlouqueci, tu não passas de uma concepção de alienado, isto é, uma coisa vã, que a razão ausente não pode reger nem palpar. Natureza, tu? a Natureza que eu conheço é só mãe e não inimiga; não faz da vida um flagelo, nem, como tu, traz esse rosto indiferente, como o sepulcro. E por que Pandora?

– Porque levo na minha bolsa os bens e os males, e o maior de todos, a esperança, consolação dos homens. Tremes?

PROF. MONIR: Pandora é a Eva grega, uma criatura mitológica inventada pelos deuses numa espécie de trabalho em equipe. Cada deus sugeriu um pedaço da moça, e assim os deuses inventaram a mulher. Mandaram Pandora como presente para Epimeteu, irmão de Prometeu. O problema do Epi-

meteu é que, diferentemente do Prometeu – o sujeito que pensa antes de fazer (isso é o que a palavra "Prometeu" quer dizer) –, o Epimeteu é aquele sujeito que pensa depois que fez. E o Epimeteu, que não era nenhum grande planejador, não atendeu ao conselho sábio do seu próprio irmão, que lhe disse que não aceitasse nenhum presente dos deuses. Pandora então desce do Olimpo, magnificamente produzida, uma criatura perfeita como as mulheres soem ser. Vem com um jarro ("caixa de pandora" é uma má tradução. Na verdade não é caixa, a verdadeira expressão é "jarro de pandora") que é entregue de presente para o Epimeteu. Epimeteu a aceita porque a acha muito bonita e porque não atentou para o conselho de seu irmão Prometeu. Quando recebe Pandora, aquele jarro é quebrado e todos os problemas humanos escapam daquele jarro, todas as angústias e dores humanas, exceto uma única coisa, que não escapa: a esperança. A esperança continua presa. E é assim que o ser humano se transformou numa criatura angustiada e pressionada pelos problemas da vida.

– Sim, o teu olhar fascina-me.

– Creio; eu não sou somente a vida; sou também a morte, e tu estás prestes a devolver me o que te emprestei. Grande lascivo, espera te a voluptuosidade do nada.

Quando esta palavra ecoou, como um trovão, naquele imenso vale, afigurou se me que era o último som que chegava a meus ouvidos; pareceu me sentir a decomposição súbita de mim mesmo. Então encarei a com olhos súplices, e pedi mais alguns anos.

– Pobre minuto! – exclamou. – Para que queres tu mais alguns instantes de

vida? Para devorar e seres devorado depois? Não estás farto do espetáculo e da luta? Conheces de sobejo tudo o que eu te deparei menos torpe ou menos aflitivo: o alvor do dia, a melancolia da tarde, a quietação da noite, os aspectos da terra, o sono, enfim, o maior benefício das minhas mãos. Que mais queres tu, sublime idiota?

– Viver somente, não te peço mais nada. Quem me pôs no coração este amor da vida, senão tu? e, se eu amo a vida, por que te hás de golpear a ti mesma, matando-me?

– Porque já não preciso de ti. Não importa ao tempo o minuto que passa, mas o minuto que vem. O minuto que vem é forte, jucundo, supõe trazer em si a eternidade, e traz a morte, e perece como o outro, mas o tempo subsiste. Egoísmo, dizes tu? Sim, egoísmo, não tenho outra lei. Egoísmo, conservação. A onça mata o novilho porque o raciocínio da onça é que ela deve viver, e se o novilho é tenro tanto melhor: eis o estatuto universal. Sobe e olha.

Isto dizendo, arrebatou me ao alto de uma montanha. Inclinei os olhos a uma das vertentes, e contemplei, durante um tempo largo, ao longe, através de um nevoeiro, uma coisa única. Imagina tu, leitor, uma redução dos séculos, e um desfilar de todos eles, as raças todas, todas as paixões, o tumulto dos impérios, a guerra dos apetites e dos ódios, a destruição recíproca dos seres e das coisas. Tal era o espetáculo, acerbo e curioso espetáculo. A história do homem e da terra tinha assim uma imensidade que lhe não podiam dar a imaginação nem a ciência, porque a ciência é mais lenta e a imaginação mais vaga, enquanto o que eu ali via era a condensação viva de todos os tempos. Para descrevê la seria preciso fixar o relâmpago. Os séculos desfilavam num turbilhão, e, não obstante, porque os olhos do delírio são outros, eu via tudo o que passava

diante de mim – flagelos e delícias –, desde essa coisa que se chama glória até essa outra que se chama miséria, e via o amor multiplicando a miséria, e via a miséria agravando a debilidade. Aí vinham a cobiça que devora, a cólera que inflama, a inveja que baba, e a enxada e a pena, úmidas de suor, e a ambição, a fome, a vaidade, a melancolia, a riqueza, o amor, e todos agitavam o homem, como um chocalho, até destruí lo, como um farrapo. Eram as formas várias de um mal que ora mordia a víscera, ora mordia o pensamento, e passeava eternamente as suas vestes de arlequim, em derredor da espécie humana. A dor cedia alguma vez, mas cedia à indiferença, que era um sono sem sonhos, ou ao prazer, que era uma dor bastarda. Então o homem, flagelado e rebelde, corria diante da fatalidade das coisas, atrás de uma figura nebulosa e esquiva, feita de retalhos, um retalho de impalpável, outro de improvável, outro de invisível, cosidos todos a ponto precário, com a aguilha da imaginação; e essa figura – nada menos que a quimera da felicidade – ou lhe fugia perpetuamente, ou deixava se apanhar pela fralda, e o homem a cingia ao peito, e então ela ria, como um escárnio, e sumia se, como uma ilusão.

Ao contemplar tanta calamidade não pude reter um grito de angústia, que Natureza ou Pandora escutou sem protestar nem rir; e não sei por que lei de transtorno cerebral, fui eu que me pus a rir – de um riso descompassado e idiota.

– Tens razão – disse eu – a coisa é divertida e vale a pena – talvez monótona, mas vale a pena. Quando Jó amaldiçoava o dia em que fora concebido, é porque lhe davam ganas de ver cá de cima o espetáculo. Vamos lá, Pandora, abre o ventre, e digere me; a coisa é divertida, mas digere me.

A resposta foi compelir me fortemente a olhar para baixo, e a ver os séculos que continuavam a passar, velozes e turbulentos, as gerações que se superpunham às gerações, umas tristes, como os Hebreus do cativeiro, outras alegres, como os devassos de Cômodo, e todas elas pontuais na sepultura. Quis fugir, mas uma força misteriosa me retinha os pés; então disse comigo: 'Bem, os séculos vão passando, chegará o meu, e passará também, até o último, que me dará a decifração da eternidade'. E fixei os olhos, e continuei a ver as idades, que vinham chegando e passando, já então tranquilo e resoluto, não sei até se alegre. Talvez alegre. Cada século trazia a sua porção de sombra e de luz, de apatia e de combate, de verdade e de erro, e o seu cortejo de sistemas, de ideias novas, de novas ilusões; em cada um deles rebentavam as verduras de uma primavera, e amareleciam depois, para remoçar mais tarde. Ao passo que a vida tinha assim uma regularidade de calendário, fazia se a história e a civilização, e o homem, nu e desarmado, armava se e vestia se, construía o tugúrio e o palácio, a rude aldeia e Tebas de cem portas, criava a ciência, que perscruta, e a arte que enleva, fazia se orador, mecânico, filósofo, corria a face do globo, descia ao ventre da terra, subia à esfera das nuvens, colaborando assim na obra misteriosa, com que entretinha a necessidade da vida e a melancolia do desamparo. Meu olhar, enfarado e distraído, viu enfim chegar o século presente, e atrás dele os futuros. Aquele vinha ágil, destro, vibrante, cheio de si, um pouco difuso, audaz, sabedor, mas ao cabo tão miserável como os primeiros, e assim passou e assim passaram os outros, com a mesma rapidez e igual monotonia. Redobrei de atenção; fitei a vista; ia enfim ver o último – o último! mas então já a rapidez era tal, que escapava a toda a compreensão; ao pé dela o relâmpago seria um século. Talvez por isso entraram os objetos a trocarem se; uns cresceram, outros minguaram, outros perderam se no ambiente; um nevoeiro cobriu tudo – menos o hipopótamo

que ali me trouxera, e que aliás começou a diminuir, a diminuir, até ficar do tamanho de um gato. Encarei o bem; era o meu gato Sultão, que brincava à porta da alcova, com uma bola de papel... (pág. 48-49)

PROF. MONIR: Que maravilha, né? Que beleza. Qual é a característica predominante nesse delírio que vocês acabaram de ouvir? Qual é a conclusão, qual é o clima que parece decorrer dessa descrição que ele faz?

ALUNA: [*Faz comentário*.]

PROF. MONIR: Ele é levado para o encontro com a natureza e a natureza diz assim para ele: olha, você pensa que eu te dou a vida, mas eu te dou a morte. E aí então ele vai com ela para um lugar bem alto, e passam todos os séculos em revista, e ele só vê ilusões, ilusões e ilusões, acabando então na maior ilusão de todas, que é você ter percebido que aquele hipopótamo nada mais era do que o seu o pequeno gato, que você estava apenas sonhando, delirando que era aquilo tudo. Não parece a vocês uma postura absolutamente pessimista com relação à existência humana? Mas isso é o Machado de Assis, pessoal. Machado de Assis é totalmente compreendido por esse pequeno trecho. Esse capítulo sete das *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, chamado O Delírio, é aquele que melhor faz a definição da psicologia, do modo de pensar o mundo do Machado de Assis. Machado de Assis é um adepto de Schopenhauer – um filósofo alemão que no século XVIII ou XIX escreveu um livro chamado *O Mundo como Vontade e Representação*, com a seguinte tese: o homem deseja. Porque o homem deseja, o homem sofre. Portanto, a existência humana é uma existência de sofrimento absoluto, completamente sem saída. É como se a existência humana fosse uma

existência que mistura apenas desejo e dor, não há nenhuma possibilidade de sair disso. Schopenhauer não é o melhor filósofo pra você começar a estudar filosofia, porque ele é um pouco desanimado com a vida humana. É um filósofo que você deve ler só depois de um certo tempo, porque ele é muito para baixo. E ele dizia então que a única maneira do ser humano se livrar da dor, do sofrimento, é não desejar mais. E foi buscar essas teorias no orientalismo, no budismo. Teve um momento em que ele se impressionou muito com o budismo, com aquela ideia da não-mente, do não-desejo, com a anulação do próprio eu, porque ele achava que ali é que havia alguma esperança para o ser humano. Ora, o que Pandora representa no sentido simbólico? Nós vimos quando estudamos a *Teogonia*. Pandora, assim como Eva, representa simbolicamente os desejos humanos. Eva e Pandora não representam o advento da mulher, elas não são a mulher no sentido genital da feminilidade. Elas representam um componente que todo o ser humano tem, o componente do desejo, que pode ter em si próprio uma dimensão ilegítima, embora tenha uma dimensão legítima. A dimensão ilegítima do desejo é que produz a contestação ontológica do ser humano, ou seja, a recusa em aceitar a existência do espírito acima da matéria. É essa rebelião metafísica que verdadeiramente produz o sofrimento humano, que é simbolicamente representada pela expulsão do paraíso. Quem quiser entender isso com toda a profundidade leia um escritor chamado Paul Diel, um psicanalista austríaco que acabou indo morar na França, circunstancialmente, e fez estudos maravilhosos sobre simbologia bíblica e grega. Ele tem essa tese do desejo ilegítimo. É um psicanalista dissidente da linha freudiana.

ALUNA: Como chama o livro?

PROF. MONIR: Têm vários. Os símbolos na bíblia, a simbologia na mitologia grega. Acho que em português tem *O Simbolismo na Mitologia Grega*. Agora, você encontra facilmente toda a obra em francês.

Voltando para o assunto, Schopenhauer é o sujeito que achava que a existência humana estava absolutamente condenada ao fracasso – o ser humano, não podendo deixar de desejar, passará a vida infeliz porque nunca terá as coisas que não tem. Portanto o estado humano é um estado de infelicidade sistemática, seja qual for – mesmo que os seus desejos não sejam muito grandes, mesmo que você tenha expectativas pequenas da vida, mesmo assim. Até pegar o ônibus, que está parando no ponto, às vezes você não consegue, o que é o cúmulo da frustração. Ou seja, a frustração é uma espécie de regra geral da vida. E se você não tem frustrações grandes, você automaticamente transforma as pequenas em grandes, porque começa a achar que ter perdido o sinal verde é uma tragédia incrível na sua vida. Já é caso para você se rebelar contra o mundo durante três dias. Você começa a achar que não ter a marca de cerveja que você queria no boteco é uma ofensa metafísica que fazem contra você. Você começa a achar que pequenas bobagens como essa têm algum valor, e você estará sempre infeliz porque essa é uma espécie de condição existencial humana que só poderia ser consertada se o homem deixasse de existir. Logo a vida humana é uma vida sem saída. É como se o tempo representasse um vórtice na direção da morte. É como se a vida fosse apenas um processo de apodrecimento sistemático. Essa é a visão schopenhauriana da vida; essa é a visão que Machado de Assis tem da vida.

Essa personagem chamada Brás Cubas é uma personagem schopenhauresca, se é que eu posso falar desse jeito, não é? Portanto é uma personagem mais do que machadiana. É uma personagem que revela toda a falta de es-

perança. No mito de Pandora ela é a única coisa que não foi liberada – a esperança não está livre, não está agindo – portanto se revela toda a falta de esperança e crença no destino da própria humanidade. Machado de Assis é isso, tem essa visão de mundo. Daí você entende facilmente porque ele é um sujeito irônico e cínico. Só as pessoas que são muito desesperançadas de alguma coisa têm a capacidade da ironia e do cinismo. Se você é um sujeito esperançado sobre algo, você nunca é cínico quanto a isso. É a desesperança que gera o cinismo, porque já que você não tem mesmo nada a perder, o que é que você faz? Você faz piadas, faz pouco da situação. Para um sujeito schopenhauriano como o Machado de Assis, a vida é um caso perdido. A vida é uma luta inviável, e a única coisa que você tem para fazer é rir dela. Como é que ele ri dela? Com ironias extraordinárias, fazendo piadinhas fantásticas, fazendo essas ironias que perpassam a obra toda a partir das *Memórias Póstumas*. A obra anterior é uma obra que beira a uma certa ingenuidade; ele ainda era muito jovem e talvez não tivesse tomado os baques da vida que o podem ter convencido da sua desesperança e inviabilidade existencial.

Mas, a partir desse livro, Machado de Assis passa a ser um sujeito de um pessimismo muito charmoso, *à la* Schopenhauer, que era uma influência importante na filosofia, na vida intelectual do tempo em que Machado de Assis existiu. Entre os livros da biblioteca do Machado de Assis, está lá a obra de Schopenhauer inteira. Ele leu tudo isso, Schopenhauer é uma das referências claríssimas de Machado de Assis. O que ele copiou do Laurence Stern e do Xavier de Maistre é muito mais a forma livre do conto, mas não há nesses dois autores o mesmo pessimismo existencial profundo de Machado de Assis. Muito bem, precisamos ter compreendido isso pra que eu possa ir

pra frente agora. Parece claro para vocês isso? Todos estão entendendo que há um profundo pessimismo em torno da personagem? Agora basta vocês relerem esse último trecho do delírio para compreender isso facilmente. Vocês verão que o que acontece ali é um sujeito que está percebendo, no final da vida, que nada pode ser salvo. Que não há redenção nenhuma. A vida humana, uma somatória de ilusões que acabam se concretizando na ilusão final, a própria ilusão do delírio – na verdade você não viu hipopótamo nenhum, você viu o seu próprio gato Sultão, que sempre esteve ali e não é nenhum hipopótamo, embora possa estar acima do peso. Não é isso? Vocês percebem na personagem de Brás Cubas esse sentimento de pessimismo profundo, terrível?

ALUNA: [*Faz comentário*.]

PROF. MONIR: É, ele é uma pessoa autodesvalorizada, descrente de qualquer coisa, de qualquer possibilidade. Chega ao final da história e dá graças a Deus por não ter tido filhos, porque assim não teve a incumbência de negar esse nada que é a vida para qualquer outra pessoa. Não fez nada, mas também nada importa; não teve que trabalhar, portanto sua vida foi muito boa. E ele então cínica e ironicamente conta isso para a gente depois de morto, já que não tem mais os constrangimentos naturais de alguém na sua posição social. Quem é que diz para você: "Olha, sou engenheiro, mas não sei nem projetar um galinheiro. Colei a faculdade inteira, não tenho a menor ideia desse negócio. Por favor, não me contrate de jeito nenhum"?

ALUNOS: [*Risos*]

PROF. MONIR: Ninguém fala isso para você em vida. Agora, depois que você tiver garantido o seu salário de aposentadoria, você pode muito bem falar isso para os seus amigos: "Olha, você não imagina quanto eu enganei todo o mundo, passei quarenta anos fingindo que era engenheiro. Todo o mundo acreditou! Ganhei prêmios, e tal". Então aí você pode fazer uma coisa dessas.

Que o Machado de Assis é um pessimista, isso vocês poderiam ter imaginado e descoberto sozinhos; a personagem não deixa nenhuma margem para dúvida. Mas o que interessa é o que a gente vai descobrir daqui para frente, portanto é importante que vocês estejam felizes até agora com esse nosso raciocínio. Alguém vê na obra alguma contestação possível a essa interpretação do espírito geral da obra como sendo pessimista e schopenhauriana?

ALUNOS: [*Comentários*]

PROF. MONIR: Então é isso, descrença absoluta e total. A ideia do Schopenhauer é que a vida humana é essa luta impossível em direção a uma coisa que não pode ser realizada, que é a felicidade humana. Porque o homem sempre desejará, e por mais que ele deseje coisas minúsculas, como colocar duas cartas em pé de modo que elas não caiam, até mesmo um pequeno sopro de vento pode destruir essa minúscula felicidade de ter visto o seu pequeníssimo e minúsculo castelo de cartas ficar em pé. É por isso que ele diz aqui, cinicamente, que a felicidade é quando o número 13 vira 31, ou então, como naquele conto que eu contei para vocês, quando se compra um sapato novo. São todas maneiras ínfimas de se obter felicidade; o ser humano é esse pequeno pobre diabo que não é capaz da verdadeira felicidade, porque isso é impossível na medida em que o ser humano deseja alguma coisa. Esta é a filosofia de Schopenhauer e essa é a literatura de Machado de

Assis. Na sua maturidade, ele transforma a sua literatura nisso. É claro que ele nunca será isso exclusivamente, porque ele não escreveu uma obra para ilustrar a teoria do Schopenhauer. Mas ele não deixa de ser profundamente influenciado por isso e irá, junto com outras fontes, produzir uma mistura, uma espécie de síntese, na qual predomina esse pessimismo do Schopenhauer.

ALUNO: A Marcela tem um aspecto de morte, também.

PROF. MONIR: Todo o mundo morre, porque todos os projetos são infelizes. Morre a Marcela, a prostituta, que era bonita e ficou feia. Ela destruiu a sua existência, não é? Morre o Lobo Neves, morre o filho, o Quincas Borba, que era o filósofo. O que é o Quincas Borba? Apenas um palhaço. Primeiro um mendigo palhaço, depois um rico palhaço. Nada daquilo valia alguma coisa. Pior do que isso, Quincas Borba enlouquece completamente. A noiva, Eulália, morre antes do casamento.

ALUNA: [*Faz comentário sobre a alegria dele com a possibilidade de ter um filho.*]

PROF. MONIR: Brás Cubas estava se sentindo um homem com a possibilidade de ter um filho porque naquele momento ele ainda tinha a ilusão de que fazer outra pessoa era alguma coisa que valia a pena. No entanto, se por acaso o filho da Virgília tivesse nascido, ele o perderia de alguma outra maneira – na verdade, toda a proposição da obra é a perda. O sujeito está fazendo a contabilidade das perdas de uma vida inútil, que não teve nenhuma possibilidade de sucesso, que não tinha a potência do sucesso – não por ser a vida de Brás Cubas, mas por que essa é a vida humana típica, concreta, na

cosmovisão de alguém como Schopenhauer, e de alguém como Machado de Assis. Mas, na verdade, o sentido de estarmos aqui não é para explicar isso, porque essa não é uma aula sobre Machado de Assis – embora isso seja importante para entender o que vem daqui pra frente.

Quem é a personagem literária que faria um contraste magnífico com essa?

ALUNO: Dom Quixote.

PROF. MONIR: Na primeira parte do livro, não na segunda. Mas há uma outra, que me parece mais clara, que faz esse contraste no segundo livro, e não no primeiro.

ALUNO: Fausto.

PROF. MONIR: Fausto! Fausto é essa personagem. Fausto, no primeiro livro, é um sujeito velho que não encontra na ciência, nos estudos exotéricos/esotéricos, nenhuma solução pra vida. Aí resolve curtir a vida por sugestão do diabo, o Mefistófeles, que o convida para viver a vida intensamente. Ele se transforma em um menino, é remoçado, e aquele velho num corpo remoçado faz tanta bobagem que acaba gerando uma tragédia, matando uma família inteira. Mata a Gretchen, a sua namorada/amante, mata a mãe dela, com uma poção mal administrada, mata Valentin, o irmão dela, em um duelo ilegítimo, desonesto. E mata o filho que Gretchen teve e que causou a morte da Gretchen por execução judiciária. É assim que acaba o primeiro livro, tendo Fausto feito uma quantidade de bobagens extraordinárias.

No segundo livro, a personagem é completamente diferente. Começa logo de cara morando em outro lugar, sempre com Mefistófeles ao seu lado, tentando inventar um método para resolver o problema da economia de um certo país – claro que ele gera uma tremenda de uma inflação com aquilo.

Depois, não conseguindo fazer isso, ele tenta recuperar a antiguidade greco-romana pela recuperação da Helena de Troia. Também não consegue, mas traz para o mundo moderno alguns elementos antigos – quando a Helena de Troia vai embora, ela abandona simbolicamente alguns objetos. Aí ele se mete num empreendimento enorme de sanear o mar, de aterrar um pântano marítimo para fazer um loteamento de casas para todas as pessoas e vai indo assim, um projeto atrás do outro. A cada coisa dessas que ele inventa, ele dá uma errada também. Em cada um desses projetos tem um grande erro. Por exemplo, quando ele faz o grande projeto de controle das águas do mar e instala uma enorme quantidade de pessoas que não tinham casa, ele vai lá e, arbitrariamente, sem nenhum pudor, retira um casal de velhinhos da casa cuja localização ele queria pra si e os mata de susto. Não teve nenhum empreendimento que Fausto tenha feito no segundo livro que tenha sido isento de erro, de engano, de culpa. No final das contas, quando Fausto está à beira da morte, já com noventa anos, finalmente pronuncia as palavras que, de acordo com o diabo, lhe garantiriam a alma de Fausto: "Ora, para, sois tão bela!". Essas são as palavras que Fausto não poderia pronunciar, pois ao pronunciá las entregaria a sua alma ao diabo.

No final das coisas, quando todo o mundo espera que o diabo leve Fausto para o inferno, aparecem os anjos do céu e o carregam em glória para o céu. Fausto foi perdoado. Muito embora tenha vendido a alma para o diabo, o diabo não foi capaz de extorqui-la de fato. E por quê? Porque na visão de

Goethe, que é do mesmo século do Machado de Assis – Goethe é um pouco mais velho, eles têm uns sessenta, setenta anos de diferença concreta e real – a humanidade é composta de pessoas que erram o tempo todo e, portanto, a única possibilidade da existência humana é você fazer, mesmo errando. Para Goethe, o princípio da vida humana é você fazer, fazer e fazer, porque é fazendo que você se regenera, que se arrepende dos erros. Portanto, não há nenhuma saída a não ser fazer, fazer e fazer, mesmo sabendo que você irá errar. Esta ideia sobre a vida é o contraponto perfeito contra a filosofia do Schopenhauer. Schopenhauer nasceu em 1788. Goethe é um pouquinho anterior, mas eles são meio contemporâneos. Não o Machado de Assis, que é mais novo...

ALUNO: Trinta e nove anos, entre Goethe e Schopenhauer.

PROF. MONIR: As obras são muito próximas, não é? Goethe está na verdade querendo ser um anti-Schopenhauer, porque no fundo, no fundo, o que estava em questão ali é a questão da ação humana e da não-ação humana. É o pessimismo de Schopenhauer, que acha que nada pode ser feito, porque no fundo tudo é inútil, e o otimismo goethiano que acha que você vai pro céu, mesmo que você tenha feito pacto com o diabo. Mesmo que você seja um sujeito muito mal, ainda você vai pro céu, apesar disso. Ou seja, você tem capacidade de salvação mesmo sendo um crápula, basta que você tenha feito mais do que não feito. Ou seja, o que gera a perdição humana é a inação. É a brás cubice. É a omissão perante a vida, é a falta de ação humana, de que o Brás Cubas é um exemplo maravilhosamente claro, não é? É o cúmulo da falta de ação humana.

Não é que ele seja preguiçoso, ele é filosoficamente convicto de que nada é possível ser feito, de que tudo é inútil. Já o Doutor Fausto de Goethe, no último minuto da sua vida, acha que as criaturas espectrais cavando a sua sepultura são operários do projeto imobiliário que ele está fazendo. Até o último momento de vida Doutor Fausto está fazendo alguma coisa, porque para Goethe fazer alguma coisa é a única expectativa e possibilidade do ser humano. Ora, se você considera esse contraponto entre a atitude do Fausto e a atitude do Brás Cubas, um representando o Goethe e o outro, Schopenhauer, e considerando que há uma luta entre esses dois extremos, aí você entende um pouco melhor o problema da existência humana, que fica entre essas duas possibilidades.

O que você faz? Se omite, julgando prematuramente que nada vai dar certo, que tudo é impossível? Então jogamos a vida fora, que é a sensação que se tem do que aconteceu com Brás Cubas. Não parece que ele jogou a vida fora? Nem o emplasto ele conseguiu fazer! Ele não tinha problema de dinheiro, tinha trezentos contos. Não podia ter feito o emplasto? E fez? Não fez. Ou seja, era alguém que não conseguiu fazer absolutamente nada, porque era profundamente convicto da inviabilidade geral de todas as coisas.

Por outro lado, tem o sujeito que faz tudo o que pode, achando que é possível fazer alguma coisa, mesmo que seja pouco, e produzir algum efeito sobre essa vida. Pois é preciso que cada um escolha a vida que quiser. Estas são as duas possibilidades aparentes a partir dessa visão de Brás Cubas.

Mas o que é mais importante nessa história ainda não apareceu. O primeiro passo é compreender o pessimismo machadiano, o segundo é compreender que o pessimismo machadiano é schopenauriano e está em contrapo-

sição direta com a perspectiva de Goethe, explicada no *Fausto II.* Mas talvez o maior sentido dessa obra é que o Brás Cubas, e de certa forma também o Conselheiro Aires, são as duas personagens literárias brasileiras mais autênticas de todas. Talvez desse para colocar também o Paulo Honório, do *São Bernardo*, talvez. Há pouquíssimas personalidades literárias autênticas no Brasil. Porque a personagem literária brasileira é sempre um tipo de farsante, são todos, todos farsantes. Exceto meia dúzia, entre os quais esses três que mencionei aí. O que é interessantíssimo no Brás Cubas? É que o Brás Cubas está falando a verdade. Está sendo sincero com a sua própria vida. Não é assim? Ora, porque é que ele é capaz disso? Porque já morreu.

Porque é que o Conselheiro Aires é capaz de sinceridade? Porque é um aposentado, que não tem filhos, não tem parentes, não tem nada. É um sujeito sozinho no mundo, como alguém que está no meio do oceano sem ver nada além do horizonte em todas as direções, e que não tem nada mais a perder na vida. Conselheiro Aires é alguém que volta do serviço diplomático e fica na varanda da sua casa em Botafogo – numa casa de praia – e fica lá observando o mundo e fazendo uma autorreflexão sobre a sua própria vida. O Conselheiro Aires pode ser então sincero porque não tem mais nada a perder, ele não está mais envolvido na existência humana concreta, do dia a dia. E o Paulo Honório é sincero também, no *São Bernardo*, porque é o sujeito que deu tão errado na vida... Perdeu a mulher, que morreu, perdeu o sítio, que foi confiscado pelos credores, perdeu o respeito, perdeu todos os elementos que lhe dariam alguma sustentação existencial. Como ele não tem mais nada a perder, o Paulo Honório pode começar *São Bernardo* contando a verdadeira história do que aconteceu ali, sem ter medo de nenhuma repercussão, nenhuma opinião, nenhuma consequência.

As personagens literárias brasileiras são farsantes porque os brasileiros, de modo geral, são pessoas farsantes. Não estou aqui fazendo uma crítica, não é essa a ideia. Há, no Brasil, uma espécie de comportamento sociológico coletivo, que não dá para explicar com facilidade – nem sei bem porque é assim – mas que gera um clima predominante de aparências nas coisas, de conveniências. A ojeriza que o brasileiro tem a receber crítica de qualquer espécie que seja, levando todas as críticas para o âmbito pessoal, é prova disso. O sistema funciona assim: todo o mundo finge que não sabe que o outro é farsante. Veremos uma peça do Ionesco, chamada *O Rinoceronte*, em que vamos retornar a esse tema, mas o que interessa dizer aqui é que seria uma coisa assombrosa que na literatura brasileira tivesse tanta gente farsante sem que isso revelasse uma expressão da alma brasileira. Tem que ter uma ligação. Hugo von Hofmannsthal dizia que não há nada na política de um país que antes não tenha estado na sua literatura. Ou seja, se a literatura revela alguma coisa, é alguma coisa sobre a alma de determinada sociedade. E aí você tem aqui, na eloquência da exceção chamada *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, a prova de que é muito difícil, aqui no Brasil, haver uma conversa sincera sobre as coisas e sobre a vida. Aliás, acho que uma das primeiras condições pra se ter pensamento filosófico é que você capacidade de ter sinceridade com você mesmo. Um dos exercícios filosóficos mais interessantes é contar para si mesmo a própria vida, com toda a sinceridade. Fazer aquilo que é conhecido por anamnese – uma entrevista que o médico faz com o paciente sobre a sua vida. Mas a anamnese é mais do que isso. Não é só uma técnica médica, mas também um processo de revisão da memória, que se faz em qualquer circunstância da vida.

O que há de notável nesse livro é o fato de que ele é uma confissão sincera de uma vida que foi jogada fora. Muito embora o próprio autor talvez

não tenha cem por cento da percepção de que a jogou fora. Ou seja, não podemos saber se Machado de Assis lamenta a vida de Brás Cubas profundamente, ou se lamenta o fato de ele ser muito schopenhauriano. Nunca saberemos de fato qual é exatamente a posição que o artista tem em relação à sua personagem na história. Você nunca pode saber isso de verdade, a não ser que o artista conte. Por exemplo, o Meursault, de *O Estrangeiro*, é alguém cujo comportamento Camus aprova ou desaprova? Às vezes é muito óbvio, mas de vez em quando a gente não sabe. O Brás Cubas é uma vida que vale a pena?

ALUNOS: É uma vida possível.

PROF. MONIR: Mas é uma vida desejável?

ALUNOS: Não.

PROF. MONIR: Isso também não parece que seja. Agora, se não é desejável, pode ser evitável? E aí não dá para saber mais, porque você não sabe o que o autor pensa sobre isso de fato. É muito provável que o Machado de Assis, pelo fato de que a visão pessimista é recorrente na sua obra, veja o mundo dentro dessa perspectiva de pessimismo, de incapacidade. Como se o Machado de Assis tivesse vivido naquele casamento com a Carolina a única coisa que fez sentido na sua existência. E o casamento o define, isso é fato biográfico. A morte de Carolina é a morte de Machado também. De alguma maneira, é como se ele não tivesse grandes perspectivas de vida. Para um pessimista como Schopenhauer, a vida é uma transição para a morte, a vida é composta só de duas coisas: de morte e de dor. Não tem mais nada que faça parte da vida, nada pode ser feito além disso. Um homem como esse

não tem muito para onde correr. A sua vida está prisioneira da sua inviabilidade existencial. É isso que o Brás Cubas tenta nos dizer em *O Delírio*, que é a chave do enigma para entender o livro. Tem que reler *O Delírio* para compreender esse aspecto de pessimismo. No entanto, o fato de que um brasileiro foi capaz de ser sincero, verdadeiramente sincero, já é um fato de uma notabilidade incrível, já tem muito mérito por si só. E isso me parece ser a maior de todas as contribuições dessa obra, ajudar a estranharmos a nós mesmos.

Ou seja, nos ajudar a ver nessa personagem aquilo que nós deveríamos ser sob o ponto de vista de atitude perante as coisas – não como concepção de mundo, mas atitude perante as coisas – e que de modo geral nós não somos. Este é um livro antibrasileiro, sob certo ponto de vista. Ele entra em contraste e em conflito com a nossa maneira de nos correspondermos com o mundo, mesmo que a nossa filosofia de vida seja mais associada à de Quincas Borba, que de alguma maneira é contrária ao Schopenhauer. Na verdade Quincas Borba tem no humanitismo a ideia de que todas as coisas vão dar triunfalmente certo no final, que no fundo é a concepção que Teilhard de Chardin fará com o seu evolucionismo. O evolucionismo que sai da pedra, que sai da bactéria, e acaba em Cristo. Esta ideia evolucionista do Chardin, que é uma ingenuidade, é exatamente o contrário da perspectiva do Schopenhauer. Compreendem que ele só botou o Quincas Borba para fazer esse contraste, para que nós percebêssemos que aí há um confronto e que desse confronto ele tem total consciência? O Brás Cubas tem total consciência do que estava acontecendo com ele no final de sua vida. E então depois que ele morre, ele tem total consciência da sua vida, ou seja, o horizonte de consciência do Brás Cubas aumenta dramaticamente e incrivelmente depois da sua morte. E se transforma em plenitude.

Por isso, talvez, o que esteja aí sendo dito pra nós, como última observação que me parece ser importante fazer, é que nós só temos horizonte de consciência sobre as coisas quando somos capazes de olhar a nossa vida sob a perspectiva da inexistência da nossa vida. Vou repetir: a nossa capacidade de ver a nossa vida tal qual como ela é só é possível a partir da perspectiva da morte (retórica, é claro - não é pra vocês se matarem, por favor).

Então, o que eu queria dizer é isso. A única possibilidade de aumentar o conhecimento da sua própria vida é olhar para ela de uma perspectiva de fora da sua própria vida. Ou seja, quando você puder olhar para você como o Brás Cubas olha, como alguém que está fazendo anamnese da sua existência. É o único jeito que tem de conseguir fazer isso. Logo, o que parece ser imprescindível para que possamos ser pessoas com maior grau de sinceridade com relação ao mundo é podermos lidar com o mundo como se não fizéssemos parte dele. Como se a nossa existência estivesse pautada por uma dimensão cronológica que fosse muito maior do que a nossa vidinha material e concreta. Enquanto você olhar para a sua vida como uma junção de quarenta, cinquenta, sessenta, setenta anos, você não entende a sua própria vida. Ela só pode ser compreendida numa esfera supertemporal. É preciso olhar para a história como se você tivesse saído dela. E é essa incapacidade de olhar supertemporalmente para as coisas que nos transformou, nós brasileiros, em farsantes.

A farsa que nós vivemos aqui, esse clima de farsa, é um efeito colateral da nossa incapacidade de olharmos o mundo, a nossa vida, numa perspectiva que transcende o tamanho da nossa vida biológica. Toda a vez que você olhar para a sua própria vida de uma perspectiva menor ou igual ao tamanho da sua vida biológica, você terá uma incapacidade de entender de fato

o que está acontecendo e, portanto, a sua tendência para a farsa será muito maior. O que faz com que o horizonte de consciência aumente muito é você sair da perspectiva cronológica da sua existência. É, portanto, deixar de ser uma pessoa do seu tempo. Essa conversa de ser uma pessoa do seu tempo nada mais é do que uma espécie de provincianismo cronológico. Há um provincianismo geográfico, que é por exemplo achar que Ribeirão do Pinhal é o lugar mais incrível do planeta. O morador de Uberaba que acha que lá tem os prédios mais altos do Brasil nunca foi nem até Belo Horizonte, quanto mais a São Paulo. Há uma espécie de provincianismo topológico, que é geográfico, como se faz com Itu...[11] , é você colocar um adesivo no carro "Eu amo Ribeirão do Pinhal"... Tudo bem, sem problema. Esse é um provincianismo engraçado, até. Mas tem um, muito pior do que todos, que é você achar que o seu momento é o momento mais importante da vida, que a sua existência é o clímax, o ápice da existência humana. É preciso você sair da linha do tempo para poder entender o tempo. É preciso você abandonar a sua perspectiva existencial, de setenta, oitenta, noventa, cem anos para entender a sua vida e, de fato, como você é. Portanto, só a partir de uma espécie de morte simbólica – vamos ver se vocês compreendem isso – só a partir de uma espécie de morte simbólica é que você é capaz de entender a sua vida real. Esse me parece ser o sentido principal que deveríamos levar para casa de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, não esquecendo a recomendação de lição de casa para vocês lerem todos os romances, pelo menos os romances e os contos. A obra inteira é grande, mas romances são sete ou oito só. Podem ler todos, inclusive aqueles da juventude.

11 Nota da revisora de transcrição: Itu é uma cidade do estado de São Paulo, conhecida como a cidade do exagero: as coisas de Itu teriam proporções maiores do que as dos outros lugares. Itu já foi a cidade mais rica do estado, tendo nela residido muitos barões do café e autoridades importantes do país. Fonte: Wikipédia.

ALUNO: [*Faz comentário sobre visão do brasileiro de Eduardo Gianotti da Fonseca.*]

PROF. MONIR: [...] quando o Sérgio Buarque de Holanda diz que o brasileiro é cordial, ele não está explicando o brasileiro, ele está apenas revelando uma característica do Brasil. Ele não está definindo o Brasil. É preciso que a gente consiga compreender o brasileiro ontologicamente, e este estudo ainda está por fazer. Mas por meio da grande literatura de Machado de Assis você consegue pegar pistas.

ALUNO: [*Continua o comentário sobre o Gianotti.*]

PROF. MONIR: Todos os ensaístas sobre o Brasil acabam caindo nos sintomas, porque ninguém é capaz de dar uma explicação espiritual. Como todo o mundo é materialista, o sujeito sempre irá procurar em algum materialismo a explicação para a alma brasileira. Quando você conseguir sair do mundo mental e ir para o mundo espiritual, você será capaz de descobrir então alguma coisa verdadeiramente.

(Resumo feito por José Monir Nasser. Os trechos citados são da edição Memórias Póstumas de Brás Cubas da Editora Autêntica, 1999, Belo Horizonte).

Os Noivos

de Alessandro Manzoni (1785 - 1873)

Transcrição da palestra do professor José Monir Nasser em Paranavaí, em 11/06/2010[12]

12 Transcrição de Letícia Scheifer. Revisão da transcrição: Patrícia Nasser.

Os Noivos

Os Noivos é uma obra importantíssima, é o maior romance italiano já escrito até hoje, a maior obra italiana do gênero romance, não é? A maior obra italiana, de qualquer gênero literário que seja, é *A Divina Comédia*.

Há uma porção de comentários importantes a fazer sobre o autor e a sua época, que ajudam a explicar um pouquinho *Os Noivos (I Promessi Sposi,* em italiano). É uma obra associada às perturbações do século XIX. A Itália, em 1820, é dividida em oito reinados. A Itália, tal como a gente a conhece hoje em dia, é uma entidade do final do século XIX. Durante quase todo o século XIX a Itália foi uma reunião de pequenos reinos, ducados, principados... os reinos de cima todos submetidos ao Império Austro-Húngaro, sob influência austríaca. E o nosso autor, Alessandro Manzoni, é uma pessoa desse século. Ele viveu todas essas perturbações associadas com a unificação da Itália, da qual participou o famoso Garibaldi, que foi esse Garibaldi que andou por aqui no Brasil e se casou com uma brasileira chamada Anita. Ele não é brasileiro, não é nascido aqui. Veio pra cá fazer um ensaio da bagunça que iria promover na Itália, mais ou menos como um mercenário, queren-

do fazer uma experiência por aqui. E aí se envolveu em revoluções, na tal Revolução Farroupilha que houve no Sul do Brasil e depois voltou pra Itália, onde acabou sendo um dos artífices da unificação italiana, um assunto extremamente complexo que contou com inúmeros protagonistas, sendo que o mais importante de todos foi o Rei Vittorio Emanuele, o sujeito que acabou unificando a Itália e dando à Itália a forma que ela tem hoje. Isso só foi conseguido no final do século XIX.

A Itália e a Alemanha, mais ou menos na mesma época, foram os dois últimos países centrais da Europa a tomarem a forma nacional moderna. E Alessandro Manzoni esteve envolvido toda a sua vida nessa polêmica, foi um homem que andou tendo uma porção de atividades políticas. No final da vida, quase foi visto como um símbolo dessa Itália unificada porque era um sujeito extraordinário, interessantíssimo.

CRONOLOGIA

1395 Fundado por Gian Galeazzo Visconti o Ducado de Milão, que existiria até 1797 e seria governado por várias dinastias estrangeiras.

1554 No Ducado de Milão, começa domínio espanhol que iria até 1706.

1628 Começam os distúrbios da sucessão mantuana, episódio associado à guerra dos Trinta Anos (1608–1648). No dia 11 de novembro, sob o governo do espanhol Gonzalo Fernandez de Córdoba, acontecem, em Milão, graves distúrbios populares por falta de pão (carestia).

1630 O Norte da Itália é assolado por uma epidemia de peste que teria matado 280 mil pessoas.

1631 Com a vitória das pretensões francesas e derrota do Sacro Império Romano, acaba a guerra de sucessão mantuana.

1785 **Em 7 de março nasce em Milão Alessandro Francesco Tommaso Antonio Manzoni, filho do velho Pietro Manzoni, descendente de uma antiga família de Lecco, e de Giulia Beccaria, filha do famoso jurista Cesare Beccaria, um dos iluministas lombardos.** O verdadeiro pai de Alessandro teria sido Giovanni Verri, de uma família de notáveis, com quem Giulia teria tido uma aventura extraconjugal.

1792 Os pais de Alessandro se separam. A mãe se muda para Auteil, subúrbio aristocrático de Paris. Conforme as leis da época, Alessandro fica sob a guarda do pai e vai para colégios internos.

1801 Apesar de não aparentar grandes dotes intelectuais, escreve o surpreendente poema *Il Trionfo della Libertà*.

1805 Morre Pietro Manzoni. Alessandro muda se para a casa de sua mãe na place Vendôme, onde frequenta os voltairianos salões parisienses. Giulia tem apenas quarenta e três anos e brilha na sociedade. Estabelece amizade com a viúva Sophie Condorcet e seu companheiro Claude Fauriel, secretário de Fouché.

1808 Casa-se pelo rito calvinista com Henriette Louise Blondel, filha de um banqueiro calvinista de Genebra.

1809 Compõe seu poema mitológico *Urania*.

1810 Sob a influência de padres jansenistas, retorna à igreja católica, quando sua mulher se converte por causa de acontecimento que julgou miraculoso. Dedica-se a compor doze *Inni Sacri*, poemas religiosos, e um tratado sobre moral cristã (*Osservazioni sulla morale cattolica*), publicado em 1819.

1814 Sir Walter Scott (1771–1832), na Inglaterra, publica o primeiro romance histórico, *Waverley*. Manzoni lê Walter Scott com muito interesse.

1815 Pelo Congresso de Viena, a Itália é dividida em oito reinos, alguns deles controlados pela Áustria. Começa o *Risorgimento*, movimento difuso de unificação da Itália composto de facções divergentes e beligerantes (monarquistas, republicanos e carbonários).

1818 Vítima de um desfalque, Manzoni tem de vender a herança paterna. Trata seus camponeses com generosidade, perdoando dívidas e presenteando os com a safra prestes a ser colhida.

1820 Manzoni publica a tragédia em verso *Il Conti di Carmagnola* que violou as regras clássicas e sofreu ataques da crítica. Goethe gostou e a defendeu, chamando a de "genial".

1821 Morre Napoleão em Santa Helena. Manzoni escreve, em sua homenagem, *Il cinque maggio*. Começa a escrever *Fermo e Lucia*, versão inicial de *Os Noivos,* que não publicaria em vida.

1822 Manzoni publica *Adelchi,* sua segunda tragédia.

1823 Escreve *Sul Romanticismo*, um ensaio em que defende a incompatibilidade do gênero ficcional com o gênero histórico.

1827 Publicada com forte influência lombarda a obra *Os Noivos (I Promessi Sposi: Storia Milanese del Secolo XVII)*. Esta edição é conhecida como *Ventissettana*. Manzoni envia cópia a Goethe com dedicatória.

1833 Morre Henriette no Natal. Manzoni escreveria o poema *Il Natale de 1833*. Em seguida morrerão alguns de seus filhos e Giulia.

1837 Alessandro Manzoni casa se de novo com Teresa Born, viúva do Conde Stampa-Borri.

1840 Manzoni republica, durante dois anos, em capítulos, *Os Noivos* no estilo linguístico toscano e cria o que é geralmente aceito como o modelo estilístico do italiano moderno. Esta edição é conhecida como *La Quarantana*. Manzoni não mais escreveria literatura ficcional.

1859 Uma coalizão de reinos italianos liderados pela Sardenha, auxiliados pela França, derrotam a Áustria e preparam a unificação da Itália.

1860 Estabelecida por Vittorio Emmanuelle II, da casa de Sabóia, e pelo Conde Cavour o modelo de unificação da Itália, às expensas das pretensões dos grupos de Mazzini e de Garibaldi. A Itália toma aproximadamente a forma atual.

1861 Morre Teresa Born. Alessandro é nomeado senador, cargo que nunca conseguiu assumir.

1862 Manzoni é nomeado presidente da comissão para unificação da língua italiana.

1866 Veneza é incorporada à Itália.

1870 Com a incorporação de Roma, que se transformou em capital do país unificado, Manzoni recebe o título de cidadão romano.

1873 Morre seu filho mais velho, Pier Luigi, no dia 28 de abril. Profundamente abalado, **Alessandro Manzoni morre em Milão no dia 22 de maio, com 88 anos, vítima de uma queda na saída da igreja. Apenas dois dos nove filhos de dois casamentos sobreviveriam ao pai.**

1874 O compositor Giuseppe Verdi compõe seu Réquiem para Manzoni, cujas primeiras audições foram dirigidas pelo compositor – pela manhã na igreja de São Marcos e à noite no teatro Scala – no dia do primeiro aniversário de morte de Manzoni. A peça é, às vezes, chamada *Réquiem "Manzoni"*.

1929 Pelo tratado de Latrão (Mussolini e o Papa Pio XI), consolida se o estado italiano moderno, com a transformação dos estados pontifícios no moderno Vaticano.

1952 Benedetto Croce, no *Spettatore Italiano* chama o livro de "obra-prima da humanidade".

Manzoni tem uma biografia muito estranha. Ele teria sido filho de um outro homem que não o pai oficial que ele tem. A mãe dele era uma pessoa muito conhecida, filha do famoso jurista Cesare Beccaria, que escreveu uma obra que até hoje os estudantes de Direito estudam, chamada *Dos Delitos e das Penas.* Manzoni seria filho ilegítimo de um nobre italiano, enfim, isso também não tem grande importância... a verdade é que ele passou a vida dividido entre política e literatura.

Ele não escreveu muito e, do que escreveu, seguramente *Os Noivos* é a maior obra. Fez um pouquinho de teatro, sem grande qualidade, fez um pouquinho de poesia, sem grande qualidade. No entanto, de excepcional qualidade é o romance *Os Noivos*, o único romance que ele escreveu em vida.

Imaginem um país que estava ainda dividido em regiões. Até hoje isso é assim... Eu tenho um amigo que é italiano, e para todo o mundo que pergunta pra ele se ele é italiano, ele fala: "*No, io sono romano*"... Quer dizer, eles não aceitam a generalização, na Itália ainda se resiste ao termo genérico "italiano" até hoje. A gente não percebe isso, tanto é que temos uma imagem da Itália unificada, mas na Itália eles falam dialetos, uma língua que difere de região em região.

Alessandro Manzoni, ao fazer esse romance, fez duas versões. Aqui no Brasil tem as duas pra vender, e são ligeiramente diferentes. Ele fez a primeira versão num dialeto e em seguida, na segunda versão, alguns anos depois – alguma coisa como doze, catorze anos depois – introduz algumas variações de modo de falar, que acabaram constituindo o italiano moderno. Isso que nós chamamos de italiano moderno foi mais ou menos estabelecido no corpo da obra *Os Noivos*, por isso essa obra tem uma importância gigantesca

na Itália. Todo o estudante secundarista na Itália tem que ler *Os Noivos*, por isso é que há certa implicância com a obra lá. Acontece a mesma coisa que acontece aqui – botar crianças pra ler *Os Sertões*, por exemplo, que é um livro ilegível na sua primeira parte, e que não é pra ler mesmo de verdade... Você tem que pular toda aquela parte de descrição fisiogeológica, porque aquilo lá não dá pra ler mesmo, é muito chato mesmo. A não ser que você seja uma pessoa técnica, você não tem a menor condição de entender o que ele de fato ele está dizendo. Afinal aquelas referências todas de natureza, de geologia, de agricultura, são todas referências ilegíveis e não fazem nenhum sentido para um leigo. A primeira parte de *Os Sertões*, portanto, é um livro que não vale a pena ler. Em vez de pular logo essa parte, obrigam a ler tudo e aí se cria um horror pela obra. Na sua parte ficcional, ou melhor, na sua parte dramática, em que relata os acontecimentos ligados ao Antônio Conselheiro, é um livro muito bom, extraordinário, vale a pena ler. Mas a primeira parte de fato é muito chata. E no caso de *Os Noivos*, não há nenhuma comparação... é um livro agradabilíssimo, perto de *Os Sertões*. No entanto, pelo fato de ser leitura obrigatória... como tudo que é obrigado, é sempre um problema. A melhor atitude que há com relação à leitura é você gostar, é você querer ler o livro que você está lendo. Então o fato de obrigarem o livro na Itália criou também em torno de *Os Noivos* uma certa má vontade por parte da juventude... aquele livro que todo o mundo é obrigado a ler, e não tem vontade de ler. E é por isso que muita gente não aproveita totalmente o valor do livro, o conteúdo do livro, que é magnífico, maravilhoso.

Manzoni tornou-se uma pessoa tão importante na história da Itália que quando ele morreu, logo em seguida o Giuseppe Verdi, compositor italiano erudito, escreveu um réquiem (um dos mais bonitos que existem, na minha opinião) e teria dito que o escreveu especialmente para o Alessandro Man-

zoni. O Réquiem de Verdi é chamado frequentemente de Réquiem Manzoni, tanta é a importância que Manzoni teve no século XIX. Ele é um indivíduo do século XIX numa Itália em formação, numa Itália em organização, depois de muitos e muitos anos de fragmentação. Essa é a história, digamos, o mundo em que Manzoni viveu. E Manzoni esteve, obviamente, envolvido o tempo todo com o problema da unificação italiana. E como é que o Manzoni lidou com isso? Bom, ele não foi um carbonário. Os carbonários são um grupo de ativistas de estilo maçônico que lutavam a favor da unificação, às vezes com violência. Ele não foi um propagador da luta armada, enfim, ele foi um desses sujeitos que achavam que a unificação viria naturalmente, normalmente, se eles fossem inteligentes ao ponto de fazer ligações, associações, como foi feito na Alemanha, que resolveu isso muito bem. A Alemanha tinha a mesma situação e criou um negócio chamado *Zollverein*, que é a unificação alfandegária. Aí todos os produtos e serviços daqueles paísecos alemães que havia ali (assim como na Itália), aqueles pequenos reinados, passaram a ter uma isenção tarifária, passaram a estarem subordinados ao mesmo regime tarifário e, a partir da unificação econômica, unificaram politicamente a Alemanha.

Manzoni queria alguma coisa deste tipo também para a Itália, era um homem muito sofisticado. A mãe dele era uma dessas mulheres deslumbrantes da sociedade, aquela mulher que num dado momento da sua vida é considerada a mais desejável, a mais cobiçada da sociedade. E ela se separou do pai do Manzoni, mesmo porque havia provavelmente ali uma certa prática de infidelidade, ao que tudo indica, e foi morar em Paris. Ele ficou com o pai porque pela lei italiana o pai tinha o direito de mantê-lo e, quando o pai morre, ele vai então para Paris, onde sua mãe dava umas festas maravilhosas. Ela tinha um apartamento na *Place Vendôme*. É uma praça maravilhosa,

no centro de Paris, cercada das joalherias mais caras do mundo. Já naquela época era um lugar chiquérrimo...

Manzoni, ao contrário do que podia parecer, não desenvolveu os traços de personalidade da sua mãe. Tornou-se um sujeito absolutamente generoso. Teve um dado momento da vida em que uma pessoa que cuidava dos negócios da sua herança deu um golpe nele e ele ficou sem nada, teve que vender as propriedades e entregou a safra para os camponeses. Todos os atos de grandeza pessoal que você puder imaginar, o Alessandro Manzoni fez. Tratava-se de uma pessoa especialíssima. E escreveu um livro que é um monumento de grandeza humana chamado *Os Noivos*, que é esse livro que eu tenho muito prazer de ler com vocês hoje aqui. Voltando ao que estava falando, *Os Noivos* representa uma contribuição de Alessandro Manzoni para o problema da unificação da Itália.

A história que é contada em *Os Noivos* é a história de um casal, de dois jovens, um rapaz chamado Renzo, e de uma menina chamada Lúcia, dois jovens que só querem uma única coisa na vida: eles querem casar um com o outro. Eles não querem muito, né, porque afinal o objetivo de casar... parece a vocês uma pretensão muito grande, muito exigente na vida? Parece que não, né? Não é de todos os objetivos humanos o mais difícil... tanto é assim que a maioria das pessoas são casadas, incluindo nessa maioria os pobres. Os pobres casam também, não parece ser algo fora do alcance humano, parece? Eles não querem ser presidentes da ONU, ninguém quer ser dono do *Empire State*, ela não quer casar com o Tom Cruise e ele com a Angelina Jolie. Eles querem casar um com o outro.

São dois jovens que moram lá numa vilazinha, numa região da Itália, e trabalham com seda. A localização dessa história é a região de Milão, que é a região responsável pela produção de seda na Itália – como Lyon está para a França, Milão está para a Itália. É onde estão as grandes tecelagens, e onde estão as duas grandes indústrias de moda do mundo. As referências de moda no mundo são em Milão e Paris justamente por causa da proximidade com a produção das matérias-primas.

E esses dois aí são dois funcionários de uma tecelagem, portanto são dois operários, e estão querendo casar um com o outro. É por aí que a história toda começa. No entanto, essa região onde eles moram, esse pedacinho da Itália, não é independente. Por força daquela situação que eu contei a vocês, a Itália tendo sido dividida em oito reinos, cada um desses reinos era dirigido por um aristocrata, por um nobre. Mas as pessoas das famílias nobres se casam com outros nobres, até para a preservação da nobilidade. E como eles casam com outros nobres, às vezes esses casamentos são feitos com nobres de outros países. E as famílias começam a se associar internacionalmente. Está cheio de exemplos assim: a Maria Antonieta, mulher de Luís XVI, era austríaca, não era francesa. E aqui a família real brasileira, a família Bragança, está associada à família Bourbon, que é francesa. A cidade de Joinville, por exemplo, se chama Joinville porque uma das irmãs do Dom Pedro II, chamada Dona Francisca, casou com o Príncipe de Joinville, que é um príncipe da família Bourbon francesa. E o Príncipe de Joinville recebeu como dote aquela região lá onde é Joinville, em Santa Catarina. Na época desses acontecimentos ocorrem aqueles distúrbios europeus de 1848... Joinville foi fundada no dia 9 de março de 1851 e em 1848 houve aqueles distúrbios enormes que acabaram com o que havia de nobreza na França. O Príncipe de Joinville teve que sair correndo, fugido – já era casado com a

Dona Francisca. Teve que vender aquela gleba que tinha aqui no Brasil para um sujeito chamado Schroeder, que loteou aquilo e vendeu para alemães que foram povoar Joinville. O Príncipe de Joinville nunca esteve em Joinville, mas a origem da cidade está ligada a essa associação entre a família real brasileira e a família real francesa.

Por força de um casamento desses, o reino onde acontece a história na Itália era governado pelos espanhóis da família dos Filipes. Filipe II tinha sido o maior de todos os governantes espanhóis no tempo em que a Espanha teve o seu maior poder relativo, em que dominou todo o Mediterrâneo, no século XVI. Depois disso a Espanha teve Filipe III, Filipe IV, etc., todos eles abaixo do valor e da importância de Filipe II.

E isso tudo é absolutamente histórico. Aliás, é preciso que eu não me esqueça de contar a vocês que o subgênero do romance *Os Noivos* é romance histórico. O que é um romance histórico? É o tipo de romance que foi inventado por um inglês chamado Walter Scott, todo o mundo o conhece? Ele escreveu aquele famoso romance que aqui no Brasil a gente chama de *Ivanhoé*, mas que na verdade é *Ivan Hoe*... quem tem uma certa idade já, lembra que tinha o seriado do Ivanhoé na televisão, não tinha quem perdesse... em preto e branco, ainda. Pois o Ivanhoé é uma personagem de Walter Scott. Foi ele quem inventou essa ideia de pegar situações históricas reais e criar um enredo fictício. O Ivan Hoe existiu, as circunstâncias políticas que ele viveu existiram, agora é claro que o romance que ele tem lá com a fulana, que é atrapalhado pelo beltrano, isso tudo é invenção do artista. Compreenderam? Portanto, os romances históricos são um pouco perigosos, porque é preciso você aprender a distinguir o que ali é relato verdadeiro do que é apenas uma romantização.

E o romance *Os Noivos* é um romance histórico na medida em que ele relata fatos reais, que de fato aconteceram na história da Itália. E nesse momento aqui, no reino em que a história se passa, o governante é um espanhol. O rei não mora lá, porque fica em Madri (o governante é Filipe IV) e tem um preposto que mora lá. Só que junto com esse preposto vieram uma porção de nobres espanhóis, e alguns são muito maus. E entre esses nobres maus, está um fulano chamado Rodrigo, que está pessoalmente interessado em evitar o casamento de Renzo e Lúcia. Mas por que ele está querendo evitar o casamento de Renzo e Lúcia? Por uma absoluta e total futilidade: ele fez uma aposta com outro nobre de que ele iria conquistar a moça até tal dia. Não porque ele tivesse interesse especial na moça, mas porque ele queria apenas ganhar a aposta. Ou seja, não poderia haver nada mais fútil, porque se ao menos ele amasse a moça, tivesse verdadeiro desejo pela moça, teria ainda alguma, digamos, legitimidade o que ele fará para atrapalhar o casamento. Mas não, ele é apenas um sujeito fútil querendo atrapalhar o casamento dos dois.

Então o quadro é muito simples: trata-se da Itália, e a história se passa muito antes da época de Manzoni. Ele vai lá pra trás, no século XVII, e sua motivação é, digamos, nacionalista no sentido manzoniano da palavra – ou seja, ele não está propondo nenhuma espécie de rebelião, ele está propondo apenas que haja uma unificação dos interesses italianos pra que haja um país chamado Itália, coisa que não existe nem no tempo da história de Renzo e Lúcia e nem no tempo em que Manzoni está vivo, duzentos anos depois. E ele usa os acontecimentos verdadeiros e reais daquela época pra contar uma história fascinante, uma história que influenciou centenas de outros escritores e toda uma geração, ou duas, ou três, de italianos. Há ainda hoje

um eco enorme dessa história na cultura moderna italiana. Portanto é uma obra de grande impacto social e intelectual e cultural, sobretudo.

As duas personagens centrais são duas pessoas simples. Os dois trabalham numa tecelagem de seda, portanto são operários. Eles não têm nada na vida a não ser o desejo de casar um com outro. São pessoas jovens. E nós vamos então entender então o que vai acontecer na história, se vocês estiverem satisfeitos por enquanto com a nossa apresentação. Que tal, podemos ir em frente?

RESUMO DA NARRATIVA

Publicado definitivamente, em capítulos, entre 1840 e 1842,

PROF. MONIR: Na época em que o Manzoni escreveu esse livro era muito comum a publicação do livro no jornal. Não tinha novela na televisão, então tinha novela no jornal. Um livro era publicado uma vez por semana, em capítulos, e as pessoas compravam o jornal rigorosamente, para poder ter a continuação da história. Aqui no Brasil também era assim: houve livros do Machado de Assis que foram publicados desse jeito. Depois que acabava de publicar a história inteira, saía em livro. Isso era comum. Na França era comuníssimo fazer isso, publicar o livro em capítulos nos jornais antes de ir para as livrarias. A segunda versão é a que foi usada para fazer este resumo.

único romance e a obra maior de Alessandro Manzoni, o livro *Os Noivos (I Promessi Sposi)* representa a vanguarda literária de sua época, seguindo a trilha então recém-aberta pelo britânico Sir Walter Scott que havia criado o subgênero "romance histórico" com seu *Waverley*.

PROF. MONIR: O primeiro livro importante do Scott é esse, *Waverley*. Ele depois escreverá a sua maior obra – uma obra enorme, gigantesca, com sete ou oito volumes, contando a biografia de Napoleão, com alguns problemas de verossimilhança. É o problema do romance histórico: nem sempre consegue ser completamente fiel.

A trama retrocede duzentos anos, quando o Ducado de Milão, então sob domínio espanhol, envolve se na guerra de sucessão mantuana, reino contíguo.

PROF. MONIR: Compreenda-se domínio espanhol não porque a Espanha tenha conquistado o Ducado de Milão, mas porque o rei da Espanha era herdeiro do Ducado de Milão. Por razões familiares, por tramas familiares, ele era o herdeiro. A palavra "mantuana" é relativa à região da Itália cuja capital é *Mantova* – aqui nós chamamos de Mântua.

Os fatos históricos são reais e precisos, incluída a peste cuja impressionante descrição eternizou a obra que alia ao clima trágico inigualável humor cervantino que deságua na mais pura "comédia" no sentido dantesco.

PROF. MONIR: Às vezes, né? Nem sempre. A obra, portanto, é de grande dimensão literária, independentemente de qualquer coisa, é uma obra literariamente muito importante.

Na história, as personagens principais, Lorenzo (Renzo) Tramaglino e Lúcia Mondella, fiandeiros de seda, pretendem se casar, mas são impedidos por um sem número de obstáculos e atos do destino. O cenário geográfico é a região setentrional do Ducado de Milão, que incluía o burgo Lecco, de onde a família do pai civil de Manzoni era originário.

PROF. MONIR: Aquele pai que está na certidão de nascimento de Manzoni, porque ele teria na verdade um pai biológico diferente daquele oficial.

A forma da obra é o modelo de beleza e estilo da língua italiana. Segundo muitos, *Os Noivos* é o único grande romance italiano do século XIX e incentivou a resistência contra o domínio austríaco que impedia a unificação italiana, feito que Manzoni viu com vida.

PROF. MONIR: O maior de todos os empecilhos da unificação italiana era o fato de que toda aquela região norte da Itália era dominada pelo Império Austro-Húngaro, tanto é que as cidades do Norte da Itália todas têm nomes alemães também. Por exemplo, Veneza é *Venedig*, Milão é *Mailand.* Então você tem nomes alemães que são usados até hoje no mundo para as cidades do Norte da Itália. Eram todas cidades que estiveram sob o domínio austro-húngaro, portanto austríaco. Não foi preciso esperar a queda desse império (o que aconteceu na I Guerra Mundial, em 1917) para que isso pudesse se resolver. Já no final do século XIX, depois de muita encrenca, houve finalmente a reintegração do território italiano. Manzoni viu isso e morreu em seguida, em 1873. E a unificação da Itália é mais ou menos em 1870, por aí.

A trama de *Os Noivos* teria sido inspirada num manuscrito anônimo do século XVII. Benedetto Croce dele disse ser "uma obra-prima de toda a humanidade" e Otto Maria Carpeaux disse que se trata do *"maior romance histórico que já se escreveu".*

PROF. MONIR: Tendo em vista a concorrência de Walter Scott, por exemplo, e vindo de quem vem esse elogio, eu acho que é um elogio que merece muita consideração.

Os Noivos então é essa a história, dos esposos prometidos. O conceito de noivo é esse, prometer o casamento ao outro. A nossa história passa-se em 1600 e alguma coisa, no Ducado de Milão, que era dirigido por um espanhol, em uma cidade muito pequena.

O narrador começa a situar o leitor na geografia das povoações do Ducado de Milão[13]

PROF. MONIR: Olhem como durou isso, pessoal, quatrocentos anos. Durante quatrocentos anos a região de Milão foi um país autônomo da Itália. É uma enormidade de tempo, né? Aí em 1797 passou para o domínio do Império Austro-Húngaro. Quer dizer, já era Itália muito antes da unificação. O verdadeiro dirigente do Ducado de Milão é Filipe IV da Espanha, da linhagem dos Filipes.

que acompanham as margens do lago de Como, de que Lecco é "*o burgo mais populoso, prestes a se tornar cidade*".

> *Quando ocorreram os fatos que nos dispomos a narrar, essa povoação era também um castelo e agraciada, portanto, com a honra de hospedar um*

13 Nota do resumidor – O Ducado de Milão, que existiu de 1395 a 1797 passou por diversos domínios estrangeiros, entre eles o dos Filipes de Espanha, entre 1554 e 1706. No momento da trama, reina na Espanha Filipe IV (1605-1665), representado em Milão pelo governador Gonzalo Fernandez de Córdoba.

comandante, e a vantagem de possuir uma guarnição fixa de soldados espanhóis dados a cortejar as mulheres e as moças, a espancar os pais e os maridos, a depredar os vinhedos, aliviando assim aos campônios as fadigas da vindima. (pág. 15)

PROF. MONIR: Essa é ironia de Mazoni. Estragar os vinhedos de modo que não é preciso fazer a colheita, não é? Porque não tem o que colher.

Por uma das estradas da região vinha, na tarde de 7 de novembro de 1628, o cura local, Padre Abbondio[14],

PROF. MONIR: Em português só quem tem o direito de chamar "dom" é quem tem uma dessas quatro condições: o bispo, o arcebispo, os descendentes das casas reais portuguesa e brasileira, os monges beneditinos e personagens consagrados como Don Juan –, só. "Dom", portanto, não é como na Itália. Então quando você diz "Dom Bosco", por exemplo, em português não faz nenhum sentido – é em italiano que se chama os padres de "dom". Aqui "Dom Bosco", traduzido corretamente, seria "Padre Bosco". Quando a gente traz da Itália "Dom Bosco" e continua com "Dom Bosco", nós estamos promovendo o Padre Bosco a bispo sem que ele tenha sido informado dis-

---

14 Nota do resumidor – Como é comum no Brasil, a tradução confunde os diversos critérios nacionais para o uso do título honorífico "dom" (do latim "dominum"). Segundo Napoleão Mendes de Almeida, em português só se chamam "dom" o bispo, o arcebispo, os descendentes das casas reais portuguesa e brasileira, os monges beneditinos e personagens consagrados como "Don Juan". Em italiano "Don" é atributo de padres em geral e em espanhol equivale ao nosso "senhor". No texto resumido foram portanto corrigidos os enganos, o que gera discrepância com os extratos em itálico que foram mantidos no original.

so, vocês compreendem que nós estamos promovendo o homem a bispo? Porque em português o bispo é "dom", mas o padre não é. Já na Itália todo padre se chama "dom".

(...) Padre Abbondio, dirigindo-se à casa paroquial com um olho na paisagem, outro no breviário. Em um cruzamento, é abordado por dois sicários, malfeitores a serviço do fidalgo Rodrigo, um tiranete local. Apesar de proscrito formalmente, o uso de capangas era comum naqueles tempos. Sem poder se desviar da dupla, o cura é confrontado com as seguintes ordens:

> *– Senhor cura – disse um deles, encarando-o com jeito decidido.*
> *– Que manda? – redargüiu Dom Abbondio, tirando os olhos do livro que lhe ficou aberto nas mãos, como numa estante.*

PROF. MONIR: O Dom Abbondio aí então é Padre Abbondio, só que o tradutor não sabe, então manteve a forma errada do italiano. Não traduziu "dom" para "padre". Compreenderam, né? Por isso que tem sempre essa diferença.

> *– O senhor tenciona – prosseguiu o outro, com o ar ameaçador e colérico de quem surpreende um subalterno prestes a cometer uma indignidade – o senhor tenciona casar, amanhã, Renzo Tramaglino e Lúcia Mondella...*
> *– Isto é... – protestou o cura, com voz trêmula – isto é... Os senhores são homens de sociedade; sabem como ocorrem essas coisas. O cura nada tem com isso... Os namorados fazem as suas mixórdias e depois procuram o padre, como quem vai receber dinheiro ao banco. E nós... nós somos servidores da comuna.*
> *– Pois bem – cochichou-lhe o capanga ao ouvido, em tom grave e autoritário.*
> *– Esse casamento não se realizará; nem amanhã nem nunca. (pág. 17)*

PROF. MONIR: Pronto. Taí o impasse. O padre combinou de casar o Renzo e a Lúcia no dia seguinte, mas apareceu agora esse malfeitor lá, um capanga, um gângster, proibindo o padre de casar os dois. Qual é a obrigação do padre?

ALUNOS: Casá-los.

PROF. MONIR: Dizer assim: "Olha meu amigo, eu sinto muito, mas quem manda aqui é a Igreja, eu sou o representante, portanto se eles querem casar, eu caso". Mas o Dom Abbondio, o Padre Abbondio, infelizmente não tem essa atitude. Vocês verão que se trata de uma personagem de excepcional e extraordinária covardia. Uma das personagens mais covardes da literatura de todos os tempos. Esse Padre Abbondio, que tem a vantagem de ser engraçado, é o covarde engraçado (pelo menos tem isso, né), agora vai ficar na dúvida se casa ou não casa o casal. Então esse negócio começa muito mal.

Ameaçado de morte e sem saber o que fazer, Padre Abbondio *"enveredou pelo atalho que levava à casa paroquial, movendo a custo as pernas quase tolhidas".* O narrador nota que o cura não havia nascido *"com fígados de leão",*

PROF. MONIR: Ou seja, com coragem.

sobretudo naquela sociedade em que *"quem usasse a libré de uma família soberba e poderosa gozava de plena liberdade de ação e podia zombar-se de todas as leis".*

Na casa paroquial, com o semblante transtornado, o padre pede uma taça de vinho à criada Perpétua. Engole o conteúdo todo num trago, e com dificuldades,

conta o ocorrido à aia que recomenda que ele procure o arcebispo, *"um santo homem, e um homem de pulso que não tem medo de ninguém".*

PROF. MONIR: Só pra entender como funciona a Igreja Católica: já nessa época funcionava na base de regiões administrativas, chamadas dioceses. Cada diocese é dirigida por um bispo. Quando a diocese ultrapassa certa quantidade de habitantes, ela passa a se chamar arquidiocese, o que não implica em nenhum aumento de importância, apenas em aumento de responsabilidade. Dentro dessa arquidiocese existem padres em paróquias. As arquidioceses são divididas em paróquias, em cada paróquia tem um ou mais padres, ou pode não ter nenhum também. Pode ter uma paróquia atendida pelo padre vizinho, e assim por diante. Aí esses bispos e arcebispos, quando são muitos e muitos – no Brasil por exemplo, acho que já são mais de quatrocentos ou quinhentos, são muitos... aqui no Paraná quantos têm, uns dez ou doze? Alguma coisa assim. Tem um bispo aqui em Paranavaí, por exemplo. Esses bispos fazem um colegiado que dirige a Igreja. Eles são todos subordinados diretamente ao Papa, o Papa é quem manda neles. Não há intermediação. Não há instâncias intermediárias entre os bispados ou arcebispados e o Papado em Roma.

A Igreja Católica é uma das instituições mais descentralizadas e de mais baixa hierarquização que existem. Ela é de uma pequeníssima hierarquia. Portanto, o padre diocesano obedece ao bispo da sua diocese. Os religiosos associados a conventos, ou seja, a ordens religiosas que não são seculares, a ordens monásticas, não estão subordinadas ao arcebispo. Podem estar, mas de modo geral não estão. Então os monges de um convento trapista falam direto com o seu superior em Roma, ou em Paris, ou em Milão, onde for.

As ordens monásticas não são ordens subordinadas administrativamente à diocese. Compreendem isso, né? Então uma freira que está num monastério, uma freira descalça, ela fala direto lá com a sua superiora e não fala com o padre. É claro que o bispo terá alguma autoridade moral sobre ela. Mas ela não tem subordinação direta com o bispo, não necessariamente. Pode ser que uma ordem ou outra estabeleça uma subordinação local, aí eles têm que obedecer. Mas em princípio a Igreja Católica é de uma simplicidade organizacional enorme. É uma coisa espantosa que eles consigam ter uma Igreja planetária com esse baixo processo de controle. No fundo, um bispo tem muito poder. Um bispo na sua diocese tem muito poder relativo. Bom, continuamos.

Capítulo II

O padre perde a noite pensando no casamento no dia seguinte: *"– Veremos – disse consigo o cura. – Ele pensa na namorada; eu tenho de zelar a minha pele. Sou o maior interessado, além de ser o mais esperto. Meu filho, é natural que estejas impaciente; eu porém, é que não hei de pagar o pato!"*

PROF. MONIR: Olhem que covardão, né? Esse padre é o covarde típico.

Uma vez tomada a decisão de acovardar-se, é assombrado o resto da noite com horríveis pesadelos.

Renzo Tramaglino procura o Padre Abbondio na manhã de seu casamento. O rapaz, com vinte anos, era fiandeiro de seda e possuía uma chacrinha que recebera de herança e onde morava. Dá-se o seguinte diálogo:

- Venho, senhor cura, saber a que horas lhe convém que estejamos na igreja.

– Em que dia?

– Como, em que dia? Não se lembra de que marcamos para hoje?

– Hoje? Redargüiu Dom Abbondio, com fingida estranheza. – Hoje, hoje... Tenha paciência, mas hoje não posso.

– Não pode? Que aconteceu?

– Antes de tudo, não estou bom, como vê...

– Lamento-o; mas o que tem a fazer é tão rápido e tão simples...

– Depois... depois... depois...

– Depois, o quê?

– Depois há umas trapalhadas...

– Umas trapalhadas? Que trapalhadas?

– Se você estivesse no meu lugar, saberia os enredos que nascem desses assuntos, as contas que somos obrigados a prestar. Eu sou muito condescendente; trato logo de remover os obstáculos, de facilitar tudo, de satisfazer os desejos alheios; e descuro a minha obrigação. Depois aturo repreensões ou coisa pior.

– Mas, em nome do céu, não me deixe assim aflito! Diga duma vez o que há.

– Sabe você quantas e quantas formalidades são necessárias para celebrar direito um casamento? (pág. 23)

Alegando precisar examinar todos os possíveis impedimentos, "error, conditio, votum, cognatio, crimen, cultus, disparits, vis, ordo, ligamen, honestas, si sis affinis...", pede ao noivo que tenha paciência: *"alguns dias, meu filho, não são a eternidade".*

PROF. MONIR: Então, de fato, o padre não vai casar os dois no dia seguinte. E dá como desculpa a burocracia do direito canônico, que estabelece

uma porção de regras. Na prática, obviamente ninguém faz toda essa investigação, embora existam condições pelas quais um casamento pode ser desmanchado... religiosamente falando, não civilmente falando. Civilmente é outro conjunto de condições, mas religiosamente também há condições pelas quais um casamento pode ser desmanchado. Então o padre na verdade só está querendo fazer um pouco de onda pra fingir... tá querendo apenas ganhar tempo pra ver se consegue salvar a pele, porque ele não quer confrontar o desejo do Dom Rodrigo, que é aquele tirano que está querendo impedir o casamento dos dois. Tá claro isso, né? Então continuamos.

O rapaz, entre aborrecido e indignado, vai à casa da noiva comunicar-lhe que não mais se casariam naquele dia. No caminho, encontra a aia Perpétua que lhe insinua a verdadeira razão do adiamento. Renzo volta à casa paroquial, entra, tira a chave da porta e obriga o padre a lhe contar quem estava impedindo o casório. O padre acaba contando a verdade, enquanto *"Renzo ouvia, entre o furioso e desorientado, imóvel e cabisbaixo".*

PROF. MONIR: Com muita razão, porque afinal de contas, o que foi que ele fez lá pro outro? O que é que poderia haver nesse casamento de tão incômodo para que o outro tentasse impedir? São duas pessoas pobres, dois jovens pobres querendo casar. É pedir muito? É por acaso uma meta muito audaciosa na vida? Não é nada muito audacioso. É uma coisa meio natural... que todo o mundo acaba fazendo, a maioria das pessoas casam. Não parece ser muito excepcional. E, no entanto, está aí esse impasse, essa dificuldade de fazer porque o padre não quer casá-los, tendo sido ameaçado por um sujeito poderoso que morava ali.

Renzo sai imaginando vinganças, *"voar à casa do fidalgo arrogante, sacudi-lo, sem dó..."* Chega à casa da noiva onde já se reuniam as amigas para *"formarem cortejo à moça".*

PROF. MONIR: Olhem que maravilha. Se ele está incomodado com isso, quanto não deve estar incomodada a noiva? Imaginem. Porque o casamento, afinal de contas, é uma festa muito mais da noiva do que do noivo. Da perspectiva da noiva, uma coisa como essa é muito pior do que da perspectiva do noivo. Naturalmente é assim.

Lúcia*, "uma bela moça de tez clara e cabelos negros"*, vê Renzo com o rosto desfigurado de raiva e ouve as notícias. Ela reage como se aquele fato não fosse o primeiro *("Ah!... Até a esse ponto!")* e dispensa as amigas alegando que o cura estava doente.

PROF. MONIR: Sorte que é gente pobre, né? É uma festa de casamento muito improvisada, não é um negócio complicado de desmanchar. É chato, mas afinal, é contornável. Vamos ver se eles vão conseguir casar. O esforço de casar continua, vamos ver pra onde vai.

Capítulo III

Lúcia, em prantos, confessa a Renzo e à sua mãe, Dona Inês, que dias antes, voltando da fiação, havia encontrado na estrada o Senhor Rodrigo e outro fidalgo (que viria a ser o Conde Atílio, primo daquele). Os dois teriam falado *baixo entre si e dito: "Apostemos". Lúcia havia relatado o encontro a Frei Cristovão, frade capuchinho,* que a havia aconselhado a apressar o casamento e não sair de casa.

PROF. MONIR: Entram então nessa história duas personagens novas: primeiro a Inês, que é a mãe da Lúcia, que nós não conhecíamos ainda (ela é órfã de pai) e depois o Frei Cristóvão, que não é padre, é um frade – portanto ligado a um monastério. Frei Cristovão passa a ser amigo do casal, ou seja, ele representará, comparativamente ao Padre Abbondio (que representa a covardia e a falta total de capacidade de cumprir a sua missão), exatamente o contrário. Frei Cristovão será uma compensação, uma contraposição polarizada à covardia do primeiro. Então essas duas personagens aí são muito importantes.

Renzo, indignado, quer fugir com ela imediatamente, mas ela o lembra de que eles ainda não são marido e mulher. Dona Inês sugere que Renzo procure um advogado em Lecco, conhecido popular e debochadamente por "rábula", pagando-o com os quatro galos sacrificados para o casamento, já que *"não convém procurar esses senhores com as mãos vazias"* e o casamento seria adiado.

PROF. MONIR: Vejam que coisa. A festa de casamento é composta de quatro galos. Modesto, né? "Rábula" é o nome que se dava antigamente para o advogado sem curso superior. Antigamente existiam advogados não formados, como também dentistas não formados, situações que eram toleradas... Hoje em dia não pode mais, né? Mas houve tempo em que isso existiu. Então eles vão lá falar com o advogado pra ver se ele ajudaria judicialmente a enfrentar esse impasse que estão vivendo aí. E vão dar para o advogado os quatro galos de presente, como pagamento dos honorários do profissional.

Em Lecco, Renzo conta a história ao tal "rábula", mas ouve dele desaforos e desacatos: *"Conte isso aos seus iguais, e não a um homem de bem que sabe avaliar*

suas histórias. Retire-se, ande. Nem sabe o que diz! Não me meto com moleques. Não quero saber de intrigas, de lérias tolas".

PROF. MONIR: "Lérias" é "lero-lero". Portanto esse advogado aí parece que é da turma lá do Rodrigo. Por isso é que se comportou assim.

As mulheres são informadas do resultado da consulta ao advogado. Lúcia diz: *"Algum santo há de valer-nos".* Renzo sai, atormentado, repetindo *"sempre há Justiça, no mundo".* Sobre esta atitude o narrador diz*: "Prova evidente de que o homem desvairado pela dor não sabe deveras o que diz".*

PROF. MONIR: Porque, de acordo com o narrador, nem sempre há justiça no mundo.

Capítulo IV

Chamado, Frei Cristóvão, quase sexagenário, vai à casa de Lúcia imaginando alguma desgraça, conforme o hábito daqueles tempos. O religioso, batizado Luiz, aos trinta anos havia abandonado rica herança e uma vida atribulada, depois de uma altercação de rua em que matara, em legítima defesa, um fidalgo "*emperdigado e desdenhoso*". No entrevero, para salvá-lo, morrera seu fiel criado Cristóvão. Abalado pelo episódio, Luís se havia decidido pela vida religiosa, doando seu patrimônio para a viúva e oito filhos do empregado e tomando para si o nome religioso de Cristóvão. Morava desde então no convento de Pescarenico, na região.

PROF. MONIR: Aí vocês têm a história do Frei Cristovão. Um nobre que matou outra pessoa e foi salvo pelo seu empregado, que morreu na briga. Ele dá tudo que tem pra viúva do empregado e vai ser monge. E dá a si mesmo

o nome de Cristovão. Quando você entra na vida monástica ou religiosa, você troca o nome por razões simbólicas: você está mudando de vida, não é mais a mesma pessoa. É o mesmo efeito que tem a roupa branca para o candidato e para noiva... o branco do vestido de noiva não significa virgindade, significa apenas que ela muda do estado de solteira para o estado de casada, o que é uma mudança extraordinariamente grande na vida de uma mulher, porque ela muda de família. O branco aí tem o significado de transição. Não tenham, portanto, o menor constrangimento. Se ficarem viúvas, podem casar uma segunda vez de branco também. Não tem problema, apesar do preconceito besta que inventaram com essa história de virgindade, que não tem cabimento nenhum.

Capítulo V

O capuchinho, relembrando o episódio do encontro de Lúcia com o fidalgo, percebe imediatamente a origem e gravidade daquela angústia. Enquanto ouve as mulheres, Renzo chega e Cristóvão lhe diz que confie em Deus e pede-lhe que prometa seguir seus conselhos. O religioso propõe ir falar com o Senhor Rodrigo: *"Se Deus lhe comover o coração e der força às minhas palavras, tudo irá bem, do contrário, o Senhor nos apontará outro remédio".*

Cumprindo este plano, o religioso encontra o fidalgo almoçando cercado de amigos e do senhor corregedor, *"o magistrado a quem competiria fazer justiça".* Entre os comensais, estava o "rábula" que Renzo havia "consultado".

PROF. MONIR: Viu só, não falei? Essa eu adivinhei, ein? [*risos*] O rábula era da turma do Rodrigo.

Os convivas discutem questiúnculas de direito, política e elogiam o soberbo banquete regado por vinho *"sem par"*, atribuindo a carestia do lado de fora[15] à cobiça dos padeiros,

PROF. MONIR: A carestia é absolutamente histórica. Todos os dados que estão aí ligados a acontecimentos sociais, são todos históricos. Essa é a ideia do romance histórico. Você pega uma situação verídica do passado e inventa uma história no meio. Pode até ser que possam ter existido modelos para as personagens de Renzo e Lúcia, mas é claro que a trama é totalmente inventada pelo autor. Agora, os acontecimentos externos são todos verídicos, porque o romance é histórico.

propondo como remédio que se *"apanhem e enforquem-se uns cinco ou seis (padeiros) dos que o povo aponta como piores e mais endinheirados!"*

> *A vozearia era ensurdecedora e dissonante. Os lacaios enchiam os copos; os louvores ao vinho confundiam-se com sentenças de jurisprudência econômica, e os vocábulos mais freqüentes e mais sonoros eram: 'ambrosia' e 'força'. (pág. 49)*

PROF. MONIR: Essa palavra "ambrosia" está aí mal escrita porque no Brasil inventou-se escrever "ambrosia", quando na verdade o nome desse negócio é "ambrósia", tanto é que antigamente havia pessoas com esse nome. Vocês nunca ouviram falar de alguém chamado Ambrósio? Então, é a mesma palavra. Ambrósia é uma comida que os deuses comiam. Modernamente, é o nome de certo doce. Hoje em dia ninguém põe em um bebê o nome de

15 Nota do resumidor – O Ducado de Milão, pela coincidência de duas más safras e do esforço de guerra na questão da sucessão mantuana, sofria grande carestia de trigo.

Ambrósia. Acha estranho, e tal. Mas tinha muita gente chamada Ambrósia. Era um nome comum. É só você ir ao cemitério e pegar os túmulos mais velhos – o que, aliás, é um extraordinário passeio, hein? Queria que vocês não deixassem de fazer isso uma vez na vida. Olhar os túmulos mais velhos e ver os nomes das pessoas que nasceram há cem, cento e cinquenta, cento e vinte anos. Pra vocês verem que interessantes eram os nomes, todos diferentes dos de hoje. É muito interessante fazer isso. Em Curitiba tem um cemitério maravilhoso, chamado Cemitério Municipal, onde vale a pena fazer essa experiência. Mas qualquer cemitério, em princípio, vale a pena. Tem que ser um cemitério com uns defuntos antigos, né? Não tem graça com defunto muito novo, não dá certo.

Capítulo VI

A sós com o fidalgo, Frei Cristóvão pede-lhe um ato de justiça, dizendo que *"alguns malvados"*, usando o nome dele, andavam a assustar um pobre cura.

PROF. MONIR: Político, né? Estratégico: "Olha, vim falar com o senhor aqui, por que parece que tem aí uns marginais que estão perseguindo padres... vim aqui lhe contar isso". É claro que o outro sabe, porque é ele que está perseguindo. Mas, em todo caso, começa bem a conversa.

Como o castelão resiste, o frade o lembra de que *"os gemidos, as queixas do pobre chegam ao céu. A inocência é poderosa..."* Rodrigo contrapõe que se quisesse ouvir sermões iria à igreja e que, já que o padre se preocupa tanto com Lúcia, que a mandasse buscar *"a sua proteção"*. O padre fica furioso com o cinismo do fidalgo e lhe diz, com o dedo em riste, que fala a alguém *"a quem Deus desamparou, e já não mete medo"*. Rodrigo, irritadíssimo com aquele gesto de enfrentamento,

expulsa o religioso, que já havia recuperado a serenidade. Na saída, um criado de Rodrigo, dizendo querer salvar a alma, discretamente propõe ajudar o franciscano.

Enquanto isso, os noivos e Dona Inês pensam em maneiras de consumar o casamento para o casal poder fugir *"legalmente"*. Dona Inês diz que se os nubentes se apresentarem ao padre, de supetão, com duas testemunhas e declararem-se marido e mulher, o cura teria de aceitar o fato consumado e confirmar. Renzo gosta da ideia, sai e vai procurar as testemunhas, que acabariam sendo Tônio, a quem Renzo dá dinheiro para pagar uma dívida com o padre, e Gervásio, primo daquele.

PROF. MONIR: Quer dizer, deu certo a solução de falar com o Rodrigo? Não deu. Então aí a Inês diz que uma solução boa é a seguinte: "Vocês chegam lá com duas testemunhas e declaram que já dormiram juntos". Por que o que é ser marido e mulher? É já ter dormido junto. Da perspectiva moral daquela época, o casamento é automático pela relação sexual. Ou seja: dormiu junto, casou. Acabou a história. Isso era assim até bem pouco tempo, não é? Não é algo muito distante. Até bem pouco tempo tinha-se o hábito de se casar na delegacia. Casar na delegacia caiu da moda, mas fundamentalmente era isso: o casal dormiu junto, tem que casar porque é como se já tivesse casado na prática. O que a Inês propõe é que os dois cheguem lá e se declarem marido e mulher, e isso equivaleria a admitir para o padre que eles já têm uma vida marital, ou seja, já têm uma relação carnal. E como tal, então, o padre fica obrigado a casá-los. Seria uma estratégia para tentar obrigar o padre a casar o casal.

Vejam, um assunto tão pequeno, tão humilde, tão simples... não está se tornando um acontecimento de implicações terríveis? De complexidades enormes? Não há aqui uma espécie de desproporção entre o que eles querem e a confusão que está sendo gerada em torno disso? Muito bem. Continuamos, vamos lá.

Capítulo VII

Chega Frei Cristóvão com as más notícias de sua embaixada, mas reanima os noivos, dizendo ter *"na mão um fio para lhes valer"* e volta para o convento. Renzo, que já havia negociado com as duas testemunhas, não confia naquele plano misterioso e quer levar em frente a ideia anterior de *"casar à força"*, mas Lúcia está temerosa de começar a vida de casada usando *"subterfúgios, mentiras, fingimentos"*.

PROF. MONIR: Ela não quer começar a sua vida de casada usando um estratagema como esse.

Renzo, inconformado, quer fazer justiça, matando logo o fidalgo. Lúcia se desespera, porque *"contra os pobres sempre há justiça..."* Fora de si, Renzo ameaça matá-la: *"Você não será minha mulher; mas também não será dele."* Trazido à serenidade pelas mulheres, que acabam concordando com a ideia do casamento forçado, Renzo combina com elas que estejam prontas ao toque do *Angelus*.

PROF. MONIR: Até muito pouco tempo a vida de uma cidade era dirigida pelos diversos momentos em que o sino da igreja toca durante o dia – cada momento desses tem um nome. Essa orquestração da vida humana pelo

sino da igreja era o ritmo pelo qual a vida medieval funcionava. Hoje a gente não tem mais isso. As igrejas não têm mais toques simbólicos, e tocam de hora em hora...

Aluna: Não, aqui toca às seis da manhã e da tarde.

PROF. MONIR: Bom, toca aqui? Mas isso numa cidade grande já não tem mais. Toca-se de hora em hora para o pessoal acertar o relógio. Por que tem o sino da igreja? É pra acertar o relógio, saber se são quatro da tarde, ou cinco, ou seis, ou sete, ou oito, ou nove. Mas antigamente era assim, embora essa história não seja medieval. Durante muito tempo era assim que funcionava o ritmo da vida humana na cidade, ela era mais ou menos orquestrada pelos diversos passos religiosos, que iam estabelecendo o passo da vida das pessoas. Vamos lá então.

Enquanto isso, no castelo, o Senhor Rodrigo e seu primo, o Conde Atílio, conversam sobre a aposta[16]. O conde debocha de Rodrigo, insinuando que o padre o havia convertido... Preocupado, no outro dia, Rodrigo chama seu sicário mais fiel, Griso, e lhe diz que Lúcia teria de estar no seu palácio antes do dia seguinte.

PROF. MONIR: "Sicário" é capanga.

A ideia era raptar Lúcia, naquela noite mesmo, assustar Dona Inês e dar em Renzo tremenda surra para desestimulá-lo de ir à justiça *"proclamar suas razões"*. E que não a maltratassem. Estes preparativos chegam ao ouvido do criado aliado,

16 Nota do resumidor: A aposta consistia em que Lúcia, até o dia de São Martinho (11 de novembro), deveria estar no palácio de Rodrigo. Se ela não viesse, seria vencedor o Conde Atílio.

que vai alertar Frei Cristóvão. Enquanto isso, cumprindo o plano, os sicários do fidalgo escondem-se numa casa tida por mal-assombrada e, cuidadosamente, vão se infiltrando na vila. De fato, Renzo, num restaurante jantando almôndegas com as "testemunhas" Tônio e Gervásio, repara na presença de sujeitos estranhos que indagam ao taberneiro sobre ele.

PROF. MONIR: Bom, então aí o Rodrigo, querendo não perder a aposta, combina esse rapto da garota. Só que ele não sabe que foi ouvido e aquele criado que é amigo do Frei Cristovão, que quer salvar a sua alma, avisa o frei que vai haver aquele golpe, aquele rapto. E agora então vai acontecer uma ação muito importante na história. Vamos ver se dá certo a tentativa de rapto da Lúcia.

Quando entardece, depois do *Angelus*, Renzo e companheiros dirigem-se para a casa de Dona Inês de onde, todos juntos, vão à casa paroquial. Tônio, usando a desculpa de pagar a dívida ao padre, convence Perpétua a chamar o cura em tão inusitada hora.

Capítulo VIII

Enquanto o padre passa, com satisfação, o recibo do pagamento da dívida de Tônio, o fiandeiro toma o braço de uma Lúcia toda trêmula e irrompe na sala.

PROF. MONIR: O Tônio é uma das testemunhas, que só topou ser testemunha porque o Renzo deu o dinheiro pra ele pagar a dívida com o padre. E com isso o Padre Abbondio ia recebê-lo.

Diz: *"Senhor cura, declaro em presença destas testemunhas que esta é minha mulher".* Quando Lúcia vai dizer o mesmo, o padre tapa-lhe a boca, deixa cair o candeeiro e grita *"Perpétua! Perpétua! Socorro! Traição!"*

PROF. MONIR: Dá pra imaginar a cena? Ela querendo dizer assim: "Eu também sou..." [*o professor tapa a boca*] <*risos*> Ela não podia falar de jeito nenhum, porque se acontecesse isso o padre ficaria obrigado a casar os dois. E o padre tem que impedi-la, então, de dizer que ela é mulher do Renzo. Uma cena absolutamente cervantina, uma cena de pastelão, como só Cervantes foi capaz de fazer na literatura.

> *Apagada a luz, estabeleceu-se na sala uma confusão indizível. O cura já encontrara às apalpadelas a porta doutra peça e trancara-se do outro lado, continuando a clamar por socorro, mas Renzo ainda o procurava, tateando no escuro, como se brincasse de cabra-cega, recomendando-lhe:*
>
> *– Quieto, quieto senhor cura! Não faça algazarra.*
>
> *Lúcia gemia, implorando:*
>
> *– Vamos, vamos, pelo amor de Deus!*
>
> *E, ao passo que Tônio rastejava de gatinhas, buscando no chão o recibo, Gervásio, excitado e assustadiço, procurava a saída. (pág. 67)*

O sacristão Ambrósio, assustado, agarra-se ao sino de alarme e toda a cidade fica de pé.

PROF. MONIR: Há uma cena do *Dom Quixote* muito parecida com essa, uma cena numa taberna, em que o Dom Quixote supõe que a Maritornes estava indo lá namorá-lo e aí começa uma briga, exatamente como essa... Eu ima-

gino que o Manzoni tenha se inspirado no Cervantes pra fazer essa cena, é muito improvável que não tenha se inspirado.

Enquanto isso, os sicários de Dom Rodrigo tomavam de assalto a casa de Dona Inês, onde não encontram ninguém e, pressentindo algo errado, retiram-se rapidamente, quase *"em fuga"*.

Deixando a paróquia, *"ansiosos por se porem a salvo"*, os noivos são interceptados por Domingos, um menino que trazia mensagem de Frei Cristóvão para que se refugiassem no mosteiro com urgência. Enquanto o casal, Dona Inês Mondella e Domingos tomam um atalho para o mosteiro, populares chegam ao presbitério. O cura os pacifica, interessado em esvaziar o assunto, mas um vizinho de Dona Inês diz à turba que gente armada iria matar um "peregrino" e a celeuma recomeça: "*Acudam, camaradas: ladrões ou bandidos!... Fogem com um romeiro. Já saíram da vila. Peguem os marotos*". Chegando à casa de Dona Inês, a multidão vê marcas de arrombamento e julgam que as mulheres teriam sido raptadas, *"como o milhafre arrebata os pintos"*. Chega a notícia, igualmente falsa, de que as mulheres tinham se refugiado alhures e a multidão se dispersa.

PROF. MONIR: Vocês veem a confusão que o duplo acontecimento que gerou na cidade, né? A tentativa de casar à força e a investida fracassada dos capangas do Rodrigo na casa de Dona Inês – eles não conseguem achar a moça lá.

Os fugitivos dispensam Domingos e chegam ao convento de Pescarenico onde Frei Cristóvão os coloca imediatamente num transporte para fora da aldeia. Renzo iria para o mosteiro da Porta Oriental em Milão e as mulheres para um convento em Monza. No barco:

Os passageiros iam calados, de quando em quando, voltavam a cabeça, num derradeiro olhar à paisagem riscada de zonas luminosas e de vastas sombras, donde sobressaíam os povoados, as casas, as choupanas. O castelo de Dom Rodrigo, flanqueado do torreão, sobrelevava as choças amontoadas ao sopé do promontório, com a catadura feroz dum malvado, desperto entre criaturas adormecidas, a meditar crimes. Lúcia viu-o e estremeceu. Baixou os olhos à aldeia; reconhecendo a sua vivenda humilde, pousou a testa no braço e chorou silenciosamente. (pág. 73)

PROF. MONIR: É uma cena muito triste... imaginem, né? Vejam, tudo isso começou por quê? Porque esses dois queriam se casar. Dois pobrezinhos, funcionários de uma tecelagem, duas pessoas humildes que querem se casar e no entanto, já a essa altura, a confusão chegou a tal grau que são obrigados a largar sua casa, sua família, e irem embora pra um destino desconhecido porque queriam fazer uma coisa tão simples e tão natural quanto se casar.

Capítulo IX

"O embate do escaler contra a ribanceira despertou Lúcia do seu doloroso torpor. Saltando primeiro, Renzo ajudou as duas mulheres a desembarcarem, e os três agradeceram melancolicamente o barqueiro". Dali dirigiram-se por terra, ao que parece, segundo o narrador, à cidade de Monza, onde se hospedaram numa *"peça abrigada e quente".* Munidos de carta de Frei Cristóvão, procuram o convento indicado onde um religioso, ao ler a missiva, diz que tudo dependia de "*a senhora*" querer "*tomar este compromisso*"... A "senhora" era uma freira que vinha de poderosa estirpe milanesa e dominava a casa, mesmo não tendo títulos.

PROF. MONIR: Essa história aí, pessoal, gerou depois no imaginário literário italiano uma linha de erotismo que é a da monja pervertida, a "Monja de Monza" ("*La Monaca di Monza*"). Há na cultura italiana, refletida em gibis, uma linhagem erótica de monjas que dirigem conventos e promovem orgias lésbicas, fazem umas perversões, sessões de sadomasoquismo... E essa história toda nasceu aqui nesse livro do Manzoni, com essa monja nas mãos de quem a Lúcia vai cair daqui a alguns segundos. Entenderam como esse negócio está dando errado? Agora a Lúcia, pra poder fugir do Rodrigo, cairá nas mãos dessa monja que depois... é tão forte e impactante essa história contada aqui, que isso brotou e se desenvolveu num imaginário erótico que existe até hoje, baseado nessas cenas que são contadas aqui. Não são cenas obscenas, mas são insinuantes, muito fortes. Daí nasceu uma cultura de certo erotismo que só tem na Itália, que é tipicamente italiano. Vocês veem a importância que esse livro tem, né? Em cento e cinquenta anos, vejam o que ele fez.

Lúcia e Inês chegam ao claustro onde encontram a "senhora", uma freira de vinte e cinco anos, dando a impressão duma extraordinária formosura, mas de uma beleza *"triste e sem viço",* que daria a um observador, segundo o narrador, a impressão simultânea de ternura e ódio. As fugitivas contam-lhe sua saga, que a "senhora" ouve com curiosidade maliciosa.

PROF. MONIR: Imaginem a cena: "Não, minha filha, você veio pro lugar certo... ainda bem que você veio pra cá!" É a cena da raposa elogiando a escolha que a galinha fez de entrar na sua toca.

Batizada Gertrudes, a "senhora" era a filha mais nova de um grão-senhor milanês que a havia destinado (junto com o irmão mais novo) ao convento, a fim de não dispersar seu patrimônio.

PROF. MONIR: É só um a herdar, né? Um só herda.

Estava ali desde os seis anos e, por causa da posição do pai, tinha grande influência. No entanto, no íntimo, anelava subtrair-se ao claustro, participando do *"fausto secular"*.

PROF. MONIR: Ela não tem vocação religiosa. Embora esteja lá num convento.

Sua religião, "*despida assim de sua essência, já não era religião, mas uma sombra como as demais*"[17].

Capítulo X

Conforme a praxe, Gertrudes havia passado um mês em casa antes dos votos, para ter sua vocação avaliada por um padre examinador, o vigário das freiras. A contragosto, para agradar o pai, Gertrudes havia mentido ao vigário sobre sua vocação, apesar de "*uma saudade incessante da liberdade, o tédio de sua situação, o travo dos desejos que jamais lhe seria dado realizar. Exaltava-a e lhe doía a sua formosura inútil; torturava-a a pensar em que a sua mocidade definharia num lento martírio*". Gertrudes fora, logo após os votos, nomeada mestra de educandas

17 Nota do resumidor – Segundo comentaristas, esta monja (Monaca) de Monza teria de fato existido e inspirado um gênero de licenciosidade na literatura italiana, o das religiosas pervertidas.

onde pôde "*dar largas ao seu gênio despótico, aos seus caprichos malévolos, ora punindo as discípulas pelo mínimo deslize, ora excitando-lhes, com artes diabólicas, as turbulências*".

PROF. MONIR: Vejam, não era um bom lugar pra Lúcia ir parar, né? Vejam que desgraça. Ela só queria casar com o Renzo. Tudo que a menina queria era casar com o Renzo, e agora os dois são fugitivos do Rodrigo e a Lúcia não vai pro lugar, digamos, mais apropriado.

Na medida em que Gertrudes percebia o poder que tinha, passou a agir cada vez mais escandalosamente, incluindo fazer desaparecer uma freira que a ameaçara e envolver-se carnalmente com Egídio, um celerado libertino prisioneiro de certas dependências do mosteiro.

Aprovadas pela "senhora", as fugitivas foram finalmente alojadas na moradia recém-desocupada pela filha da zeladora e "*passaram a fazer parte do pessoal leigo do convento*".

Capítulo XI

Enquanto isso, os sicários voltam, cabisbaixos e vexados, ao palácio do Senhor Rodrigo que não esperava outro resultado que o sucesso do rapto. O fidalgo conclui que há entre eles um espião e dá ordens para vigiar a casa de Dona Inês a partir do dia seguinte.

PROF. MONIR: Ele só não sabe que a Dona Inês sumiu junto com a filha e com o Renzo, que foram embora.

O Conde Atílio, ao saber da história, responsabiliza Frei Cristóvão e promete buscar em Milão, junto a seu tio, um político importante, ajuda para perseguir o monge.

No dia seguinte, Rodrigo dá-se conta de que Renzo, Lúcia e Inês haviam fugido. Com pouco esforço de pesquisa descobre que as mulheres estavam num convento em Monza e que Renzo estaria em Milão. Manda Griso em nova missão para estudar as condições para o rapto de Lúcia em Monza.

Voltando um pouco na trama, Renzo havia chegado a Milão no dia 11 de novembro com uma carta de Frei Cristóvão para Padre Boaventura, do convento da Porta Oriental.

PROF. MONIR: Onze de novembro não é o dia em que a moça tinha que estar lá com o Rodrigo, na pior das hipóteses?

No caminho do mosteiro, encontra vários sinais de fartura, como farinha deitada ao chão, pãezinhos de trigo jogados sobre arbustos e camponeses carregando sacos de trigo nas costas. Julga que há muita fartura em Milão e que inventam que há carestia em toda a parte. Quando reflete melhor, conclui que se trata, na verdade, de um saque. Enquanto espera ser atendido pelo padre no convento, percebe tumulto na praça e vai verificar.

Capítulo XII

> *Estava-se no segundo ano de colheita escassa. No ano anterior, as reservas acumuladas mal supriam as deficiências; a população chegara, senão*

esfomeada, pelo menos desprovida de tudo à colheita de 1628, ano em que se passa a nossa história. (pág. 92)

Frente à escassez generalizada, agravada pela guerra de sucessão mantuana, o grão-chanceler Antonio Ferrer, na ausência do governador Gonzalo Fernandez de Córdoba, havia fixado por decreto o preço do pão muito abaixo do custo do trigo. O povo rejubilou-se, mas os padeiros haviam pressionado as autoridades para a reparação da injustiça. Naquele dia em que Renzo chegara a Milão[18],

PROF. MONIR: O grande motim de Milão de fato aconteceu. Todos os fatos externos são reais, porque o romance é histórico. Nesse dia então, ficcionalmente, depois de ter deixado a noiva (e a futura sogra) com a Monja de Monza, ele vai para Milão. Separam-se os dois e ele vai tentar ir ao mosteiro que lhe daria guarida, a pedido do Frei Cristovão. O frei por sua vez começará a ser perseguido direto de Milão, porque afinal é tido pelo Rodrigo como sendo o autor intelectual da fuga das mulheres, o que de fato foi. Não é? Vejam toda a complicação, só pra poder casar.

o povo revoltado havia saqueado as padarias, apesar da intervenção da polícia. Aos poucos, a revolta se voltava para o vigário do abastecimento[19].

---

18 Nota do resumidor – Onze de novembro, dia de São Martinho, dia do grande motim da carestia do trigo e do limite para Lúcia estar no castelo de Rodrigo. O Conde Atílio ganha a aposta.

19 Nota do resumidor – Vigário do abastecimento era um nobre escolhido todos os anos pelo governador, entre seis fidalgos propostos pelos Conselhos dos Decuriões, para garantir a oferta de alimentos.

PROF. MONIR: Tudo isso é histórico. A palavra vigário não deve nos assustar, a gente fala de vigário de um modo geral para o padre que é titular da paróquia, mas vigário (*vicarius*) significa "aquele que está no lugar de", aquele que é o representante. Portanto qualquer pessoa pode ser vigário no sentido amplo da palavra, mas na prática a gente só usa pra fins religiosos, então parece estranho falar em vigário... a gente pensa em padre, mas aqui não é padre não.

Aluno: [*Pergunta de onde viria a palavra "vigarista", com conotação negativa.*]

PROF. MONIR: Pois é, boa pergunta ein? Vigário/vigarista... Porque é que o vigarista ficou negativo, né? Não sei. Boa pergunta. A primeira coisa que eu vou fazer quando eu chegar em casa é procurar[20].

Capítulo XIII

Na frente da casa do vigário do abastecimento o motim crescia e a turba bradava por linchamento. Renzo *"mal poderia dizer se observava ou condenava a pilhagem. Mas a idéia de homicídio causara-lhe um horror inconfundível e imediato".* Chega a polícia em contingente inferior ao necessário.

20 Nota da revisora de transcrição – "Vigarista" vem da expressão "conto do vigário", usada em Portugal e no Brasil, e que se refere a uma história elaborada com o objetivo de burlar alguém. São várias as versões da origem do termo, mas em todas o tema principal é um golpe de esperteza e um vigário (um padre). Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Conto_do_vig%C3%A1rio Acesso em 12.out.2017.

PROF. MONIR: Tá todo mundo querendo matar o tal do vigário do abastecimento, dizendo que é ele o responsável pela falta de trigo.

"Um velho de aspecto diabólico ... pretendia pendurar o vigário morto aos batentes do portão". Renzo intervém e é imediatamente acusado de ser espião do fidalgo. Cresce a hostilidade contra o fiandeiro, mas a turba se distrai pela chegada de uma escada com a qual se pretendia escalar o muro da casa.

PROF. MONIR: Invadi-la pra linchar o homem, né?

Quando tudo parecia perdido, chega Antônio Ferrer, o dignitário espanhol que havia reduzido o preço do pão. Passa pela multidão que o apulpa, entra na casa e resgata o vigário, "*lívido e mole como um trapo*", dando ao povo a desculpa de que o estava levando preso. Na carruagem, o homem, lívido, diz a Ferrer que iria viver "*numa gruta, no cimo de um monte, como um eremita, longe desta gente bestial*".

PROF. MONIR: "Bestial" é uma expressão dúbia porque em Portugal significa o contrário do que significa aqui. Em Portugal, quando alguém é meio polêmico, eles dizem assim: "Não se sabe se é uma besta, ou bestial". "Uma besta" é um sujeito errado, e "bestial" é um sujeito genial. "Bestial" também tem um sentido positivo quando você lê da perspectiva lusitana. Aqui é bestial no sentido de "selvagem". Está lá o sujeito saindo trêmulo – quase foi linchado –, com aquela gente selvagem cercando a casa dele. Tudo isso o Renzo está vendo na hora em que chega em Milão, no dia daquele grande motim que houve por causa do preço do pão. Não tinha pão, aí o preço subiu. Aí, como subiu, o governo baixou um decreto dizendo que tinha que vender

pão barato, tipo Plano Cruzado, pra quem se lembra desse negócio ainda... aí foram lá os padeiros reclamar, porque compravam caro e tinham que vender barato. Daí mandou subir o preço, e está a confusão montada, motivada pelo governo estar interferindo no assunto, né? Se não tem pão, o que é que vai fazer? Não adianta manipular o preço.

Aluna: E Renzo entrou nessa confusão de curioso?

PROF. MONIR: Ele deixou a noiva com a Monja e agora está lá em Milão olhando aquela bagunça toda, muito assustado com aquilo tudo. Tentando entender o que fazer com aquela situação.

Aluna: Ele estava com o bilhete pra entregar.

PROF. MONIR: É, ele foi para Milão pra poder se hospedar lá no convento, mas chega lá e encontra aquela confusão. Os planos todos mudam.

Capítulo XIV

Dispersada a multidão e controlado o tumulto, Renzo retoma o caminho do mosteiro, mas ao encontrar na estrada um pequeno grupo que comentava os acontecimentos, discursa dramaticamente denunciando conluio entre governantes e fidalgos. Propõe irem todos no dia seguinte procurar Ferrer, que lhe havia causado boa impressão, e mostrar àquele homem "*como correm as coisas*". Os presentes de modo geral concordam, apesar das poucas vozes discordantes: *"Sim, agora qualquer maltrapilho mete-se a orador"*.

PROF. MONIR: É, acho que não foi uma boa ideia ele se meter politicamente naquilo. Resolve fazer um discurso na praça pública, tomar providências etc. Aqui as coisas parecem que vão ficar ruins para o nosso amigo Renzo. Reparem como tudo vai ficar complicado.

Um dos circunstantes, um espadeiro, acompanha Renzo até uma estalagem, onde o vendeiro quer por força que ele preencha uma ficha de hóspede, obedecendo edito recente.

PROF. MONIR: Uma ordem da polícia, uma orientação.

Renzo nega-se com argumentos de alta oratória. Os presentes o apoiam com estardalhaço. O fiandeiro come, bebe e discursa sobre medidas ideais para nunca deixar de faltar o pão "*necessário para todos os de casa*". Renzo continua bebendo e aprofundando os acessos de loquacidade, concentrando a atenção dos hóspedes.

PROF. MONIR: Então, numa bagunça daquelas, tem um sujeito desconhecido (que já tinha bebido todas) fazendo uns discursos políticos numa estalagem... será que isso vai acabar bem?

ALUNOS: Não...

Capítulo XV

Embriagado, Renzo é posto na cama pelo hospedeiro que, logo em seguida, vai ao palácio da Justiça denunciar o hóspede. Para a sua surpresa, lá já se tinha

conhecimento do tal arruaceiro que andava a prometer motins "*para o dia seguinte*".

PROF. MONIR: O que era mentira, porque ele não ia fazer motim nenhum. Ele queria ir lá falar com o Ferrer. Mas o povo já tinha trocado tudo, tinha distorcido e o Renzo estava passando por agitador político.

Na manhã do dia seguinte, bem cedo, a polícia aparece na hospedaria para prender Renzo, que entre a ressaca, a sonolência e o espanto considerava *"o que acontecera nessa noite, para que a polícia se atrevesse a deitar mão em quem, horas antes, se tornara tão popular?"*

PROF. MONIR: Ele pensa, né? Que ele ficou popular. Ele pensa que fez sucesso.

Lorenzo é levado preso por um notário[21] com doces palavras venenosas e por dois esbirros.

PROF. MONIR: "*Esbirros*" são policiais.

O fiandeiro, pressentindo o pior, na saída da hospedaria açula os populares contra a escolta dizendo: *"Prenderam-me porque ontem gritei 'Pão e Justiça'... Não me abandonem, amigos!"* Crescentemente pressionados pelo povo que os cerca, os policiais deixam Renzo fugir e desaparecem por entre a aglomeração.

---

21 Nota do resumidor – Notário é uma espécie de oficial de justiça.

Renzo planeja fugir para Bérgamo, onde morava seu primo Bartolo Castagneri que já o havia convidado muitas vezes a trabalhar numa fiação com ele, porque em Milão já estaria "marcado", tendo feito a imprudência de dizer o seu nome a Ambrósio, o espadeiro que o havia conduzido à hospedaria. Renzo, desavisado, sai de Milão na direção oposta à de Bérgamo e vai parar no povoado de Gorgonzola.

PROF. MONIR: Que ficou famosíssimo porque nesse lugar tem um queijo chamado gorgonzola. Todo o mundo conhece aqui, é um queijo comum na cozinha brasileira.

Numa hospedaria local, Renzo descansa e busca informações para seguir viagem. Enquanto come, ouve, à pequena distância, um comerciante recém-chegado de Milão relatando os horrores da sedição e como as coisas lá haviam piorado muito, com "marotos" gritando e atraindo gente para saquear a casa do vigário do aprovisionamento, mas haviam encontrado forte barricada com "*espanhóis de espingardas apontadas*". Batendo em retirada, a turba havia saqueado outra padaria. O distúrbio só diminuíra com a notícia de que o preço do pão havia baixado. Renzo fica sabendo também que à noite muitas prisões haviam sido feitas e que os "cabeças" da rebelião, uns forasteiros, iriam ser enforcados.

PROF. MONIR: Que é o caso dele, né? Parece ser uma boa notícia essa?

O relatório continua com a notícia de que um "tipo" fora preso numa hospedaria:

PROF. MONIR: Quem será que é o tipo que fora preso? Ele mesmo. Tá ali ouvindo, petrificado, aquela conversa em que agora ele, de discursador de rua, passou a ser um perigosíssimo agente político que estava sendo perseguido e com promessas de ser morto assim que fosse encontrado. Tudo isso por quê? Porque ele queria casar com a Lúcia. As coisas não tão dando certo... Vamos lá.

> *– Esse viera não se sabe donde nem a mandado de quem. Mas era, sem dúvida, um dos chefes. Já ontem, na arruaça, fez o diabo; não se contentando com isso, pôs-se a pregar que se exterminassem os fidalgos. Velhaco! De que viveriam os pobres, se não houvesse gente rica? A polícia deitou-lhe as garras, para o engaiolar. Achou-lhe no bolso um maço de cartas. Mas qual! Os da súcia rondavam por lá e livraram o bandido. (pág. 125)*

O "tipo" havia fugido ou se escondido em Milão e as cartas que haviam sido achadas com ele haviam, segundo aquele relato, desvendado *"toda a cabala"*.

PROF. MONIR: Pronto! Era um conspirador perigosíssimo, as cartas mostravam sua ligação com entidades estrangeiras, o que fosse, e agora ele está ouvindo falarem isso dele. Está ouvindo a poucos metros, ali naquele restaurante, no caminho para Bérgamo, pra onde ele foge desesperadamente, em carreira desabalada.

Renzo ouve tudo isso chumbado à cadeira, com medo de que concluíssem que o tal "tipo" era ele. Quando o assunto mudou, pagou discretamente a conta e "*enveredou pela estrada oposta à que o trouxera até ali*", na direção do rio Adda, que separava o Ducado de Milão da República de Veneza, território onde ficava Bérgamo.

PROF. MONIR: E então, as coisas estão dando certo pro Renzo e Lúcia? O que é que vocês acham?

Aluna: Tá ruim.

PROF. MONIR: Mas será que tudo isso está desse jeito porque eles queriam alguma coisa muito audaciosa, a sua ambição era muito desmedida? Não. Dá pra imaginar ambição menor que essa? Não dá. É uma ambição absolutamente natural, modesta e humilde que pessoas comuns têm. Queriam casar um com o outro. Nem tinham fortuna pra herdar um do outro... Esses dois aí primeiro arrumam essa encrenca com o tal do Rodrigo. Depois são quase sequestrados, depois a moça acaba lá nas garras da Monja de Monza, e agora o Renzo sai corrido lá de Milão... Na verdade sabem o nome dele porque ele disse: "Eu sou o Lorenzo!" Quer dizer, fez todas as bravatas possíveis para se comprometer o resto da vida com aquilo. De modo que agora ele é um proscrito, é alguém que provavelmente vai ser perseguido pela justiça. A noiva, coitada, está lá nas garras da Monja de Monza e o Rodrigo ainda continua com vontade de se vingar deles. Embora tenha perdido a aposta, continua com vontade de se vingar. Será possível que possa acontecer alguma coisa pior do que isso pra esse pobre casal? Certamente pode. E vamos saber só depois do nosso intervalo.

****

INTERVALO

****

PROF. MONIR: Nós estamos aqui fazendo a leitura do resumo de *Os Noivos*. O resumo apresentado aqui de modo nenhum tenta substituir o livro original. Portanto, é necessário que vocês leiam o livro. Cuidado só porque aqui há duas versões (como eu contei pra vocês). A primeira tem o final um pouco diferente da segunda. E a segunda é essa, que é de 1842. Essa é a versão, digamos, oficial da obra. Foi a última que o Manzoni autorizou.

O livro tem uma acessibilidade mediana, eu diria. Não é um livro fácil de comprar, mas é um livro muito interessante, muito bem escrito. E a tradução dessa Marina Guaspari é primorosa, muito boa, de primeira qualidade, e é a tradução que é usada aqui no nosso encontro.

Então o que nós temos aí é uma história muito simples, trata-se de dois jovens no Ducado de Milão que têm uma meta na vida muito simples, muito despretensiosa, que é casar um com o outro. Eles já descobriram que amam um ao outro, estão certos da sua escolha. Não têm impedimentos familiares, no entanto, esse desejo de se casar está transformando a vida dos dois num inferno. Quando nós paramos aqui pra tomar café, o Renzo estava fugindo da polícia e a Lúcia estava num convento suspeitíssimo. Os três saíram da sua terra (Inês, a mãe de Lúcia, também não está mais lá), de modo que a vida dessas três pessoas foi completamente desmontada por causa de restrições e obstáculos que estão aparecendo a esse plano de se casar, que parece muito simples. E aí nós continuamos a leitura, se é que vocês não têm nenhuma dúvida até agora. Vamos lá.

Capítulo XVII

Noite escura, Renzo vai pela estrada real resmungando indignado por ser tão caluniado: *"Eu preguei que matassem os ricos? Um maço de cartas, eu?"* Teme ser pego, confundido com um ladrão: *"Ninguém se lembra de que um homem de bem pode ser obrigado a andar na estrada a estas horas".*

Chega às margens do rio e vê do outro lado uma nódoa esbranquiçada que julga ser Bérgamo. Para esperar a alvorada, Renzo refugia-se numa casinhola abandonada numa cama *"que a Providência lhe preparara".*

PROF. MONIR: E aqui eu só queria lembrá-los de que este é um momento muito importante no conteúdo da obra: a ideia da Providência – uma ideia central, um elemento estruturante no texto – apareceu aqui pela primeira vez.

e medita:

> *Mal fechou os olhos, uma verdadeira multidão de imagens aflui-lhe à mente, afugentando o sono. O negociante, o notário, os beleguins, o espadeiro, o taberneiro, Ferrer, o vigário, os vadios da estalagem, os viajantes da estrada, Dom Abbondio e Dom Rodrigo dançavam-lhe no cérebro, exasperando-lhe a amargura. (pág. 129)*
>
> *(...)*
>
> *– Que noite, pobre Renzo! E que leito nupcial!*
>
> *– Seja o que Deus quiser – disse ele, como resposta aos pensamentos que mais o torturavam. – À vontade de Deus! Ele sabe o que faz, e existe para*

nós também. Seja tudo em desconto dos meus pecados. Lúcia é tão boa! O Senhor não permitirá que ela padeça muito tempo. (pág. 130)

Com a ajuda de um barqueiro, Renzo atravessa o rio na manhã seguinte e chega em território bergamasco. Contempla a margem oposta, amaldiçoa aquela terra e dá adeus à pátria. Arrepende-se automaticamente ao lembrar-se do que lá deixara. Caminhando na direção da cidade, a cada momento "*cruzava com indigentes que mostravam a miséria mais no rosto do que no vestuário. Não eram os mendigos habituais e sim camponeses, montanheses, artesãos, famílias inteiras a esmolar*". Renzo sonha em trabalhar como fiandeiro com o primo Bartolo e mandar vir as mulheres.

PROF. MONIR: A noiva e a sogra.

O primo, contramestre de uma fiação, recebe-o com surpresa. Explica-lhe como as coisas andam difíceis, mas acolhe-o e o encaminha para conhecer o patrão que "*preza os operários, porque a crise passa e o negócio fica*". Renzo consegue um emprego. (Havia grande interesse da República de Veneza por fiandeiros de Milão.)

PROF. MONIR: Reparem que quando o Renzo atravessa o rio ele muda de pátria, porque a República de Veneza é outro país, diferente do Ducado de Milão. Entenderam o que era a Itália antes da unificação? Não é a mesma nação, são países diferentes. A República de Veneza tem outro governo, outro sistema jurídico etc. Renzo então sonha em poder chamar a mulher e a sogra pra começar a vida assim que puder. Como os fiandeiros de Milão são os melhores da Itália, porque a indústria da seda na Itália fica em Milão, Renzo se colocou facilmente.

Aqui em Nova Esperança, entre Paranavaí e Maringá, você tem a maior produção brasileira de casulos de bicho-da-seda. Mais ou menos oitenta e cinco por cento da produção de casulo do bicho-da-seda no Brasil é produzido aqui, um fio de altíssima qualidade... Dez safras por ano, mais ou menos. E esse fio que é produzido aqui em Nova Esperança é fiado na Itália, no Japão, e será possivelmente transformado lá na frente em um lenço de seda Hermès pelo qual você paga três mil dólares em Paris. Mas a indústria de tecelagem de seda italiana sempre foi em Milão.

E aí então temos uma situação em que o Renzo parece que vai conseguir consertar um pouquinho a vida, está trabalhando. E agora o problema parece ser só o de chamar as mulheres. Esperar que ele ganhe algum dinheiro pra chamar as mulheres e começar a vida fora da pátria, já que por causa da perseguição àquele casamento, Renzo e Lúcia tiveram que se expatriar. O que parece uma coisa absurda, porque afinal de contas, eles só queriam fazer o quê? Casar.

Capítulo XVIII

No dia 13 de novembro, o senhor corregedor de Lecco recebe despacho da polícia milanesa indagando se Lorenzo Tramaglino, "rebelde à autoridade policial", havia voltado "*ao seu primitivo domicílio*". A casa de Renzo é arrombada. O nome Tramaglino progressivamente "*convertia-se em desgraça, em opróbrio, em crime*". Na aldeia, no entanto, a maioria persuadiu-se de que se tratava de outro ardil do Senhor Rodrigo.

PROF. MONIR: Na própria cidade ninguém levou aquilo muito a sério, porque conheciam a figura do Rodrigo. No entanto a situação civil do Lorenzo

Tramaglino é muito ruim, porque agora ele é réu. Está sendo perseguido como malfeitor. Saiu caro essa história toda do casamento.

O fidalgo, por sua vez, alegrou-se em saber ser o seu rival perseguido, apesar de o capanga Griso ter trazido notícias pessimistas de Monza: Lúcia vivia asilada no mosteiro, sob a proteção da tal "senhora". Além disso, o Conde Atílio maquinava em Milão a perseguição do único aliado das fugitivas, o Frei Cristóvão. Rodrigo julgava-se mais do que nunca no direito de reaver a moça, que agora era, afinal de contas, *"um bem de rebelde"*.

PROF. MONIR: Que não tem direito a ter nada, muito menos a moça. Nesse momento ele já perdeu a aposta, ele quer apenas desforrar-se do Renzo.

Circula finalmente pelo povoado a notícia de que Frei Cristóvão, por ordem do padre provincial, deixaria o convento de Pescarenico e iria transferido para Rimini. Com esta notícia, vem a do regresso inesperado de Dona Inês que, com Lúcia, recebera no convento, pelo capuchinho, as notícias das desventuras de Renzo em Milão e da fuga para a segurança de Bérgamo.

PROF. MONIR: A Dona Inês, sozinha, sai do convento e volta pra Lecco.

Chegando em Lecco, Dona Inês se desespera ao saber da transferência do frade.

PROF. MONIR: Não têm mais amigos agora.

Capítulo XIX

Neste capítulo, o narrador nos conta como o tio do Conde Atílio, “envenenado” pelo sobrinho, havia convencido o padre provincial dos capuchinhos a remover o Frei Cristóvão de Lecco, acusando-o sutilmente de proteger o *“organizador das arruaças de Milão”.*

PROF. MONIR: Como eu contei pra vocês, né? O capuchinho não está submetido ao bispo, está submetido ao provincial. Há uma espécie de autoridade intraordem. O bispo não tem ação política sobre ele, porque as ordens são autônomas dentro do contexto católico.

Como o superior resistia em punir o religioso, sem provas, o fidalgo expôs a conveniência de uma transferência discreta ante uma guerra aberta entre os capuchinhos e sua família (“*somos uma família numerosa... que tem sangue nas veias*”). E foi assim que o bom frade acabara exilado em Rimini.

Enquanto isso, o Senhor Rodrigo, “*decidido a levar a termo sua empresa execrável*”, e impossibilitado de vencer sozinho os muros de Monza, decidira solicitar o concurso de uma personagem poderosa, denominado pelo narrador apenas como o “Inominado” [22].

PROF. MONIR: Pois é. Esse *l'Innominato* (O Inominado), “aquele que não é nominado”, teria sido também uma personagem histórica. Tratava-se de uma espécie de Marquês de Sade italiano, um sujeito que tinha um castelo e grande poder político, um malfeitor que tinha uma vida sexual absoluta-

22 Nota do resumidor - Comentaristas posteriores relacionam o Inominado com uma personagem histórica, Bernardino Visconti, libertino que se converteu.

mente libertina, nos padrões do Marquês de Sade. Vivia de orgias e de bacanais, etc. E é a esse sujeito a quem o Rodrigo vai pedir ajuda para sequestrar, ou melhor, raptar, Lúcia. Vai pedir ajuda a esse homem, que teria de fato existido. Vamos ver o que acontece então.

Segundo relatos, tratava-se de um libertino, grande senhor da cidade, que se exilara na fronteira, numa propriedade rural, "*impondo-se à força de crimes*", desdenhando "*juízes, magistrados e soberanos... Todos os tiranetes do vizindário se tinham visto forçados a optar pela amizade ou pela inimizade deste tirano invulgar*".

Rodrigo, que julgava perigoso ter inimizade com aquele homem, cobre a cavalo as sete milhas que medeavam entre seus castelos e vai pedir-lhe ajuda.

PROF. MONIR: Dá uns doze quilômetros, mais ou menos.

Capítulo XX

Rodrigo chega ao castelo do Inominado, isolado na fronteira e tão protegido que ali nunca se havia visto esbirro nenhum, nem vivo nem morto.

PROF. MONIR: A polícia nunca havia entrado lá, pra vocês terem uma ideia.

O castelão, "*alto e moreno*", com sessenta anos, ouve o fidalgo que "*vinha pedir conselho e auxílio. Encontrava-se numa situação difícil que lhe afetava a honra. Lembrara-se então de que soara talvez o momento azado para a retribuição prometida*". O Inominado, que desgostava especialmente de Frei Cristóvão, consente no pedido e despede o fidalgo dizendo: "*Em breve sereis avisado do que tendes a fazer*".

PROF. MONIR: Ou seja, esse Inominado, como um chefe mafioso (não é uma coisa de máfia isso de você pedir lá pro chefão uma proteção?) promete ao Rodrigo que irá raptar para ele a moça contra favores, não é? Ou seja, uma atitude tipicamente de máfia.

Depois que o fidalgo sai, o Inominado que tinha, às vezes, "*a sensação de uma solidão aterradora*", reflete na sua vida de crimes e na morte:

> *A morte, que o apavorava, aparecia sozinha, nascia no íntimo. Talvez ainda estivesse longe; mas de minuto a minuto avançava um passo. Enquanto o espírito lutava com afã, para banir o espectro, este aproximava-se inexoravelmente. (pág. 147)*
>
> *(...)*
>
> *Logo, porém, que o amigo se retirou, o 'Inominado' sentiu desvanecer-se a firmeza que o sustivera; crescia nele a tentação a faltar à palavra.*

PROF. MONIR: A tentação e faltar à palavra ao Rodrigo. O que o autor está nos dizendo é que o Inominado começa a ter dúvidas sobre se está certa a sua carreira de malfeitorias. Se isso está certo ou não. Começa o Inominado, portanto, a duvidar um pouquinho da sua própria vida.

> *Cumpria por termo a essa luta penosa. O castelão chamou o "Milhafre", um dos ministros mais destros e audazes das suas iniqüidades, o mensageiro que ele empregava para se comunicar com Egídio, e enviou-o a Monza, a fim de requisitar do seu perverso parceiro o auxílio preciso. (pág. 148)*

PROF. MONIR: Lembram do Egídio, que era um sujeito libertino que tava preso num convento? E que era amigo da Monja? Esse Inominado tem lá

um contato dentro do convento que é o Egídio, um outro libertino, outro pervertido.

Desta vez o rapto, com a ajuda da atormentada Gertrudes, chantageada pelo celerado Egídio, funcionaria. Mandada pela "senhora" de Monza ao convento dos capuchos, sozinha, convocar certo monge, Lúcia (que nunca mais pusera os pés na rua) foi agarrada no caminho pelo sicário "Milhafre" que a amordaçou e a levou numa carruagem para o Inominado, embrenhando-se no bosque a galope. A moça desmaia no caminho.

PROF. MONIR: Então. A situação da Lúcia não podia ficar pior, porque agora ela não tem mais a Monja de Monza, mas ela tem o Inominado, que é o Marquês de Sade em pessoa. Não parece que tá piorando a situação da Lúcia? Viu como dá pra piorar a vida da moça? Muito bem, vamos lá.

Capítulo XXI

Os sicários do Inominado estão compadecidos de Lúcia. O libertino, atormentado por culpas, resolve que não a quer em casa e a entrega aos cuidados de uma velha criada. Ameaça mandar chamar Rodrigo imediatamente, mas recua: *"Algum demônio a protege... Um demônio ou um anjo".* Mais tarde, o Inominado encontra Lúcia encolhida num canto no quarto da velha criada. Ele quer saber se ela estava sendo bem tratada. A moça implora misericórdia e pede, pelo amor de Deus, para ser libertada.

Deixada a sós com a criada, Lúcia tenta, mas não obtém dela informações sobre aquele senhor. Enquanto sua carcereira dorme, Lúcia pede ajuda a Nossa Senhora, prometendo-lhe renunciar a seu Renzo e dedicar a ela sua virgindade.

PROF. MONIR: Quer dizer, ela não sabe quem é aquela pessoa que a raptou, mas faz um negócio com Nossa Senhora dizendo o seguinte: "Se eu sair dessa, não me caso com ninguém mais, vou ficar virgem e dedicarei a minha virgindade a Jesus, portanto renunciarei ao casamento".

O Inominado, por sua vez, atormentado e sem poder dormir, decide libertar a prisioneira. Afinal de contas, só tinha concordado com o plano porque "*obedecera a sentimentos antigos, usuais; mas não vacilara em praticar mais uma de suas inúmeras ações celeradas que ora lhe acudiam à lembrança, como outras tantas monstruosidades*". Pensa em matar-se, mas se lembra do júbilo de seus inimigos e abaixa a pistola. Além disso, medita:

> *– Se essa outra vida, de que me falavam em pequeno, de que ainda me falam como de coisa certa, fosse pura invenção dos padres, porque haveria eu de morrer? Que importa o que fiz? Que loucura a minha!!! E, se essa vida existir!... (pág. 157)*

Pela manhã, o libertino arrependido é acordado por repique dos sinos e por uma procissão que cruzava as suas terras.

PROF. MONIR: Portanto esse libertino aí, esse Inominado, está no momento prévio da sua própria conversão. Ele de alguma maneira é influenciado pela presença da moça, porque ela, de certo modo, representa o oposto dele. Enquanto ele representa, digamos assim, um arquétipo de perversidade, ela representa um arquétipo de inocência. E ele então, ao se defrontar com isso, acontece como está lá na Odisseia – eu tenho dito pra vocês sempre que todos os esquemas literários ocidentais estão na Ilíada e na Odisseia.

Nós já lemos a Odisseia aqui no nosso grupo – vocês lembrarão que o Ulisses faz finalmente a sua redenção quando, naufragado, chega nu (chegar nu, é de certo modo, uma situação simbolicamente necessária) na praia e se defronta com a Nausícaa... O Ulisses é um homem de quarenta e cinco anos, e encontra uma mocinha de quinze, chamada Nausícaa, que é filha do rei dos Feácios, e que é, digamos, o modelo de virgindade e pureza humana. A hora em que Ulisses se dá conta da diferença que há entre ele e aquela menina, então ele finalmente compreende a sua vida, e por aquela compreensão pelo contraste, ele consegue então tornar-se um sujeito humilde. Ela o ajuda a se vestir, depois o leva para o palácio do seu pai e ao chegar ao palácio, o grande, vaidoso, soberbo Ulisses deita em cima das cinzas do lado da lareira, humilha-se perante aquele povo que o recebeu e finalmente compreende seu verdadeiro papel no cosmos. Ou seja, foi preciso passar por aquela experiência de contraste com a Nausícaa para que o velho pervertido Ulisses, o velho vigarista, trapaceiro, espertalhão, pudesse ter redescoberto a pureza humana.

E aqui, de certa maneira, acontece a mesma coisa. A Lúcia representa o modelo humano de pureza, com o qual fica contrastado então o modelo humano de perversidade do Inominado. Alguma coisa tem que acontecer aí: ou um choque destrutivo de um dos dois, ou um choque construtivo de alguma coisa. O que está acontecendo é que o Inominado está querendo deixar de ser libertino.

Capítulo XXII

A procissão era em homenagem a Dom Frederico Borromeo [23],

PROF. MONIR: Em frente à Biblioteca Ambrosiana em Milão tem uma estátua do Frederico Borromeo e no pedestal da estátua está gravada uma porção de extratos do livro *Os Noivos* que nós estamos lendo aqui: quando o Borromeo é comentado no livro, as suas qualificações. E está lá pra quem quiser ver, em frente à Biblioteca Ambrosiana.

arcebispo de Milão, que estava numa aldeia próxima, para onde a procissão se dirigia. No quarto da criada, Lúcia continuava enrodilhada, imóvel, aterrorizada no mesmo canto.

PROF. MONIR: Coitada da menina, né? Já imaginou, num canto da sala... você sabe aquele cachorrinho que está com medo dos donos, do vizinho? É a coitada da Lúcia, não sabendo o que vai acontecer com ela... tudo isso só porque ela queria casar. Não é uma quantidade incrível de desgraça? Ela não tem mais a mãe dela, está sozinha na casa de um sujeito que é um pervertido, lá no canto, tentando se salvar com Nossa Senhora, não é? Muito bem, vamos lá.

---

23 Nota do resumidor – Frederico (Fedrico) Borromeo (1564-1631), Cardeal e Arcebispo de Milão, filho da aristocracia milanesa, foi uma personagem de extraordinária importância. O prelado fundou a Biblioteca Ambrosiana, a qual anexou um colégio de doutores para o estudo de teologia, de história, das letras, das antiguidades eclesiásticas e das línguas orientais.

O Inominado sai a pé para procurar o Cardeal que, conforme o narrador nos informa, *"foi um dos raros homens de seu tempo que dedicaram um talento notável, todos os recursos da opulência e as vantagens de uma posição privilegiada à contínua prática do bem"* [24].

Capítulo XXIII

Apesar da resistência dos padres que não querem deixar o Inominado aproximar-se do cardeal *("o homem é um empreiteiro de crimes, um desesperado sempre em contato com os desesperados mais furiosos...")*, Borromeo insiste em recebê-lo e manda-o entrar imediatamente *("E não é felicidade, para um bispo, que semelhante homem se lembre de o visitar?")*.

PROF. MONIR: Olha só que beleza, né? Não querem deixar que o pervertido fale com o cardeal, mas ele diz: "Mas é justamente com esse sujeito que eu tenho que falar". Lembrando sempre vocês que a essência do cristianismo é que é uma religião feita para pecadores, não é uma religião feita para santos. Porque se fosse o caso, se fosse pra santos, o Borromeo só falaria com São Francisco de Assis. Mas o problema do cristianismo é que ele é feito justamente para as pessoas que não são santas, logo não teria nada mais interessante, mais oportuno para o Cardeal Borromeo do que conversar com o pior de todos, o mais pervertido de todos os habitantes daquela cidadezinha.

As indicações são de que isso tudo foi assim mesmo. Essa é pelo menos a versão que corre como tendo verdade histórica, ou seja, o Cardeal Borromeo de fato teria sido o conversor do Inominado, que de fato existiu.

24 Nota do resumidor – Estas palavras de Manzoni estão gravadas no pedestal da estátua do cardeal em frente à Biblioteca Ambrosiana.

Ao defrontar-se com o libertino, o Cardeal humildemente se desculpa de não ter ainda ido visitar "*um dos (seus) filhos amados que mais desejava abraçar*" e estende a mão para o libertino que recua com vergonha, mas acaba aceitando o gesto de reconciliação com a cristandade.

> *De súbito, o 'inominado' desvencilhou-se; cobriu os olhos com a mão e, erguendo o rosto para o alto, exclamou:*
> *– Deus grande, Deus bom, percebo enfim quem sou! Vejo as minhas iniqüidades. Tenho horror de mim mesmo. Contudo... sinto um refrigério, uma alegria! Sim; uma alegria que nunca experimentei, na minha existência horrível. (pág. 164)*

O Cardeal manda chamar o cura da aldeia de Lúcia e o Padre Abbondio aparece, "*com evidente má vontade e um ar de surpresa e desagrado*".

PROF. MONIR: Tava desaparecido até então, né? Achando que tinha se salvado. Agora imagina que foi colocado de novo na encrenca.

Recebe a notícia de que Lúcia Mondella havia sido reencontrada e que ele deveria seguir com o castelão para buscá-la, acompanhados da mulher do alfaiate. Quando alguém propõe ir chamar Dona Inês, Abbondio espertamente se candidata (para evitar a excursão com aquele homem), mas o cardeal não concorda.

PROF. MONIR: Então agora o Padre Abbondio tem que ir até o castelo do Inominado, andando com ele assim pela rua. É a última coisa que ele queria na vida.

Na praça já se espalhara a notícia da conversão prodigiosa. Ao ver o Inominado, centenas de vozes murmuraram: *"Deus o abençoe"*. No caminho para o castelo do libertino, o Padre Abbondio pensa no Senhor Rodrigo: "*Poderia subir ao paraíso de carro, e prefere descer ao inferno, coxeando*!" Em seus pensamentos, está inconformado com aquela tarefa: "*Se este virou santarrão, porque não a trouxe de uma vez?"*... *"Sinto muito, mas essa menina veio ao mundo para meu mal*".

A insólita comitiva composta por libertino, padre e mulher do alfaiate chega ao infame castelo.

PROF. MONIR: Imaginem como deve ser sido a cena. Os três andando a pé, indo na direção do castelo de terrores, ao castelo do Marquês de Sade.

Capítulo XXIV

Lúcia assusta-se ao ver o Padre Abbondio e a boa aldeã que o acompanhava. A comitiva, agora aumentada por Lúcia, volta para a aldeia, sob os olhares atônitos dos sicários, já que a notícia da conversão ainda não chegara ao castelo. No caminho, Lúcia descobre, arrepiada, pela mulher do alfaiate quem era aquele "senhor" que a escoltava.

PROF. MONIR: Ainda bem que ela descobriu depois da conversão e não antes, né? Levou uma sorte danada.

Passam pela mente do cura as reflexões mais sombrias e, uma vez tendo deixado Lúcia na casa da aldeã, apanha seu bordão e "*encaminh(a)-se, a passos largos, para sua aldeia.*" Lúcia, após tomar um caldo, relembra aquela noite de angústias e dá-se conta do voto que a condenaria a uma vida de renúncias: "*Ah!, pobre de*

mim! Que fiz eu?" Mãe e filha se reencontram. A mãe confirma que Renzo estaria a salvo em território bergamasco. O cardeal procura Lúcia na casa dos aldeões e Inês aproveita para lhe contar que o cura não havia cumprido suas obrigações eclesiásticas.

PROF. MONIR: Pronto, agora deram para o Cardeal Borromeo a ficha do Dom Abbondio. E agora vocês vão ver só o que vai acontecer.

De volta a seu castelo, o Inominado reúne seus fâmulos e sicários e declara que o Senhor o havia intimado a mudar de vida e que estavam todos livres para escolher entre ficar para praticar o bem ou partir indenizados.

PROF. MONIR: Pronto, já aconteceu um milagre, né? O Inominado não é mais o Marquês de Sade. E isso foi uma obra do conjunto de acontecimentos que nós vamos compreender depois, na análise, que trouxeram a história para um patamar melhor... Agora começou a melhorar um pouquinho a vida de Lúcia. Mas o problema todo é que agora ela não pode mais casar com o Renzo, porque ela já prometeu a sua virgindade. Agora o problema é que ela está impossibilitada de casar de vez.

Capítulo XXV

O Senhor Rodrigo, "*aniquilado por notícia tão extraordinária e tão diferente da que esperava*", trancou-se dois dias no castelo e, com medo do cardeal, no terceiro partiu para Milão, esgueirando-se como fugitivo, bufando e jurando voltar "*para uma desforra memorável*".

O Cardeal, de fato, passaria pela região em seguida, onde os testemunhos que ouviria sobre Renzo não combinariam com os relatos de suas "diabruras" que corriam em Milão.

Na aldeia anterior, onde as mulheres haviam ficado sob a proteção da família do alfaiate, um casal de fidalgos, Dona Praxedes e o Senhor Ferrante, propõe aceitar Lúcia para trabalhos domésticos, a fim de protegê-la. O cardeal concorda com aquela solução, mesmo implicando em nova separação de mãe e filha.

O Arcebispo de Milão cobra de Abbondio a não realização do casamento dos noivos no dia aprazado. Após ouvir as lamentações do cura, o cardeal fuzila:

PROF. MONIR: E agora vocês vão ver uma bronca que o cardeal vai dar no Dom Abbondio. Eu, se recebesse dez por cento dessa bronca, me enfiava embaixo da mesa e não saía nunca mais. Reparem que interessantíssimo:

> *– Quando o senhor se apresentou à Igreja, para assumir este ministério, ela garantiu-lhe porventura a vida? Que seria da Igreja, se a sua linguagem, senhor cura, fosse a de todos os seus confrades? Onde estaria ela, se surgisse no mundo com tais doutrinas?*
> *Cabisbaixo, transido de medo como um pinto nas garras do falcão, Dom Abbondio sentia-se transportado para uma região desconhecida, para uma atmosfera que nunca respirara. Admitiu, pois, com submissão afetada:*
> *– É possível que eu não tenha razão, monsenhor ilustríssimo. Desde que não se deve prezar a vida, nada me resta dizer. Mas a quem lida com o que tem a força e desconhece a razão, não adianta a intrepidez...*
> *– Ignora, acaso, que sofrer esta Justiça é a nossa vitória? Quem exige que o senhor vença a força pela força? Ninguém lhe perguntará, um dia, se soube*

fazer-se respeitar pelos poderosos. Mas terá decerto de responder se empregou os meios ao seu alcance, para agir como foi prescrito, embora tivessem os homens a temeridade de proibi-lo. (págs. 176–177)

Capítulo XXVI

A reprimenda continua, o cardeal acusando o cura de ter preferido obedecer à iniquidade. Abbondio tenta defender-se, mas não encontra argumentos. Sua mente está ocupada com o fato de que *"Dom Rodrigo, são e vivo, havia de voltar, furioso, triunfante e inflexível, para a prometida represália, ao passo que o Cardeal não usava espada ou bacamarte nem tinha às suas ordens um bando de sicários".*

PROF. MONIR: Mas é covarde esse padre, né? Não é possível. Tá ouvindo uma bronca dessas e tá só pensando assim: "Eta, esse cara aí. Depois que ele for embora é que eu vou ter um problema aqui, quando voltar o Dom Rodrigo com o bacamarte pra me matar". Ele não tem a menor capacidade de compreender o que o Borromeo está dizendo pra ele.

Com base naquele temor, o cura resiste, fazendo-se antecipadamente de vítima. O cardeal não lhe dá folga e o responsabiliza diretamente pela situação:

– Agora – prosseguiu Frederico – aí estão eles: um, foragido; a outra, obrigada a viver fora do lar. Agora, infelizmente, já não precisam do senhor e não lhe darão o ensejo de praticar um ato de bondade. Mas quem sabe se Deus misericordioso não lhe oferecerá ocasião para isso? Ah! Não a deixe escapar! Trate de aproveitá-la; rogue ao Senhor para que a faça aparecer. (pág. 180)

O Inominado manda entregar a Dona Inês cem escudos de ouro, uma fortuna. Como a mulher faz planos de buscar Renzo com o dinheiro, Lúcia, desfeita em lágrimas, conta finalmente à mãe seu voto de celibato. Inês ouve estupefata, consternada. Lúcia pede a mãe que conte o fato a Renzo e lhe mande metade do dinheiro. Sobre o rapaz corriam todo o tipo de boatos, entre eles o de que o Senhor Gonzalo Fernandez de Córdoba havia se queixado ao representante de Veneza em Milão de o governo vizinho abrigar em Bérgamo tamanho vilão. *"Não se creia, porém, que o senhor Gonzalo se empenhasse deveras em vingar no pobre fiandeiro montanhês a afronta ao seu rei mouro agrilhoado. O nobre senhor tinha mais em que pensar. Só fortuitamente o fio do destino do nosso humilde campônio se entretece na trama de acontecimentos grandiosos".*

PROF. MONIR: A situação agora tem o seguinte impasse: o Renzo não pode voltar porque será preso. O seu esconderijo na República de Veneza está a perigo porque o Ducado de Milão está fazendo gestões diplomáticas para persegui-lo lá. A moça não pode casar porque fez voto de castidade. Logo, o que tem de bom é que eles têm cem moedas muito valiosas, mas eles não conseguiram ainda que o Rodrigo parasse de persegui-los. Mas será que vai melhorar?

Capítulo XXVII

O narrador, nesta altura, esclarece a razão dos conflitos que abalavam a região. Estavam ligados à sucessão do duque Vicente Gonzaga em Mântua. Sem herdeiros, o Ducado era disputado por várias partes[25] e, no *imbroglio* estava o governo

25 Nota do resumidor – Os pretendentes ao Ducado de Mântua eram basicamente os franceses (Charles de Nevers) e o duque de Savoia, Carlos Emanuel, apoiado pelos Habsburgos do Sacro Império e pelo Ducado de Milão, a quem estava aliado.

de Milão. O Senhor Gonzalo Fernandez de Córdova, evidentemente, *"não tardou a esquecer o ínfimo rebelde"*.

PROF. MONIR: Esse Gonzalo é o governador do Ducado de Milão, lembram? Ele é o representante de Filipe IV lá em Milão.

Em todo caso, Renzo, agora com o nome falso de Antônio Rivolta e morando "*quinze milhas mais longe*", apesar de ser analfabeto e escrevendo por meio de secretário, fez chegar uma carta ao convento de Pescarenico. Como resposta, Inês enviou-lhe por mensageiro de confiança as cinquenta moedas de ouro do Inominado e as razões pelas quais ele deveria resignar-se a renunciar ao casamento projetado. Estupefato e furioso, manda dizer que nunca "*desistiria do que era todo o seu bem"* e que não tocaria o dinheiro.

Lúcia, por sua vez, rezava para que Renzo a esquecesse, mas toda vez que Dona Praxedes, envenenada pelos boatos, o injuriava, ela o defendia. O Senhor Ferrante, que tinha respeitável biblioteca de trezentos volumes, estudava astrologia, lia Aristóteles e havia se embrenhado "*nos domínios da magia, do ocultismo, e consagrara especial atenção à história*". Também gostava de estudar a vida dos homens de estado.

PROF. MONIR: Trezentos volumes numa biblioteca nessa época era muito bom, porque os livros eram muito caros, muito mais caros do que hoje, muito mais difíceis de obter. Logo trezentos volumes não parece muito para uma biblioteca moderna, mas era muito para uma biblioteca da época. Esse Ferrante, na casa de quem então a Lúcia está hospedada, é um homem culto pra época, é mais ou menos isso que nós estamos ouvindo aqui do autor.

Depois da sedição do dia de São Martinho, o pão voltara a Milão, farto e barato. Mas, com as facilidades, o povo começou a estocar trigo com tal sofreguidão que um edito do grão-chanceler proibiu com rigor aquisições superiores ao consumo de dois dias: "*a multidão quisera provocar a abundância, com a pilhagem e o incêndio; o governo pretendia mantê-la, com as galés e a força*". Quando os estoques realmente baixaram, vitimados pela tarifa forçada e irreal, reapareceu a carestia agravada pelas medidas que haviam pretendido atenuá-la. A miséria se generalizara e com ela a disseminação de doenças: doentes foram amontoados no lazareto, sofrendo até mesmo da falta de água pura. À estiagem e forte calor extemporâneo, acrescentava-se a "*depressão moral que roía esse desgraçados*". O número diário de mortos excedia uma centena. Fatos a que "*se dá o título de história*" intervieram: entre as tropas alemãs do exército imperial que passariam pela região para assediar o Monferrato[26] lavrava a peste. O governador Gonzalo Fernandez de Córdova desprezou os avisos e cedeu direito de passagem às tropas imperiais. Vinte e oito mil infantes e sete mil cavaleiros cruzaram durante oito dias o Ducado de Milão saqueando tudo e violentando todos:

PROF. MONIR: E são os amigos, hein? São os aliados!

"desenterravam-se os objetos preciosos, roubava-se o gado, até nas montanhas, e não se poupavam pancadas aos nativos abastados, enquanto estes não apontassem o esconderijo dos seus tesouros."

---

26 Monferrato – Região dominada por Mântua que as forças imperiais do Sacro Império e dos "condottiere" aliados resolvem ocupar.

Capítulo XXIX

A "*turba diabólica*" chega à região de Lecco. O narrador nos conta que "*quem não viu Dom Abbondio no dia em que se divulgou a notícia da chegada iminente dos imperiais, nunca saberá o que é perplexidade e terror*".

ALUNOS: [*risos*]

PROF. MONIR: Ou seja, o Dom Abbondio... se ele já era covarde antes, imaginem o comportamento deste homem frente ao advento de um exército selvagem como esse. Que está só passando pelo país pra atacar o vizinho. Para que vocês tenham o registro disso, o Sacro Império Romano Germânico – que é o império que, depois de Carlos Magno, tenta substituir o Império Romano – persistirá até a gestão de Napoleão como imperador. Será Napoleão Bonaparte, em 1806 (portanto duzentos anos na frente ainda), quem finalmente extinguirá o Sacro Império Romano Germânico, que é esse aqui que faz essa incursão desastrosa pelas terras de Lecco. Sobretudo pelas terras de Dom Abbondio.

O padre implora inutilmente ajuda à gente em fuga. Perpétua, mais realista, enterra o dinheiro e os talheres sob a figueira, prepara um cesto cheio de comestíveis, apanha o breviário e propõe seguir com os retirantes, mas chega Dona Inês que prefere pedir abrigo ao Inominado. De fato, o convertido *"inspecionava pessoalmente os preparativos, dentro e fora do castelo, acolhendo os que chegavam, dando ordens, confortando a todos com sua presença"*.

Os fugitivos passaram quase um mês no castelo do Inominado "*num movimento constante e companhia numerosa*". "*Dom Abbondio*, por sua vez, *vivia em contínuo sobressalto, pronto a acolher os boatos mais apavorantes*...". Quando acabou o trânsito das forças imperiais, os refugiados do castelo regressaram a seus lares para encontrarem a própria calamidade da destruição e do saque. Vários objetos da casa paroquial, segundo Perpétua, teriam sido vistos espalhados por outras casas da aldeia.

PROF. MONIR: Então, o saque não é só por parte das tropas, mas dos vizinhos aos vizinhos. Nesse momento há algo extraordinariamente importante na história... Nós compreendemos o que aconteceu, né? A Lúcia está morando com aquele casal, fazendo os serviços domésticos, e mais ou menos esperando que o Renzo possa voltar, embora ela já tenha mandado dizer pra ele que não tem mais casamento. O Renzo está escondido com nome falso lá em Bérgamo porque está sendo assediado pela justiça já que o governo de Milão está pedindo sua extradição para Milão.

Enquanto isso há esses acontecimentos militares que fazem com que se desmonte todo aquele esquema, e agora acontecerá uma coisa extraordinária que basicamente notabilizou esse livro para sempre, que é o advento da peste. Historicamente houve uma peste trazida pelas tropas que passaram por ali pelo Ducado de Milão, e a descrição dessa peste é uma das coisas mais impressionantes que vocês possam ler, porque é uma descrição minuciosa, foi feita uma pesquisa histórica muito boa, os elementos que foram aí transpostos têm muita legitimação por documentos e, entre os relatos da peste, há um determinado relato que é de uma tristeza sem par... uma das

coisas mais tristes que eu já vi na minha vida, comovente, horrível. Esse relato aqui é melhor do que o do livro *A Peste* de Albert Camus, esse aqui é superior. O mais realista relato dos efeitos de uma peste que alguém já escreveu. E esse novo acontecimento mudará completamente o destino das coisas.

Capítulo XXXI

Na esteira da passagem do exército imperial, começaram a aparecer cadáveres, sem que o tribunal sanitário de Milão tenha tomado providências. No dia 14 de novembro, médicos encarregados da saúde pública expõem ao governador Ambrósio Spinola, sucessor do Senhor Gonzalo, que havia deixado o cargo sob insultos e pedradas, suas preocupações com os cadáveres pela região.

PROF. MONIR: O Gonzalo caiu por causa daquela crise do trigo.

O novo governador, no entanto, apenas lamenta o quadro e, dias depois, em 18 de novembro, apesar do risco das aglomerações, promulga edito ordenando festejos públicos pelo nascimento do infante Carlos, filho del-rei Filipe IV. Em fins de novembro, um soldado italiano a serviço da Espanha traz a peste a Milão. Aos poucos a enfermidade se espalha.

"A peste, que o tribunal sanitário se empenhara em manter à distância, entrara com as hordas imperiais, para invadir e despovoar não só o território milanês, como boa parte da Itália".

Capítulo XXXII

O Cardeal Frederico Borromeo, apesar de temer o contágio coletivo, pressionado pelos fiéis, permite que as relíquias de São Carlos permaneçam expostas durante oito dias no altar-mor do Duomo[27],

PROF. MONIR: Ela não estava completa. Uma das igrejas mais bonitas que se possa conceber na vida. Tem pouca coisa tão bonita quanto aquilo.

trazidas por procissão que partiria ao alvorecer do dia 11 de junho. O ritual acabou não sendo de grande valia:

> *No dia seguinte, porém, quando ainda reinava a confiança – ou melhor uma fé exaltada – na eficácia dessa piedosa romaria, as mortes recrudesceram em tal proporção, que só era possível atribuir esse acréscimo imprevisto à procissão da véspera. A partir desse dia, a fúria do contágio exacerbou-se; dentro em pouco, não havia lar que não fosse atingido e a população do lazareto aumentou de dois mil para doze mil doentes. Em 4 de julho, o número de mortos elevou-se diariamente a mais de quinhentos, subindo mais tarde a mil e duzentos, mil e quinhentos e três mil e quinhentos, se quisermos dar crédito a Alexandre Tadino [28]. (pág. 204)*

Com o recrudescimento da epidemia era preciso "*manter, substituir, aumentar todos os dias o pessoal*": os *"monatti"* [29],

27 Nota do resumidor – Belíssima catedral milanesa que, na época, ainda não tinha a aparência moderna.

28 Nota do resumidor - Alexandre Tadino é um historiador da peste de Milão.

29 Nota do resumidor – Pessoal pago por "mês", do alemão "Monat" (mês).

PROF. MONIR: "*Monat*" é mês em alemão, "*monatti*" é quem recebe por mês.

recrutados no estrangeiro, para as tarefas mais repelentes, os "batedores" para preceder as carroças carregadas de cadáveres e "comissários" para fiscalizar os dois primeiros; além disso era necessário fornecer ao lazareto médicos, medicamentos, cirurgiões, instrumentos e víveres.

PROF. MONIR: A gente não tem ideia do que possa ser uma coisa dessas, porque nunca mais vivemos isso. Mas no Brasil, quando houve a gripe espanhola, os acontecimentos foram muito parecidos com isso. Entre outras coisas, os moribundos eram colocados na calçada e eram mortos a pauladas pelos carregadores de cadáveres. Isso no Brasil, no século XX. Tivemos um presidente da república, Rodrigues Alves, que morreu de gripe espanhola nessa ocasião. A gripe espanhola, uma variante da gripe aviária (não da gripe suína), é uma coisa de uma letalidade extraordinária. Nós não sabemos o que é isso. As pessoas todas contaminadas, morrendo como moscas. Todas as mínimas delicadezas humanas desaparecerem. Todos os respeitos, todas as considerações, tudo desaparece da noite para o dia. Há uma coisificação das pessoas. Esse é o quadro que se viveu lá e o Alexandre Manzoni descreve com uma portentosa habilidade literária. Muito bonito no sentido literário da palavra, não no sentido da coisa em si.

Os corpos permaneciam insepultos. Malfeitores aproveitavam-se da confusão geral para praticar extorsões e rapinas. Corria o boato de que a peste estivesse sendo espalhada de propósito por delinquentes sádicos chamados "untadores". *"O terror dissolvia os laços mais íntimos, elevava sombria desconfiança entre esposos e irmãos"*. Dom Borromeo distribui comida para milhares de pessoas e sacrifica a vida de dezenas de religiosos na luta contra a epidemia.

PROF. MONIR: O Dom Abbondio, né? Nem teria sido capaz de pensar numa coisa dessas.

Capítulo XXXIII

> *Certa noite, em fins de agosto, quando o contágio chega ao auge, Dom Rodrigo regressava ao seu domicílio, em Milão, escoltado pelo Griso, um dos poucos servidores que a epidemia lhe poupara. Acabava de deixar um grupo de amigos, companheiros de orgias; fora nessa noite, o conviva mais alegre, e divertira o auditório com uma espécie de elogio fúnebre do Conde Atílio, arrebatado na antevéspera pela peste.*

PROF. MONIR: O Atílio era o primo dele que tinha feito a aposta, né? Morreu.

> *Na rua acometera-o, no entanto, um insólito mal-estar, uma ardência interna, uma opressão, uma moleza que ele bem quisera atribuir só ao vinho, à vigília e ao calor. (pág. 206)*

O Senhor Rodrigo não consegue dormir: os lençóis lhe pesam como chumbo. Mal fecha os olhos, acorda em sobressalto, com o corpo em fogo. Quando consegue adormecer, sonha estar numa igreja repleta de gente com "*rostos amarelados e decompostos, olhos vidrados, lábios pendentes*". No sonho, todos os circunstantes olhavam para Frei Cristóvão, "*de mão erguida, na atitude que tomara na sala térrea do castelo*". O fidalgo tenta agarrar a mão do religioso e acorda, "*soltando um grito estridente*". Examina o seu corpo e dá com uma intumescência arroxeada, um bubão repulsivo.

PROF. MONIR: Por isso que a peste se chama peste bubônica. Porque ela gera bubões, que são como se fossem feridas intradérmicas, de aspecto repulsivo e de cheiro insuportável. Daí o nome.

Manda Griso buscar o cirurgião Prego, mas Griso busca, na verdade, dois "*monatti*" que o imobilizam enquanto o sicário arromba o cofre. Exausto com a luta, o Senhor Rodrigo desmaia e é levado embora numa padiola. Griso, no dia seguinte, durante uma orgia numa taberna com o dinheiro roubado do patrão, sente um súbito mal-estar e prosta-se sem forças. *"Despojado de tudo quanto trazia no corpo, arremessado a um carro de transporte, expirou antes de chegar ao lazareto onde, na véspera, fora internado o seu senhor"*.

PROF. MONIR: Portanto sabemos agora que o Rodrigo está com a peste e está internado no lazareto, como os milhares de outros doentes. Não aconteceu uma porção de reviravoltas do destino? Ainda não resolvemos o problema do casamento, no entanto.

Na zona fronteiriça entre o Ducado de Milão e a República de Veneza, onde estava Bérgamo, a doença também grassava. "*Renzo contraiu a moléstia e curou-se por si, isto é, nada fez*". O fiandeiro decide voltar ao Ducado, "*fosse como fosse*". Sob o nome falso de Antônio Rivolta, Renzo toma o caminho de Lecco, onde chega incógnito. Encontra, quase irreconhecíveis, Tônio e o Padre Abbondio, com o rosto pálido e enegrecido, sinais de serem sobreviventes da tragédia. Tônio, enlouquecido (*dizia o tempo todo "A chi la tocca, la tocca"*), havia acabado sozinho sem sua numerosa família. O padre conta a Renzo que Lúcia estaria em Milão na casa do Senhor Ferrante e que Inês havia se mudado para a casa de uns parentes em Pasturo. Isso se as mulheres ainda estivessem vivas. Levantando os braços

esqueléticos, como que invocando a clemência divina, queixa-se*: "Quando me ia sentindo melhor... Em nome do céu, que vem fazer aqui? Volta..."*

PROF. MONIR: "Agora que eu tava melhorando já, aparece você aqui, não é possível que eu tenha um azar desse", isso é o Abbondio dizendo.

O cura desfila o rosário dos nomes dos mortos; famílias inteiras e também Perpétua.

Renzo acha seu sítio reduzido a um matagal, "*inextricavelmente enredado de urtigas, de fetos, de joio, de azedas*". O interior da casa arrombada está habitado por ratos e aranhas.

No dia seguinte, partiu sem se apressar e "*chegou à tarde nos arredores de Milão; ao amanhecer entraria na cidade, e contava iniciar logo as pesquisas*" para descobrir o paradeiro de Lúcia.

Capítulo XXXIV

Renzo encontra Milão devastada. "*Em certo ponto do terrapleno, elevava-se densa nuvem negra de fumaça que se perdia na atmosfera pardacenta e parada*", produto da fogueira que queimava roupas e móveis dos infectados. Os poucos passantes estão arredios e agressivos. O fiandeiro procura pela residência do Senhor Ferrante, cuja indicação obteve de um padre. Seguindo as instruções...

> *Viu-se, de fato, num quarteirão que lembrava uma cidade de criaturas vivas. Mas em que estado! Fechadas, pregadas ou assinaladas com cruzes as portas de todas as casas, exceto as dos prédios desabitados! Por toda parte, trapos*

repelentes, manchados de pus, excrementos mal cheirosos, roupa de cama arremessada pelas janelas, cadáveres de pessoas ceifadas de improviso pela peste, corpos depositados na rua à espera da passagem dos carros de transporte, caídos dos próprios carros, ou atirados simplesmente pela janela, que a calamidade embrutecera as almas, obliterando todo sentimento piedoso, toda consideração social. Um silêncio de morte estabelecera-se na cidade, quebrado apenas pelo rumor dos carros fúnebres, pelos berros dos "monatti", por gritos frenéticos ou gemidos de enfermos. Ao alvorecer, ao meio-dia e ao crepúsculo, o som plangente dum sino do 'Duomo', a que se uniam logo os das outras igrejas, dava o sinal das preces prescritas pelo arcebispo. (pág. 217)

PROF. MONIR: O próximo trecho é de uma tristeza profunda, é a descrição de uma cena sobre a desgraça da peste. É muito triste, de verdade.

(...)

Descia a soleira duma casa e adiantava-se para o comboio, com passos fatigados mas firmes, uma mulher cuja aparência denotava uma mocidade se bem que madura, não ultrapassada, uma beleza ofuscada, encoberta, mas intata, não obstante uma dor profunda e um langor mortal: a beleza ao mesmo tempo delicada e majestosa que fulge no sangue lombardo. Os olhos da jovem mulher não vertiam lágrimas; mostravam, porém, vestígios de um pranto prolongado e, no seu pesar, havia um quê de sereno e profundo que revelava uma alma consciente e pronta a senti-lo. Nem só o seu aspecto lhe valera, entre tantas misérias, essa atenção compassiva, nem só ele reavivava a piedade embotada, amortecida nas almas. É que ela trazia, sentada nos braços, uma menina duns nove anos, morta, mas bem penteada, e envolta

num vestidinho imaculado, como se as mãos maternas a tivessem preparado para uma festa, prometida havia muito como um prêmio. A mãozinha, alva como cera, pendia, inerte; a cabecinha pousara-se, em atitude que não era a do sono tranqüilo, no ombro da mãe – que era a mãe bem o indicavam não só a semelhança das duas fisionomias, como o que se podia ler na que ainda exprimia um sentimento.

Um sórdido 'monatto' aproximou-se, para pegar a pequena, com insólito respeito e uma hesitação involuntária.

– Não! – disse a moça, recuando, sem mostrar irritação nem desprezo. – Não a toque agora. Eu mesma a deitarei no carro. Tome – acrescentou, entregando ao 'monatto' uma bolsa. – Prometa que não lhe tirará nem deixará que lhe tirem um fio sequer, e que a sepultará assim.

(...)

A mãe beijou-a na testa, ajeitou-a como se a deitasse na cama, cobriu-a com um lençol e disse:
– Adeus, Cecília; descansa em paz. Logo à noite, estaremos contigo. Entretanto, reza por nós. (pág. 218)

Atingindo o endereço, Renzo recebe a notícia de que Lúcia estava no lazareto. Batem-lhe a porta e ele desesperado tenta obter informações com as circunstantes que, sem o conhecer e perturbados pela situação, tomam-no por um "untador": "*O untador! Peguem o untador*!" Renzo foge com a ajuda dos monatti que carregavam seu cortejo de cadáveres, bebendo vinho e fazendo uma algazarra sinistra. Uma tempestade se avizinha nos céus e no ar.

Renzo abandona o tétrico comboio quando ele passa na frente do lazareto: *"Assomando à porta, entrou e permaneceu um instante, imóvel, no centro do pórtico".*

Capítulo XXXV

> *Imagine o leitor o interior do lazareto, povoado por dezesseis mil pestosos, atravancado de tendas, de barracas e de veículos, repleto de gente – duas filas intermináveis de pórticos, à direita e à esquerda onde se aglomeravam enfermos e cadáveres atirados confusamente a esteiras e enxergas; e em todo o vasto covil, um zumbido, um movimento incessante de convalescentes, de frenéticos, de enfermeiros. Tal era o quadro que se deparou de improviso a Renzo e que o fez estacar a princípio, tolhido de assombro.*
>
> *(...)*
>
> *A atmosfera pesada agravava os padecimentos; o homem, já abalado pela moléstia, sucumbia à nova opressão. Centenas de enfermos pioravam subitamente. As agonias tornavam-se mais penosas; os gemidos, mais fracos. Talvez ainda não houvesse pairado sobre aquele vale de dores hora pior que essa. (pág. 223)*

Renzo encontra, fraco e desfigurado pela doença, Frei Cristóvão, que ali servia havia três meses. O capuchinho, que não sabe de Lúcia, instrui o fiandeiro sobre como procurá-la no meio de tanta gente. Adverte-o, no entanto, a esperar pelo pior, porque pouquíssima gente escapava. Renzo, vingativo, ameaça ir atrás de Rodrigo, se ainda estivesse vivo, caso encontrasse Lúcia morta. O religioso se descontrola:

> *– Infeliz! – bradou Frei Cristóvão, recobrando a antiga voz cheia e sonora – Infeliz! Olha, infeliz! Vê quem é que o pune, o que julga sem ser julgado, o que*

flagela e perdoa! Mas tu, verme da terra, queres fazer justiça! Sabes lá o que é justiça? Vai, infeliz, vai-te! Eu esperava... Sim; esperava que, antes da minha morte, Deus me desse o consolo de ver a minha pobre Lúcia viva, de receber a promessa de que ela rezará, pensando na cova em que eu descansarei. Vai! Tu me tiraste a esperança. Deus não pode ter deixado Lúcia na terra, para ti. E não terás a ousadia de te julgares digno de seres consolado pelo Senhor. Ela, sim; porque era uma das almas a que estão reservadas as consolações eternas. Vai! Não tenho tempo para te ouvir! (pág. 226)

PROF. MONIR: Ele está pedindo vingança, né? O Renzo, quando ele é alertado da possibilidade muito concreta de Lúcia ter morrido. E o Frei Cristóvão diz pra ele: "Não faça isso, quem é você pra pedir justiça? Olhe o que tá acontecendo, não tenho tempo pra isso, pra ficar ouvindo você com as suas arengas de justiça. De pequenas vinganças". É isso que ele diz aqui. É um dos momentos mais interessantes da obra. Logo em seguida aparecerá a ideia do perdão como sendo uma das mais importantes lições que essa obra traz, do ponto de vista do seu conjunto de considerações. Reparem.

Renzo, caindo em si, diz que perdoa Rodrigo, que perdoa sinceramente. Como Renzo parece realmente arrependido, o frade o leva à enfermaria onde jazia o fidalgo, imóvel com os olhos arregalados que não viam, *"dir-se-ia... um cadáver, se um espasmo violento não denunciasse uma vitalidade obstinada".*

Capítulo XXXVI

Como todos os dias na capela octogonal, o Padre Félix discursava na presença dos pouquíssimos convalescentes. Renzo assiste a cerimônia, mas não reconhece ninguém. Vai ao pé da capela, ajoelha-se e ora fervorosamente. Entra

na enfermaria das mulheres disfarçado de monatto, colocando campainhas nos tornozelos. Procurando a noiva entre as doentes, ouve uma voz conhecida confortando uma velha comerciante, deixada viúva pela peste. Era Lúcia que havia se recuperado como ele e agora cuidava das doentes. Ela quer saber se Dona Inês lhe havia escrito e, ao saber que sim, indaga porque havia vindo mesmo assim. Renzo propõe trocar o voto de virgindade pela promessa de chamar a primeira filha de Maria e ela lhe diz que vá embora pelo amor de Deus.

PROF. MONIR: Foi uma tentativa razoável, convenhamos.

Renzo conta a Lúcia que Frei Cristóvão estava no lazareto e que havia pedido para o casal rezar junto pelo Senhor Rodrigo. Como Lúcia resiste, Renzo procura o frade na enfermaria masculina e lhe conta a história do voto de Lúcia. Reunidos os três, o sacerdote diz a Lúcia que quando do voto a Nossa Senhora, ela já estava comprometida com Lorenzo e o "*Senhor aceita os sacrifícios e ofertas, quando são só nossos, quando partem do nosso coração, de nossa vontade*". Em outras palavras, sendo o voto amoroso dos dois e não tendo Lorenzo desistido, tinha precedência sobre o posterior e a igreja tinha autoridade de conservar ou rescindir as obrigações que os homens contraem com Deus: "*Se me pedir que eu a declare desligada do seu voto, eu não hesitarei; desejo até que me faça este pedido*". Ela pede. O frei a alivia e lhes aconselha: "*Ensinem aos seus filhos a perdoarem sempre, a perdoarem tudo*".[30]

PROF. MONIR: Essa é a citação mais célebre da obra. Ela ganhou status de citação eterna, é muito bonita em italiano, bonita também em português: "*Digam aos seus filhos que perdoem sempre tudo, tudo, tudo.*", que é uma regra

30 Nota do resumidor – No original, "Dite loro che perdonino sempre, sempre! Tutto, tutto!", citação mais célebre da obra.

de uma profunda cristianidade, se você for pensar bem. Mas porque ela está aí exatamente nós vamos entender daqui a pouco. Desse modo, o Frei Cristóvão liberou a moça do voto de virgindade e agora é possível finalmente que eles possam casar.

Renzo parte para dar notícias a Dona Inês. Lúcia fica tomando conta da viúva, agora sua nova protetora. O fiandeiro despede-se de Frei Cristóvão.

– Oh! Meu caro padre, não nos tornaremos a ver?

– Lá em cima, espero.

PROF. MONIR: O padre também está doente, e está prevendo sua própria morte.

E o religioso afastou-se. Renzo seguiu-o com o olhar, até perdê-lo de vista. Depois encaminhou-se, a passos largos, para a saída, deitando à direita e à esquerda um derradeiro olhar àquele asilo de sofrimentos. Via por toda parte grande azáfama, para prevenir o assalto da tormenta iminente. (pág. 236)

PROF. MONIR: Está para cair uma grande chuva... a água, dentro da simbologia da literatura, é um dos elementos mais poderosos, porque a água tem um conjunto de significados simultâneos muito grande. Então reparem que no *Rei Lear*, quando ele é expulso de casa pelas suas filhas, ele cai numa tempestade. A tempestade é uma desorganização de certa ordem para substituí-la por outra ordem que não está ainda presente. O que acontece aqui é que essa tempestade marca de alguma maneira essa modificação profunda do estado das coisas. Essa tempestade separa dois mundos, um do outro, e a coisa assume uma conotação completamente diferente, reparem.

Aluno: [*Diz que também há o dilúvio*.]

PROF. MONIR: O dilúvio também, o dilúvio é um modo de você destruir a ordem velha e colocar uma ordem nova. Portanto a água tem esse poder transformador da ordem. Porque a água é plástica, ela não tem forma. Então a coisa precisa se dissolver em água pra se retransformar numa outra coisa. Perde a forma que tem para adquirir uma forma nova que não existe ainda.

Capítulo XXXVII

Cai a tempestade. Renzo caminha expondo-se "*gostosamente à fúria do aguaceiro. Em meio dessa revolução da natureza, sentia mais livremente, com mais intensidade, a mudança que se operara no seu destino*". Alguns dias depois, constatou-se que a tormenta havia reduzido o contágio e as portas das residências e dos negócios haviam se reaberto e "*não se tornou a falar de peste, senão para aludir à quarentena e a algum caso esporádico observado aqui e acolá...*"

Em Pasturo, Renzo informa à futura sogra da boa saúde de Lúcia e combina de estabelecerem-se os três em Bérgamo, *"onde (ele) já se colocara em condições favoráveis".*

De volta à sua terra natal, enquanto espera acabar a quarentena de Lúcia, Renzo evita a todo custo falar com o Padre Abbondio.

Gertrudes, que havia sido removida para um mosteiro de Milão, penitenciara-se *"e fizera de sua existência um suplício tal que, exceto a morte, não seria possível conceber outro mais severo".*

PROF. MONIR: Também a Monja de Monza se regenera e fica bacana. Depende do ponto de vista, obviamente.

ALUNOS: [*risos*]

Frei Cristóvão havia morrido, conforme previsto por ele mesmo.

O casal Praxedes e Ferrante também morrera, sendo que Ferrante o fizera negando até o último momento a existência da peste, supostamente por meio de argumentos aristotélicos e astrológicos. *[risos]* Morrera como um herói de tragédias, "*apostrofando os astros*".

O rábula também morrera.

Capítulo XXXVIII

Chega à aldeia enfim Lúcia trazendo consigo sua protetora-viúva. Renzo procura Abbondio para combinar o casamento: *"Senhor cura, passou-lhe enfim a dor de cabeça? [risos] Já pode casar-nos. Vim para lhe pedir isto; mas desta vez, estimaria que não houvesse delongas".*

O cura não discorda, mas à sua maneira põe-se a opor argumentos e insinuar precauções, "*dando a entender que os noivos bem poderiam casar-se noutra parte*". Renzo conta-lhe sobre o estado terminal do Senhor Rodrigo, mas o padre, desconfiado, resiste.

Naquela tarde, as três mulheres vão à casa paroquial, mas o padre continua a criar dificuldades, citando a existência de um mandado de prisão contra Ren-

zo. Chega o fiandeiro com a notícia de que o castelo de Rodrigo havia sido ocupado por um marquês, o que indicava a morte do antigo proprietário, fato confirmado pelo sacristão Ambrósio. Então, o Padre Abbondio concorda imediatamente em casá-los, sem mais, dispensando os proclamas: *"A peste cancelou muitas coisas, meus filhos!"*

PROF. MONIR: Proclamas é a divulgação que se faz do casamento antes da sua realização para que alguém que esteja em desacordo, por exemplo o marido ou a mulher de um dos dois candidatos ao casamento, possa reclamar dizendo que já são casados. Porque não há bigamia religiosa, só há bigamia civil, e o padre não tem como saber se a pessoa já era casada ou não.

O Marquês, herdeiro de Rodrigo, para compensar os desmandos de seu parente, quer ajudar os noivos e o cura o incentiva a comprar por valor exorbitante as propriedades do casal de partida para Bérgamo e que tratasse de anular os mandados de prisão contra Lorenzo. Ele concorda.

Finalmente desponta o dia "tão suspirado". Os noivos entram triunfalmente na igreja e recebem do Padre Abbondio a bênção nupcial, jantando depois na casa do Marquês que ceou separado com o cura, porque tinha humildade suficiente *"para descer abaixo dos aldeões, mas não a ponto de se pôr com eles no mesmo nível".*

PROF. MONIR: Uma ironiazinha do Manzoni, né? Ele é humilde pra descer, mas não para ficar junto.

Em Bérgamo, apesar de Lúcia ter sido esperada com grande expectativa e não se revelasse bela à altura das fantasias dos locais, Renzo compra uma fiação em sociedade com seu primo Bartolo.

PROF. MONIR: Depois de Renzo ter contado todas essas peripécias para o pessoal lá, eles ficaram imaginando que viria uma mulher incrível, e tal. E a Lúcia é apenas uma mulher normal.

A primeira filha do casal foi batizada Maria.

> *Renzo comprazia-se em narrar as suas aventuras; dava gosto ouvi-lo enumerar as grandes coisas que aprendera naqueles dias de provação:*
>
> *– Aprendi a não me envolver em arruaças; aprendi a não discursar na rua; aprendi a não beber demais; aprendi a não puxar aldrabas, quando anda à roda gente desconfiada; aprendi a não afivelar uma campainha ao tornozelo, sem medir bem as conseqüências...*
>
> *E assim por diante.*
>
> *Lúcia não discordava dessa doutrina; achava-a, porém, um tanto falha. À força de ouvir os mesmos argumentos e de meditá-los a fundo, disse um dia ao seu moralista:*
>
> *– E eu? Que quer você que eu tenha aprendido? Não fui buscar os contratempos; foram eles que me procuraram. A não ser – acrescentou, sorrindo – que o meu disparate seja querer-lhe bem e ser sua mulher.*
>
> *A princípio, Renzo ficou entalado; depois dum longo debate, convieram os dois em que os dissabores não raro nos vêm da irreflexão, mas que o procedimento mais inocente e cauteloso não basta para conjurá-los; e, quando nos afligem, por falta nossa ou alheia, a confiança em Deus os atenua e torna proveitosos, para uma vida melhor.*
>
> *Embora resulte dum raciocínio de criaturas humildes, esta conclusão parece-nos tão justa e acertada, que aqui a transcrevemos, como suma de toda a nossa narrativa. (pág. 247)*

PROF. MONIR: Então eu queria reler agora esse pedacinho aí no finalzinho:

> *os dissabores não raro nos vêm da irreflexão, mas que o procedimento mais inocente e cauteloso não basta para conjurá-los;*

PROF. MONIR: Ou seja, os dissabores não podem ser resolvidos apenas com os nossos procedimentos.

> *e, quando nos afligem, por falta nossa ou alheia, a confiança em Deus os atenua e torna proveitosos, para uma vida melhor.*

PROF. MONIR: E então? Gostaram da história?

ALUNOS: Muito bom! [*aplausos*]

PROF. MONIR: Essa é uma história maravilhosa, e seria melhor que vocês lessem o livro, porque o livro está muito acima de qualquer possibilidade de um resumo representá-lo. Não é isso? O livro é muito melhor, é muito bom. Sobretudo naquele momento da descrição da peste, esse livro então é soberbo, no sentido positivo da palavra. Eu queria antes de mais nada agradecer muito à Inês. Muito obrigado, você é um anjo. A Inês sempre faz uma leitura magnífica aqui, melhora muito a compreensão do resumo.

Então eu queria dizer que esse livro é uma coisa extraordinária, e há aí uma porção de reflexões importantíssimas sobre ele que nos cabe fazer agora até o final do nosso tempo aqui. Essa história... vocês sabem que o método de interpretação que a gente usa aqui é de interpretar a história em si. Nós não estamos muito preocupados em saber quais são as implicações sociais,

econômicas, que a história tem... esse ponto de vista não nos interessa. A pressuposição aqui é que há uma história com determinado conjunto de acontecimentos e que esse conjunto de acontecimentos tem um significado. Pode ser que esse significado não seja único, pode ser que tenha mais de um. De fato, é muito provável que tenha mais de um. Mas isso não tem muita importância, porque se nós acharmos um, já teremos feito uma grande coisa. Não é? A verdade é que o significado da obra precisa estar associado à narrativa, porque senão a gente fica pressupondo coisas. Nós não temos o direito de fazer pressuposições, estabelecer hipóteses não presentes na obra, hipóteses fantasistas para tentar provar determinadas teses.

Então essa é uma limitação que esse tipo de interpretação nos impõe. Ou seja, a história é muito simples, temos um casal de jovens pobres que querem casar, Lorenzo e Lúcia, e que, por uma série de obstáculos, não conseguem. Eles acham que estão prontos pra casar num certo dia, até arrumaram quatro galos como refeição para a festa do casamento... Mas um determinado sujeito mau caráter, chamado Dom Rodrigo, e o seu primo Atílio, fazem uma aposta em que Rodrigo garante que vai conseguir a mulher até tal dia. E então esse Rodrigo começa a ameaçar um padre muito fraco, que é o Padre Abbondio (uma espécie de modelo de fraqueza humana, de falta de coragem, de falta de decisão...), um modelo humano negativo. E esse Padre Abbondio fica então com medo de casá-los.

Eles tentam todos os métodos, pedem ajuda ao Frei Cristóvão, que é o contrário do Padre Abbondio – ou seja, é um sujeito corajoso, nobre, que havia decidido ser frei de verdade depois de passar por uma série de dissabores pessoais. Esse homem inventa um plano de fuga para que eles possam sair do controle do Rodrigo.

Nesse plano de fuga as coisas dão muito mal, porque não só Lúcia acaba caindo nas mãos de uma libertina, que é a Monja de Monza, como Renzo acaba caindo em Milão onde se envolve numa encrenca enorme por causa das manifestações contra a carestia de pão que aconteceram justamente ali, por coincidência, na sua chegada. O resultado dessa situação é que aquele desejo de casar, aquela intenção muito modesta e humilde havia desgraçado a vida dos três, porque a mãe agora havia sido expulsa de casa, tinha que ficar com a filha. A moça estava nas mãos de uma pessoa má e o Renzo estava fugindo da polícia como sendo um agitador, responsável pelos motins, ou seja, correndo o risco concreto de até receber uma condenação à morte.

E a situação parece estar num impasse, não há muito o que fazer. A coisa começa a mudar quando o Rodrigo resolve raptar a moça das mãos da Monja de Monza. Ele tem um contato dentro do convento, o Egídio, uma espécie de companheiro de libertinagem, e eles de fato conseguem raptá-la por meio do Inominado, que é uma personagem muito interessante, muito intrigante nessa história toda. O Inominado então faz o rapto da moça, a pedido do Rodrigo. Mas quando o Inominado se depara com a moça, e acontece aquele fenômeno que eu expliquei, que é o contraste entre a perversidade humana e a nobreza humana – a nobreza sendo representada pela Lúcia e a perversidade por ele –, ele finalmente se dá conta de quem ele é. Ou seja, ele toma consciência da sua própria vida. A tomada de consciência implica que ele resolva mudar essa vida. E essa mudança de consciência que faz o nosso Inominado é que começa a mudar o destino da história inteira. Porque tendo ele feito isso, e tendo sido convertido pelo Cardeal Borromeo, que é uma figura essencial, não há mais uma perseguição sistemática contra os dois.

Agora eles têm amigos novos, o Cardeal Borromeo e o Inominado. Conseguem então produzir uma proteção pra moça, embora o rapaz esteja lá em Bérgamo, ainda sujeito à perseguição. No entanto, acontece aí nesse meio tempo mais um problema que é o fato de que ela, no desespero, não sabendo o que ia ser da sua vida, faz um voto de castidade. E tendo feito isso, ela fica impossibilitada de se casar com o Renzo, que era tudo que ela queria, em última análise. Que era o que havia gerado toda a história desde o início.

Essa situação parece gerar um impasse impossível, tanto é que ela manda uma carta para o Renzo em Bérgamo dizendo que não tem mais casamento. Renzo fica muito aborrecido com isso e resolve vir atrás dela, e nesse meio tempo acontece o advento de um fenômeno, um acontecimento sanitário, que é a Peste de Milão. Na Grande Peste de Milão há uma espécie de equalização geral de todas as coisas, porque o Rodrigo, que tinha todos os poderes do mundo agora não tem mais, porque se encontra à morte num lazareto, ou seja, num lugar onde você coloca os leprosos. Vem de "Lázaro". É um eufemismo para dizer "leprosário". E o Renzo acaba encontrando a Lúcia salva, ele mesmo fica com a peste, mas se salva – o seu corpo reage sozinho, não havia remédio. Portanto dependia simplesmente da habilidade individual de cada um, ou seja, da capacidade de cada corpo resistir àquela agressão. E ele encontra a Lúcia também lá no lazareto, encontram-se os dois, e encontram o Rodrigo.

A primeira atitude de Renzo com relação ao Rodrigo é uma atitude de rebelião, e ele faz menção de vingar-se do Rodrigo, vingança essa que é desautorizada pelo Frei Cristóvão, que também está no lazareto. E ele acaba perdoando, não só isso, ele reza ao lado da cama... do leito onde está Rodrigo. A Lúcia precisa ficar lá mais um tempo. O Renzo vai para sua terra e,

no entanto, quando ele está saindo, começa então um temporal que muda definitivamente o destino das coisas. O temporal como que interrompe e reverte a tendência da peste, que melhora daí pra frente, em vez de piorar. Esse temporal então acaba produzindo uma modificação enorme em todas as coisas, modificação essa em que consta, entre outras coisas, a morte do Rodrigo (ou seja, a destruição do mando do Rodrigo) e a morte de uma enorme quantidade de pessoas em Lecco, onde eles moravam (mas eles não pretendem mais ficar em Lecco, irão morar em Bérgamo, na República de Veneza).

Então se conta que apesar de tudo, tudo deu certo. Recebem no final das contas uma bela compensação financeira pelo desastre todo, que foi o sucessor do Rodrigo ter comprado as terras de ambos em Lecco por um valor exorbitantemente maior do que o que valia. Eles então vão pra Bérgamo onde se transformam em capitalistas, empresários da seda. E daí supõe-se que eles tenham tido uma vida feliz, talvez até melhor do que se eles tivessem ficado em Lecco, e tivessem continuado apenas como dois funcionários de tecelagem. Pode-se, portanto, imaginar que o resultado final desse imbróglio todo é uma solução melhor do ponto de vista de conforto existencial do que teria sido obtida simplesmente por um casamento puro e simples, sem restrição.

E aí, o que pensar de uma coisa dessas? O que vocês acham? O que será que isso tudo significa? Essa é que é a questão agora, né?

Vamos começar a conversar sobre isso? Qual é o primeiro ponto que interessa entender aqui, diante desse resumo que eu fiz pra vocês? O primeiro ponto é que a vida humana tem uma característica que se chama livre-arbítrio. E

não adianta a gente negar o livre-arbítrio, porque não há existência humana sem ele. Há uma velha polêmica estabelecida, no início do cristianismo, de haver uma pretensa incompatibilidade entre o livre-arbítrio e a omnisciência divina. Essa polêmica é mais ou menos assim: ora, se Deus é omnisciente, quer dizer, se Deus sabe tudo, então Ele sabe tudo que eu farei na minha vida. Além de você e de mim, Deus sabe tudo que eu vou fazer.

Então se ao cruzar uma esquina eu for decidir se passo ou não um sinal vermelho, essa decisão Deus tem que obrigatoriamente saber qual é, porque se Ele tem omnisciência, Ele tem que saber se eu vou ou não passar o sinal vermelho. Mas se Ele sabe se eu vou ou não, ultrapassar o sinal vermelho, que livre-arbítrio é esse que eu tenho? Porque se Ele sabe o que eu vou fazer, é porque isso está de alguma forma programado, pré-determinado. Logo há quem ache – isso é uma discussão filosófica na doutrina da Igreja – que o livre-arbítrio exclui a omnisciência divina e vice-versa. Ou seja, se Deus tudo sabe, então não há livre-arbítrio. E se há livre-arbítrio, então Deus não sabe alguma coisa, alguma parte Deus não sabe. O que seria, nos dois casos, uma solução ruim.

Santo Agostinho, no livro *Confissões* – que nós, aliás, já estudamos aqui – fez uma interpretação desse assunto que resolve completamente esse problema. Diz assim, Santo Agostinho: "Olha, o livre-arbítrio e a omnisciência divina são completamente compatíveis, porque a decisão que eu tomo sobre se eu passo ou não o sinal vermelho é uma decisão que ocorrerá dentro do tempo". Não é assim? Lá na minha frente, daqui a cinquenta metros, tem lá o sinal vermelho. Eu estou indo na direção do sinal vermelho. Eu só vou tomar a decisão (posso tomar antes), mas eu só irei passar ou não o sinal vermelho, daqui a cinquenta metros, ou seja, daqui a quinze ou vinte segundos. O fato

de eu tomar uma decisão de furar o sinal vermelho ou de parar o carro é uma decisão temporal, porque ela acontece dentro daquele conjunto de circunstâncias da realidade em que nós vivemos. Nós vivemos subordinados às distâncias, às medidas, ao espaço e ao tempo. Mas, diz Santo Agostinho, para Deus não funciona do mesmo jeito. Porque Deus não vive dentro do tempo. O mundo em que Deus vive não tem tempo, porque Deus não tem matéria. E o tempo só existe quando tem matéria. Tanto é que eu só consigo calcular o tempo pela existência da matéria.

Por exemplo: o que é um ano? Um ano é o tempo que demora para que a terra dê uma volta inteira em torno do Sol. O que é um mês? É o tempo que demora para que a Lua dê uma volta inteira em torno da Terra. O que é o dia? O dia é o tempo que demora para que a Terra dê uma volta inteira em torno de si própria. Se não houver essas referências espaciais, eu não tenho tempo. Por exemplo, imaginem vocês que nesse transcurso da terra em torno do sol de repente a terra parasse. O que aconteceria, obrigatoriamente? O tempo também pararia. O tempo só existe porque existe espaço. Tanto é que eu não consigo calcular o tempo a não ser como referência ao espaço. O tempo não tem possibilidade de contagem autônoma; na verdade, rigorosamente falando, o tempo não existe. Em última análise é isso. Nós achamos que tem um negócio chamado tempo porque a nossa mente constrói uma espécie de artificialidade: ela gera um passado presente e um futuro presente e junta no presente presente. Mas o tempo, na verdade, é só o instante. Só existe o instante, porque o tempo que já passou não existe e o tempo futuro não veio ainda. Esse negócio do tempo é um pouco complicado, já era um assunto que Aristóteles tratou na *Física*. É um assunto importantíssimo. Quem resolveu os enigmas do tempo foi Aristóteles no livro *Física* e depois Santo Agostinho, que para resolver esse assunto específico, ajuda a

entender no *Confissões* que a diferença entre nós e Deus é que nós vivemos no tempo, porque somos seres materiais e concretos. Mas Deus não vive no tempo. O mundo em que Deus vive é um mundo sem tempo nenhum. Portanto para Deus – reparem no que eu vou dizer agora – todas as coisas acontecem simultaneamente.

O que um físico moderno iria dizer pra você é o seguinte: que Deus viaja a velocidade infinita. Uma entidade que viajasse a velocidade infinita estaria em todos os lugares ao mesmo tempo. É mais ou menos o que acontece com Deus. Para Deus não há tempo porque todas as coisas acontecem ao mesmo tempo.

O homem vive subordinado à ditadura da matéria, portanto tem tempo. Portanto quando nós vamos tomar a decisão de furar ou não o sinal, a gente toma essa decisão ao longo de um tempo, mas pra Deus não tem isso. Perguntaram para o Santo Agostinho: "O que é que Deus fazia antes de criar o mundo?" Santo Agostinho dizia assim: "Deus estava construindo o inferno pra botar quem faz pergunta cretina".

ALUNOS: [*risos*]

PROF. MONIR: Perguntavam para *Meister* Eckhart quando foi que Deus fez o mundo, aí dizia ele: "Deus está fazendo o mundo agora". Porque sob o ponto de vista divino, o mundo está sendo feito agora. Veja... a vida eterna que é prometida pra você no cristianismo não é um dia que não acaba nunca. Não é uma vida em que os anos passam e você não morre nunca. É uma vida em que não há tempo nenhum – é eterna no sentido de que não está sujeita à passagem do tempo físico. Compreenderam isso?

Portanto é óbvio que nós temos livre-arbítrio, porque seria uma coisa de uma absurdidade imensa, dentro do próprio conceito cristão, de nós termos sido feitos à imagem de Deus e não podermos tomar uma decisão. Não dá pra compreender o ser humano fora de um contexto de livre-arbítrio. De fato nós o temos. E é só sobre esse livre-arbítrio que nós temos responsabilidade moral.

Porque no final das contas, em última análise, o que é a nossa vida? Hoje à tarde nós discutimos com o grupo da *Ortodoxia* a ideia muito comum hoje em dia de que o homem é fruto do meio. Pois essa é uma ideia completamente sem sentido e sem cabimento. De fato, quando você nasce você recebe uma porção de coisas que você não escolhe: você recebe uma família que você não escolheu, você recebe um país que você não escolheu, uma época em que você vai viver, que você não escolheu, você recebe um corpo que você não escolheu, você recebe uma psicologia que você não escolheu, porque você herda dos seus antepassados características psicológicas que eles tinham e que você terá também. Do mesmo modo que você herda os olhos azuis dos seus antepassados, você também herda as tendências comportamentais dos seus antepassados.

Você pode dar a isso o nome de karma, mas cuidado – quando estou falando em karma, não estou imaginando nem de longe qualquer coisa como vidas passadas, como essas esquisitices. Eu estou dizendo que pelo simples fato de os seus antepassados terem um modo de agir, você tende a herdar esse modo de agir dos seus antepassados, pela mesma razão óbvia de que você herdou as características físicas das pessoas que vieram antes de você. Tudo isso você herdou, nada disso você escolhe. Você recebe como uma espécie de herança do destino. No entanto, a sua vida real não é isso que

você herdou. Não é isso que você tem. A sua vida real é o que você faz com tudo isso que você recebe. Portanto, você tem responsabilidade moral, em última análise, sobre as decisões concretas que você toma e, portanto, sobre as escolhas livres que você faz tendo em vista o conjunto de circunstâncias que você recebeu e que você não controla. Tá certo, pessoal?

Não dá pra entender a vida humana, a não ser assim. O que faz a vida humana ser a vida humana, portanto, é o conjunto de coisas que você recebeu sem ter escolhido, o conjunto das coisas que você escolheu – e aí, sim, sua vida começa a ter significado moral – antes disso, não. E também há um terceiro conjunto de influências, que são as influências espirituais, sejam positivas ou negativas, porque você não pode nunca afirmar que você não foi conduzido na sua vida por influências que não são humanas, tanto boas quanto ruins. Quem é que pode garantir que aquela intuição que você teve de que não era pra ir num certo lugar, num certo dia, não salvou a sua vida? Não é? O problema é muito complexo... Quem é que garante pra você que aquele engarrafamento por causa do qual você perdeu o avião não possa ter sido de alguma maneira fundamental pra você encontrar o seu marido ou a sua mulher? Como você pode saber se não houve uma mão invisível sobre a sua vida, tanto boa quanto má, e que isso possa ter modificado a sua existência? Esse é o problema que nós estamos discutindo aqui em *Os Noivos.*

Os Noivos apresenta a história de um casal de pessoas muito modestas que têm, por consequência, pouquíssimos meios de ação sobre o mundo. Quais são os meios de ação que esses dois têm sobre o mundo? Eles conseguem comprar quatro galos para celebrar a festa de casamento, só. Ele tem vinte, a menina deve ter uns dezesseis ou dezessete anos. Qual é o poder de ação

que você tem sobre o mundo com essa idade? Nenhum. Eles são ricos? Não são. Eles são bem relacionados? Não. Não conseguem nem que o padre os case. Não têm nem autoridade pra exigir que o padre local os case. Portanto, eles não têm nenhum meio de ação sobre o mundo e estão aí precisando casar, tomar essa decisão. Se a nossa vida fosse apenas o resultado das nossas ações sobre o mundo... Vamos recuperar aquele modelo que eu estabeleci aqui. A sua vida depende de três grandes dimensões: daquilo que você faz pelo seu livre-arbítrio, daquilo que você recebeu sem ter pedido – e aí quando eu digo pra vocês que eles são dois pobrezinhos, eu estou dizendo que é essa a situação que eles receberam da vida –, e das interferências espirituais na sua vida que você não pode jurar que você não sofreu.

Se a vida humana fosse apenas o resultado daquilo que você recebeu da vida, a vida humana seria parecida com a vida de um bichinho. Como é que é a vida de um preá? Ele nasce lá num campo, aí se sobreviver aos predadores maiores ele vai ficar gordinho, vai aprender a se alimentar, um dia vai arrumar uma namorada, vai ter uns preazinhos com ela, até que um dia passa um carro por cima dele, um carro que estava indo pra Nova Londrina – era de noite, não foi de propósito. A vida de um preá é o quê? Um conjunto de acontecimentos que foram produzidos pela simples existência que você recebeu. A vida humana pode ser imaginada desse jeito? Sinceramente? Não pode. No entanto tá cheio de gente que acha isso. Por exemplo, todo o mundo que acha que o sujeito que nasceu na favela vai ser ladrão, acha isso. Todo o mundo que tem a ideia de que a violência e a criminalidade têm origem na falta de dinheiro, acha isso.

Quer dizer, a pessoa que declara que o pobre é criminoso é uma pessoa que tem essa perspectiva da vida. No fundo, essa perspectiva da vida, de achar

que o homem é fruto das circunstâncias, fruto do meio, é uma perspectiva darwinista. Pensando bem, não é? Nada mais darwinista do que isso. É a ideia de que os seres vivos estão adaptados a um certo meio ambiente, e na medida em que esse ambiente se modifica, alguns sobrevivem e outros não. Um argumento darwinista básico... Há mariposas de todos os teores de cinza. Quando começa a haver poluição, as mariposas brancas começam a ficar mais claras, a aparecer mais quando ficam nas árvores. Aí os pássaros comem as mariposas brancas porque as veem, e não comem as cinzentas porque essas ficam escondidas na poluição. Portanto um darwinista interpreta como sendo essa a vida da mariposa. Ela será vítima das circunstâncias. Compreenderam que isso é darwinismo puro?

A ideia de que nós somos vítimas das nossas circunstâncias é puro darwinismo. E é uma coisa terrível, porque nos transformou em seres sem nenhum mérito moral. Como é que você vai fazer o julgamento moral das pessoas se você não pode fazer nada, se você está desde o início carimbado para o sucesso ou para o fracasso? Portanto, a primeira ideia de que apenas aquilo que nós recebemos (a nossa herança, aquilo sobre o qual nós não temos influência) é que irá estabelecer a nossa vida é uma ideia muito precária.

Mas, por outro lado, também se você for afirmar que a vida humana é o resultado apenas das nossas ações concretas, daquilo que deriva do livre-arbítrio... é também muito difícil de defender isso, porque na prática você sabe que não é assim. Você sabe que na prática existem coisas que, a despeito da sua ação e das suas decisões tomadas numa certa direção, acontecem diferente daquilo que você havia planejado. Como dizia o John Lennon: "A vida é aquilo que acontece enquanto você faz planos". Então no meio dos seus planos tem a vida real, que é o que acontece verdadeiramente. O John

Lennon é um sujeito capaz de frases belíssimas e também das maiores imbecilidades, como aquela musiquinha *Imagine*, por exemplo, que é talvez a música mais imbecil que já se compôs na história da humanidade. [*risos*] Não tem nenhuma pior que aquela, acho que é impossível achar uma música mais equivocada. Apesar de ser bonitinha, né? Não tô discutindo o mérito musical. É bonita. Mas pra você compor uma coisa dessas...

Aluno: [*Faz comentário.*]

PROF. MONIR: O negócio do preá, eu tava só dando como exemplo, não fiquem impressionados.

ALUNOS: [*risos*]

Aluno: [*Faz comentário sobre a existência de "dois eus".*]

PROF. MONIR: Pessoal, é preciso não perder aqui o raciocínio, depois a gente volta a esse ponto. Deixa eu explicar aqui uma coisa importante que é o seguinte: eu estou dizendo pra vocês que há três dimensões que influenciam a vida humana. A primeira é aquilo que nós recebemos sem poder decidir, um conjunto de circunstâncias dentro das quais nós nascemos. Ortega y Gasset, um grande filósofo espanhol, diz: "Eu sou eu e as minhas circunstâncias". Essas circunstâncias influenciam a minha vida? É claro que influenciam. Mas elas não influenciam ao ponto de definir a minha vida, porque só seria assim se eu fosse um bichinho, um preazinho. Como eu não sou um animal, eu sou um ser humano, então eu tenho uma coisa chamada livre-arbítrio, que eu espero ter conseguido provar a vocês que existe. É ele que estabelece que eu posso de fato tomar decisões concretas sobre a minha vida, sim.

Mas o problema é que eu também não posso supor que as decisões que eu tomar sob o ponto de vista do meu livre-arbítrio serão decisivas na minha existência, porque eu já sei que existe um outro conjunto de circunstâncias, de forças, que são as que contingenciam a minha vida, que também estão ativas.

Portanto, o que é há no livre-arbítrio que o torna tão importante? É que no fundo, por mais que as circunstâncias sejam ruins e tenham impedido você de conseguir o que você queria, por mais que seja assim – pense numa pessoa que trabalhou a vida inteira com aquele sonho de melhorar de vida, toda a pessoa não é assim? Pega uma pessoa pobre, que começou com dezoito anos... Eu sei que a gente só fica conhecendo os casos das que dão certo apesar de tudo, mas a maioria das pessoas que são pobrezinhas, essas vão ser pobrezinhas o resto da vida! Um sujeito trabalha cinquenta anos, quando você vai ver a mudança que o sujeito vai fazer aos cinquenta anos, essa mudança cabe numa carrocinha. Tudo que ele tem na vida cabe numa carrocinha, ele leva daqui pra lá. Mesmo uma pessoa com grande capacidade de tomar decisões para si própria, ela pode não conseguir o sucesso que ela imagina, porque seu livre-arbítrio não foi capaz de produzir os meios que ela não tinha no início para mudar aquela situação que ela queria mudar desde o início.

No entanto, se o livre-arbítrio não garante a sua vida, pelo menos ele estabelece um parâmetro pelo qual você vai ser julgado moralmente. Porque o seu livre-arbítrio é, no fundo, a única coisa que podem cobrar de você. O que é que vão te cobrar no juízo final? As suas decisões, as ações concretas que você realizou de maneira livre. Aí vão dizer pra você: você fez isso e isso. As coisas que você fez é que vão ser julgadas, não o que você obteve.

Não é o resultado das suas ações no sentido automático e mecânico, mas a intenção com que você fez as coisas que você fez. Às vezes os seus atos não foram capazes de produzir os efeitos que você gostaria que produzissem. No entanto, existe um terceiro conjunto de circunstâncias que deve ser levado em conta.

Porque além daquilo que você é como herança, além do seu livre-arbítrio, também existe uma coisa extraordinária aqui, que se chama o mistério da Vontade Divina. Há um terceiro conjunto de coisas que são estabelecidas por alguma coisa que você não é capaz de entender, porque há limites da inteligência humana. A inteligência humana não é capaz de ter acesso a todo o conjunto da compreensão do mundo.

O que aconteceu com Renzo e Lúcia? Com relação aos seus meios de ação, aquilo que eles receberam do Destino, isso era forte em Renzo e Lúcia? Não. Ao contrário, eles não têm nada, eles não são nada, eles não mandam nada. Eles não têm meios de ação sobre o mundo. No entanto eles têm uma capacidade de decidir o que eles querem? Eles foram capazes de ter livre- arbítrio sobre as situações que eles viviam? Foram. Tomaram as decisões certas? Tomaram, corajosamente. No entanto, o poder que Renzo e a Lúcia têm sobre a situação que eles vivem é muito pequeno. E é por isso que eles não conseguem reverter a situação de empecilho do casamento. Porque o Dom Rodrigo tem muito mais poder do que eles. E é por isso que eles vão sendo impedidos.

No entanto, há uma coisa chamada Vontade Divina, que acontece aí... por que meios? Por um conjunto de circunstâncias que você pode chamar de Destino ou de Providência. Esse conjunto de circunstâncias, que são situ-

ações que vão aparecendo e se manifestando e se estabelecendo não depende da sua vontade, não depende do seu livre-arbítrio, portanto, e nem dos seus meios. Eles são simplesmente impostos por forças superiores às suas e eles se chamam então, sob o ponto de vista cristão, de Providência. Ora, o que é a Providência? É um conjunto de coisas que de alguma maneira irão produzir a ação final que você desejava, mas pelas maneiras mais tortas que você possa imaginar. Porque a Providência é exatamente aquele velho problema da má caligrafia de Deus. Eu, quando era mais jovem, dizia: "Deus é ótimo, pena que tem uma caligrafia desgraçada". O Destino não acabou resolvendo o problema de Renzo e Lúcia? Não foi o Destino que transformou tudo para que o casamento acabasse acontecendo?

Ora, quando você olha pra história dos dois, você descobre que a chave do enigma, fundamentalmente, é ter uma coisa chamada fé naquilo que o Destino está produzindo pra você. Na medida em que eles têm capacidade de compreender que há um Destino, uma Providência, uma espécie de mão invisível agindo o tempo todo sobre as coisas, e que essa mão invisível acabará por prover a solução ("providência" vem de "prover", não é?), então é possível que eles consigam o que eles querem. Mas não conseguirão isso pelas outras duas medidas, porque elas são insuficientes para obter mesmo uma coisa tão relativamente insignificante quanto o casamento.

Eu digo insignificante apenas no sentido de que não é nenhuma coisa extraordinária. É um desejo muito comum, muito simples, muito pequeno.

Aluno: [*Faz um comentário dizendo que Renzo buscava a ação, enquanto Lúcia se caracterizou pela busca da Providência Divina.*]

PROF. MONIR: Você tem razão. A verdade é o seguinte: você tem um princípio masculino ativo, e um princípio feminino passivo. Então é natural que a Lúcia tenha uma atitude passiva perante o problema, e o Renzo uma atitude ativa. Na verdade, a existência humana é composta dessa dualidade. O ser humano do gênero masculino é ativo por ser solar, e o ser humano feminino é passivo porque a mulher é lunar. A mulher sendo lunar ela reflete, ou seja, sofre a reflexão, ela é refletida. A Lua é que recebe a luz do Sol, e não o contrário, a Lua não tem luz própria. Isso significa na prática que a existência feminina, a natureza feminina, é uma condição essencial para a realização humana, porque só o rosto humilde da mulher é capaz de enxergar Deus. Porque a ação da Providência é invisível pra quem é solar. Por isso é que o Renzo se comporta de uma maneira mais ativa o tempo todo, querendo sempre tomar medidas de natureza drástica.

Ele quis matar o Rodrigo várias vezes, ele quer quebrar tudo a pau, quer fazer uma porção de coisas. Tem todo o tempo uma atitude masculina no sentido de tentar fazer uma ação sobre o mundo, pra que ele possa mostrar que está dando certo. Mas o problema da vida humana é que ela não é somente ação sobre o mundo. Simbolicamente, se você quiser olhar pra esse problema da dualidade de homem e mulher, aí você pode perceber o quanto é absolutamente essencial a complementaridade. Só tem uma possibilidade pra vida humana, é assim: dado o conjunto de circunstâncias que você recebe e que você não é capaz de mudar, porque você continuará sendo mais ou menos quem você é, até certo ponto – tem coisas que você não muda nunca: o seu corpo pode mudar um pouquinho, pode fazer uma cirurgia plástica aqui ou ali, mas você terá sempre uma porção de coisas que estão fixas e que não poderão mudar. Ora, essa existência humana que você recebe, ela precisa ser tratada com essa ambiguidade, com essa dualidade de ação.

Você tem que tomar as medidas ativas, porque é nisso que a sua vida moral será julgada, mas ao mesmo tempo você tem que confiar que Deus está olhando por você. Na simbologia dos sexos, é o homem quem tem a atitude de tentar resolver os problemas do mundo pela ação ativa, e a mulher é a quem tem a ação passiva. Nada mais é do que a dualidade de Maria e Marta – aquelas duas irmãs de Lázaro que representam a contemplação (Maria) e a ação (Marta). Essa alternativa entre contemplação e ação está presente em toda a literatura. Contudo, ela não é uma alternativa de verdade; na verdade a existência humana é a operação dessas duas coisas ao mesmo tempo. Portanto é preciso você ter ao mesmo tempo e simultaneamente a capacidade de ação sobre o mundo e também a capacidade de deixar que a Providência aja por você. Pra você deixar que a Providência aja sobre você, é preciso que você deixe que a luz da Providência o ilumine. Mas pra que isso aconteça e você possa ver essa luz, é necessário que você perca todo o orgulho, a soberba, a pretensão humana. Portanto, um mundo feito só de homens seria insuportável, porque seria um mundo de uma pretensão gnóstica de um tamanho inacreditável. Se fosse só de mulheres, seria um mundo insuportável também.

É por isso que você tem de ter necessariamente as duas perspectivas, a de ação e a de paixão. A ação, representada pelo princípio ativo solar e a paixão, pelo princípio passivo lunar.

Aluno: [*Faz um comentário sobre o Salmo 91*.]

PROF. MONIR: É, mais você não pode ficar sem ação. Sem ação não dá, porque a sua responsabilidade moral não é igual à passividade. Por isso é que Jesus Cristo, quando fala com Maria e Marta, você lembra o que Ele diz? Ele

conversa com as duas dando a entender que as duas têm razão de um certo modo. Nenhuma das duas está completamente certa. Nessa nossa existência nós temos que ter a capacidade de ação ativa e a capacidade de reflexão. As duas coisas têm de estar presentes. A ação pura e simples não é capaz de vencer os obstáculos estabelecidos pela condição, ou seja, os obstáculos estabelecidos pelos meios de ação que você realizou. Não tendo possibilidade de produzir uma ação capaz de fazer só isso, você tem que contar e confiar com a Providência Divina, porque ela deve estar fazendo alguma coisa por você.

Essa perspectiva de fé nas coisas é aquilo que o Manzoni gostaria que nós tivéssemos entendido aqui.

Aluna: [Comenta que as coisas começam a dar certo quando Renzo perdoa.]

PROF. MONIR: Exato, o que é perdoar? É perder o orgulho. O perdão que Renzo dá ao Rodrigo, que afinal de contas o tratou muito mal, é justamente ser capaz de compreender o que a Lúcia representa. É uma espécie de feminização do Renzo. Não feminização no sentido vulgar, mas uma feminização espiritual. É quando ele se transforma num ser humilde como a Lúcia é humilde. Essa modificação em Renzo é o reconhecimento de que não será possível vencer aquela batalha por uma coisa simplíssima como um casamento, e é só um casamento, nada mais que um casamento, e está impossível de fazer... quer dizer, eles não têm meios nem pra conseguir se casar! Dois pobrezinhos, que não brigaram com ninguém, que não fizeram nenhum mal, que não cometeram nenhum crime. Nem isso eles conseguem fazer. Eles não têm meios pra nada, e precisam contar com a Providência Divina pra poder fazer com que isso aconteça, afinal.

Aluna: [*Faz uma pergunta sobre calvinismo e livre-arbítrio.*]

PROF. MONIR: O calvinismo eu não conheço muito bem, mas o luteranismo... Lutero era um padre agostiniano. Para o luteranismo a situação é a seguinte: você está predestinado, porque depois do pecado original, o ser humano não tem mais os meios ou forças e energias para reverter sua sorte sozinho. O ser humano não tem condições de sozinho interferir na sua sorte e salvar a sua alma. Portanto, se ele não tem condições de fazer isso, ele precisa de uma espécie de ajuda. Só que essa ajuda que virá de Deus é uma espécie de concessão que Deus faz a você e não faz a mim. Porque ele gosta mais de você e gosta menos de mim. Essa ideia é profundamente judaica, se você for pensar bem. Porque os judeus é que acham isso, eles veem Deus como uma espécie de pai bravo, uma espécie de criatura vingativa. E o que os judeus fazem? Usam a técnica de ficarem amigos de Deus. Não é isso? Toda a técnica religiosa judaica é de que eles são amigos de Deus, o povo escolhido. De modo que eles daí ficam dizendo assim: "Bom, na hora de escolher quem vai sobrar, provavelmente eu vou entrar no grupo". O judaísmo é um processo de relações públicas com Deus. Entendeu?

A diferença é que para um predestinador, para alguém que aceita a predestinação como sendo verdadeira, a decisão que Deus tomará de salvar alguém depende de critérios exclusivamente de Deus. Mas você pode fazer algumas coisas pra ficar simpático aos olhos dele, como por exemplo ser bem comportado, ter uma vida humilde e austera. Você não sabe se Deus vai salvar você, mas você aumenta as suas chances de salvação porque afinal o seu comportamento está de acordo com uma humildade, com valores aparentemente desejáveis por Deus.

Aluna: [*Faz um comentário.*]

PROF. MONIR: Não, porque você pode ser completamente salvo mesmo com uma absoluta e total e completa passividade. Dentro do contexto luterano, agostiniano, você não precisa fazer nada para ser salvo, basta você não fazer nada errado. Quer dizer, você tem a possibilidade de salvação porque caiu nos olhos de Deus. Por isso é que um cristão tem que ter uma atitude de se tornar simpático aos olhos de Deus.

Agora, o que está aí em *Os Noivos* é outra coisa. Você não está isento de tomar as medidas para a sua própria vida. Veja como esse livro ficaria completamente estúpido se fosse um livro em que chegasse o padre e dissesse assim: "Eu não posso casar vocês". E eles respondessem: "Ah, tá bom. Não, certamente alguma ação da Providência vai gerar isso, alguém vai produzir isso pra mim". Se fosse esse o caminho que autor tivesse tomado, que sentido teria essa história? Nenhum.

A essência dessa história, eu vou resumir agora pra vocês: é a perspectiva que o Goethe tem da vida, no *Fausto I* e no *Fausto II*. Ali vocês têm a melhor demonstração disso que tá aqui. O que é a vida humana? A vida humana é pecado, é imperfeição, mas como é que você resolve o pecado? Você diz: "Então eu pequei, tá bom, mas agora eu vou fazer um monte de coisas pra compensar isso". A sua ação é absolutamente imprescindível para que você possa ter a realização humana. Mas a sua ação não pode ser soberba e não pode ser desvinculada do respeito pela Vontade Divina. Logo, a submissão à Providência e a tradução da Providência não apenas como destino cego e randômico, mas como sendo um conjunto de ações organizadas para produzir o melhor efeito sobre a sua vida, é o que torna a vida viável. Portanto,

o segredo de tudo está em ver no destino atos da Providência que são organizados com algum objetivo final que fará o seu bem, como aconteceu com Renzo e Lúcia.

Essas duas coisas tem que ser consideradas sempre. Tá certo?

Aluno: [*Faz pergunta sobre verbalizar palavras e as coisas acontecerem.*]

PROF. MONIR: Tem uma coisa muito importante que você disse, que é o seguinte: perdoar é "perder o ar", mas em que sentido? Perder o ar é exatamente o que está lá no *Sermão da Montanha*, é dizer que os pobres de espírito é que reinarão, que eles serão salvos.

O que é um pobre de espírito? É aquela pessoa que está desinflada, que não se leva muito a sério, que não se tem em alta conta. Deus imagina que temos uma certa humildade perante ele, porque existem mistérios que não somos capazes de entender. O sujeito que está inflado é o sujeito que tem ar. Perdoar é aquilo que faz o Renzo quando ele percebe finalmente que ele não tem aquele poder todo. O Frei Cristóvão dá aquela bronca nele pra ele se colocar no seu verdadeiro lugar. O Renzo é apenas um ser humano, tão pecador quanto os outros, e agora está aí com esses ares de vingador divino, de justiceiro do cosmos. O homem, pra entender o que está acontecendo com ele, precisa perder o ar, perdoar, indo no seu caminho. Perder o ar, a empáfia, a vaidade, perder o conteúdo inflado, perder o ar quente dentro do balão, pra que ele possa perceber finamente que há uma mão mais forte acima de todas as coisas.

Não é que a história seja sobre o perdão, essa história não é sobre isso. Mas o perdão é fundamental e imprescindível para que a personagem possa dar-se conta do que havia finalmente acontecido. O fato de que a Providência Divina agia com a mesma intensidade e que ela era capaz de resolver o problema, quando na verdade a ação concreta de que Renzo e Lúcia eram capazes era muito pequena porque as circunstâncias, ou seja, aquele conjunto de poderes que eles tinham sobre o mundo, era muito baixo.

Esse é o sentido da história. E o perdão ocorre justamente o momento em que a história se reverte, você tem toda razão em perceber isso como essencial. E então, pessoal? A minha dificuldade está bem grande aqui com essa gripe que eu tenho, eu estou bem cansado... Eu queria agradecer vocês.

(Resumo feito por José Monir Nasser, com excertos traduzidos por Marina Guaspari, retirados de Os Noivos, Ediouro, s/d, Rio de Janeiro.)

Federação das Indústrias do Estado do Paraná - FIEP | Presidente

Edson Campagnolo

Serviço Nacional da Indústria Paraná - SENAI | Diretor Regional Senai - PR

Serviço Social da Indústria Paraná - SESI | Superintendente do SESI/IEL - PR

José Antonio Fares

Assessora Executiva de Assuntos Estratégicos - Sistema FIEP

Maria Cristhina de Souza Rocha

Gerente de Cultura - Sistema FIEP

Anna Paula Zétola

Analista Técnico – Cultura - Sistema FIEP

Thaisa Bonato Lourenço

Analista Técnico – Cultura - Sistema FIEP

Kleberr Wlader

Normalização – Cultura - Sistema FIEP

Pandita Marchioro

Conteudista

José Monir Nasser (in memorian)

Revisão de transcrição

Patrícia Nasser